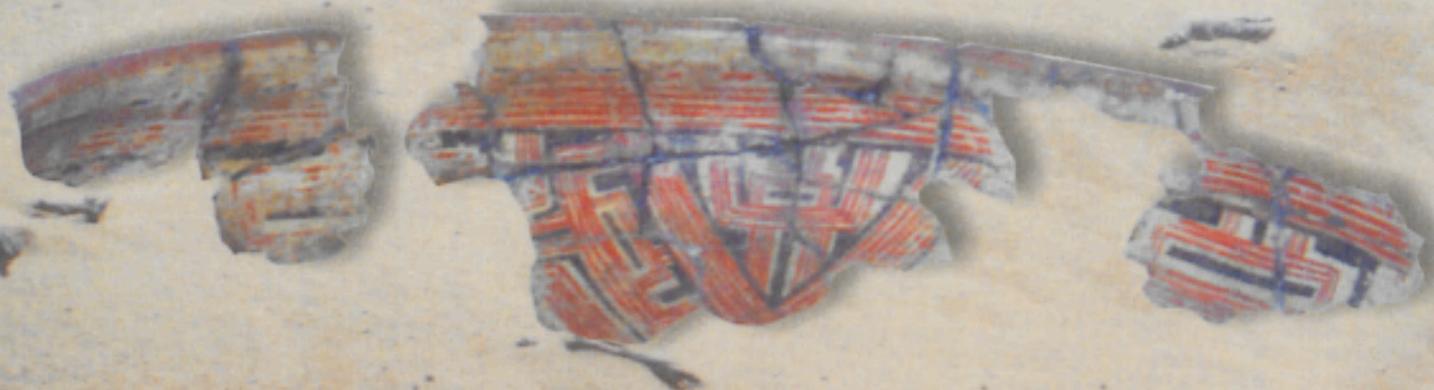


**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**



**CERÂMICA PRÉ-HISTÓRICA:**  
**UM VESTÍGIO ANCESTRAL DO RIO GRANDE DO NORTE**

**FRANCISCO DE ASSIS DE LIMA**

**NATAL // RN**  
**2004**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

10,0

**CERÂMICA PRÉ-HISTÓRICA:**  
**UM VESTÍGIO ANCESTRAL DO RIO GRANDE DO NORTE**

**FRANCISCO DE ASSIS DE LIMA**

NATAL/RN

2004

FRANCISCO DE ASSIS DE LIMA

**CERÂMICA PRÉ-HISTÓRICA:  
UM VESTÍGIO ANCESTRAL DO RIO GRANDE DO NORTE**

Monografia apresentada à disciplina Pesquisa Histórica II, ministrada pelo professor Helder do Nascimento Viana, do Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob orientação do professor Roberto Airon Silva.

NATAL/RN

2004

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela fé que me concedeu, e que me sustenta em adversidades.

Aos meus pais, Isabel e João, por terem me dado a vida e por ensinarem valores que norteiam minha trajetória.

A minha irmã Carolina, pela amizade que sempre me proporcionou, aos meus outros irmãos e familiares que torcem por mim, e ao meu querido pai, que sempre esteve presente na minha vida.

Ao padre Arnaldo de Fátima, que sempre esteve disponível para me ajudar em qualquer situação humana para me dispensar.

Ao professor Roberto Alves Nova, por dedicar a primeira edição desta obra.

A professora Arlene Costa, pela simpatia e pela atenção durante as aulas de matemática.

Ao professor Clyde Smith Junior, pela coordenação do curso de História de Estudos Históricos, do qual sou aluno constantemente.

A Jorge Távora Corrêas, que mencionando meu trabalho em 2014, me disponibilizou o espaço do acervo bibliográfico da Mesa Câmara Cascão.

Ao departamento de Arqueologia do Museu Câmara Cascão, por permitir que eu utilizasse o espaço da Luz Diária, que me abriu o acesso desta instituição.

Ao Frei Magnus Henrique, o qual me ajudou a organizar os dados e a apresentar os resultados que me proporcionaram.

A Inês e a Izabel, minhas irmãs, que sempre me incentivaram a seguir em frente.

A Milton Fleit, amigo de todos os tempos, que como irmão viveu comigo momentos bons, muitos durante.

A Leomar, cujo acervo compõe a coleção do Museu do Curso de História.

A Meire, pela convivência amiga, a Camila, pela disponibilidade, e a Tatiana e Camilla, pela amizade e ajuda.

A todos os meus amigos, pela presença em minha vida.

Aos amigos da resistência universitária pela convivência fraterna.

Aos professores que pensaram pela minha vida, que dividiram conhecimentos, e que contribuíram para minha formação pessoal e acadêmica.

À minha mãe Isabel e ao meu pai João

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela fé que me concedeu, e que me sustenta nas adversidades.

Aos meus pais, Isabel e João, por terem me dado a vida e me ensinado valores que norteiam minha trajetória.

À minha irmã Carmem, pelo suporte que sempre me proporcionou, aos meus outros irmãos e familiares que torcem por mim, e ao meu sobrinho Ivan, pela constante presença na minha vida.

Ao padre Armando de Paiva, que sempre tem uma orientação profundamente humana para me dispensar.

Ao professor Roberto Airon Silva, pela dedicada e paciente orientação.

À professora Aurinete Girão, pela simpatia e pela orientação sobre as normas técnicas.

Ao professor Clyde Smith Junior, pela contribuição ao acervo do Núcleo de Estudos Históricos, do qual me valho constantemente.

A Jorge Tavares (Jorginho) que atenciosamente nos recebia no NEH, e me possibilitou o acesso ao acervo bibliográfico do Museu Câmara Cascudo.

Ao departamento de Arqueologia do Museu Câmara Cascudo, na pessoa do professor Luiz Dutra, que me abriu o acervo desta instituição.

Ao Frei Magnus Henrique Lopes, e a todos os irmãos em São Francisco pelos ensinamentos que me proporcionaram.

A Joseane e a Inez, eternas amigas que sempre me auxiliam nas horas mais difíceis.

A Nilton Flen, amigo de todas as horas, que como irmão está sempre ao meu lado, embora distante.

A Leonor, cuja amizade conquistei no decorrer do curso de História.

A Meire, pela convivência amiga, a Camila, pela disponibilidade, e a Mel e Carlinhos, pela amizade e ajuda.

A todos os meus amigos, pela presença em minha vida.

Aos amigos da residência universitária pela convivência fraterna.

Aos professores que passaram pela minha vida, que com seus ensinamentos didáticos e humanos, contribuíram para minha formação pessoal e acadêmica.

## SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	
LISTA DE MAPAS	
INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1. A CERÂMICA PRÉ-HISTÓRICA BRASILEIRA	16
1.1 Metodologias utilizadas para a pesquisa da cerâmica pré-histórica no Brasil desenvolvidas durante o PRONAPA	21
1.2 As tradições cerâmicas amazônicas	24
1.2.1 Tradições cerâmicas no litoral amazônico	28
1.2.2 As atuais pesquisas arqueológicas na Amazônia	30
1.3 A tradição cerâmica Tapiguarani	31
1.4 Tradições cerâmicas de caráter regional no Brasil, excetuando o Nordeste	37
CAPÍTULO 2. TRADIÇÕES CERÂMICAS PRÉ-HISTÓRICAS NORDELISTAS	40
2.1 Críticas metodológicas	41
2.2 A pesquisa da cerâmica pré-histórica na região Nordeste	42
2.3 O conceito de fase arqueológica	43
2.3.1 As áreas arqueológicas com cerâmica pré-histórica no Nordeste	45
2.4 Metodologias de análise	51
2.5 A tradição cerâmica Tapiguarani no Nordeste	52
2.6 A tradição cerâmica Aratu	53
CAPÍTULO 3. ESTUDOS DE CERÂMICA PRÉ-HISTÓRICA NO RIO GRANDE DO NORTE	58
3.1 O início das pesquisas arqueológicas sobre cerâmica no Rio Grande do Norte: o período do PRONAPA com as pesquisas do professor Nisiro Nogueira	58
3.1.1 A fase cerâmica Oximutã	60
3.1.2 A fase cerâmica Papéba	62
3.2 As pesquisas do professor Armando Lacerda	65
3.3 Os recentes estudos de sites cerâmicos no Rio Grande do Norte: as pesquisas do Laboratório de Arqueologia da UERN	68
3.4 As pesquisas do Núcleo de Estudos Arqueológicos da UFPE	70
3.5 Grupos culturais pré-históricos no território norte-rio-grandense que conheciam a tecnologia cerâmica	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
BIBLIOGRAFIA	80
GLOSSÁRIO	87
ANEXOS	89

Partidos estão os pratos harmoniosos  
mas o barro e a água  
continuam a girar  
nas oficinas dos oleiros

Ernest Jandl

## SUMÁRIO

### LISTA DE FIGURAS

### LISTA DE MAPAS

INTRODUÇÃO .....	12
<b>CAPÍTULO 1. A CERÂMICA PRÉ-HISTÓRICA BRASILEIRA.....</b>	<b>16</b>
1.1 Metodologias utilizadas para a pesquisa da cerâmica pré-histórica no Brasil desenvolvias durante o PRONAPA .....	21
1.2 As tradições cerâmicas amazônicas .....	23
1.2.1 Tradições cerâmicas no litoral amazônico .....	28
1.2.2 As atuais pesquisas arqueológicas na Amazônia .....	30
1.3 A tradição cerâmica Tupiguarani .....	31
1.4 Tradições ceramistas de caráter regional no Brasil, excetuando o Nordeste .....	37
<b>CAPÍTULO 2. TRADIÇÕES CERÂMICAS PRÉ-HISTÓRICAS NORDESTINAS.....</b>	<b>40</b>
2.1 Crítica metodológica .....	41
2.2 A pesquisa da cerâmica pré-histórica na região Nordeste .....	42
2.3 O conceito de área arqueológica .....	43
2.3.1 As áreas arqueológicas com cerâmica pré-histórica no Nordeste .....	45
2.4 Metodologias de análise .....	51
2.5 A tradição cerâmica Tupiguarani no Nordeste .....	52
2.6 A tradição cerâmica Aratu .....	53
<b>CAPÍTULO 3. ESTUDOS DE CERÂMICA PRÉ-HISTÓRICA NO RIO GRANDE DO NORTE .....</b>	<b>55</b>
3.1 O início das pesquisas arqueológicas sobre cerâmica no Rio Grande do Norte: o período do PRONAPA com as pesquisas do professor Nássaro Nasser .....	58
3.1.1 A fase cerâmica Curimataú .....	60
3.1.2 A fase cerâmica Papeba .....	62
3.2. As pesquisas do professor Armand Laroche .....	65
3.3 Os recentes estudos de sítios cerâmicos no Rio Grande do Norte: as pesquisas do Laboratório de Arqueologia da UFRN .....	68
3.4 As pesquisas do Núcleo de Estudos Arqueológicos da UFPE .....	70
3.5 Grupos humanos pré-históricos no território norte-rio-grandense que conheciam a tecnologia cerâmica .....	73
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>78</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>80</b>
<b>GLOSSÁRIO .....</b>	<b>87</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>89</b>

## LISTA DE FIGURAS

- Fig. 1 - Cacos de cerâmica da tradição Hachurada Zonada. Fonte: PROUS, André. **Arqueologia brasileira**, p. 431.....24
- Fig. 2 - Cacos de cerâmica da tradição Borda Incisa. Fonte: PROUS, André. **Arqueologia brasileira**, p. 435.....25
- Fig. 3 - Urna funerária e tanga cerâmica da tradição Policroma. Fonte: ZANINI, Walter. **História Geral da Arte no Brasil**, p. 12.....25
- Fig. 4 - Vaso de cariátides da tradição Inciso Ponteadada. Fonte: GOMES, Denise Maria Cavalcante. **Cerâmica arqueológica da Amazônia**, p. 180. ....26
- Fig. 5 - Vaso antropomorfo, vaso de cariátides e vaso de gargalo caracterizadores da cerâmica Santarém. Fonte: GOMES, Denise Maria Cavalcante. **Cerâmica arqueológica da Amazônia**, p. 277, 201 e 172. ....27
- Fig. 6 - Tanga policrômica e urnas funerárias da cerâmica de Marajó. Fonte: BARDI, P. M. **A arte da cerâmica no Brasil**, p. 82-83. ....29
- Fig. 7 - Fragmento cerâmico roletado ou acordelado. Fonte: LUNA, Suely. **As populações ceramistas pré-históricas do baixo São Francisco - Brasil**, p.225. ....32
- Fig. 8 - Urna funerária da tradição Tupiguarani, subtradição corrugada, típica da região Sul-Sudeste do Brasil. Fonte: ROBRAHN-GONZÁLEZ, Érika Marion; ZANETTINI, Paulo Eduardo. **Jacareí às vésperas do descobrimento: a pesquisa arqueológica no sítio Santa Maria**, p. 42.....33
- Fig. 9 - Grande assador da tradição Tupiguarani, típico da região nordeste. Fonte: Foto do autor, Acervo do Museu Câmara Cascudo.....33

- Fig. 10 - Formas de cerâmica Tupiguarani, subtradição Tupinambá, segundo J. P. Brochado. Fonte: MARTIN, Gabriela, **Pré-história do Nordeste do Brasil**, p. 196.....33
- Fig. 11 - Formas de cerâmica Tupiguarani, subtradição Guarani, segundo P. I. Schmitz. Fonte: SCHMITZ, Pedro Inácio. O Guarani: história e pré-história. In: TENÓRIO, Maria Cristina (Org). **Pré-história da terra brasilis**, p. 286.....35
- Fig. 12 - Cerâmica com decoração plástica corrugada. Fonte: BARDI, P. M. **A arte da cerâmica no Brasil**, p. 89. ....35
- Fig. 13 - Fragmento cerâmico com decoração plástica unglada. Fonte: LUNA, Suely. **As populações ceramistas pré-históricas do baixo São Francisco - Brasil**, p. 218. ....35
- Fig. 14 - Fragmento com decoração plástica incisa. Fonte: LUNA, Suely. **As populações ceramistas pré-históricas do baixo São Francisco - Brasil**, p. 224. ....35
- Fig. 15 - Cerâmica Tupiguarani, subtradição Pintada. Fonte: acervo do Museu Câmara Cascudo. ....36
- Fig. 16 - Urnas funerárias e pequena vasilha pintada da tradição Sapucaí. Fonte: BAETA, Alenice; PROUS, André; RUBBILOLO, Ezio. **O patrimônio arqueológico da região de Matozinhos**, p. 26, 94, 101. ....37
- Fig. 17 - Formas cerâmicas da tradição Taquara-Itararé. Fonte: PROUS, André. **Arqueologia brasileira**, p. 323.....38
- Fig. 18 - Urna funerária da Gruta do Padre, Petrolândia/PE. Fonte: MARTIN, Gabriela, **Pré-história do Nordeste do Brasil**, p. 216.....45

- Fig. 19 - Cerâmica Cabrobó. Urnas funerárias originárias de Cabrobó, Zorobabel e Itacuruna/PE. Fonte: MARTIN, Gabriela, **Pré-história do Nordeste do Brasil**, p. 215.....46
- Fig. 20 - Vasilhames cerâmicos utilizados para enterramento primário individual no Sítio do Justino, Canindé do São Francisco/SE. Fonte: MARTIN, Gabriela, **Pré-história do Nordeste do Brasil**, p. 318.....47
- Fig. 21 - Vaso com tratamento de superfície alisado corrugado, associado a enterramento no Sítio do Justino; cachimbo cerâmico. Fonte: LUNA, Suely. **As populações ceramistas pré-históricas do baixo São Francisco - Brasil**, p. 237, 243.....47
- Fig. 22 - Urnas funerárias e vasilhas cerâmicas da Pedra do Caboclo. Fonte: Armand F. G. Laroche. **Contribuições para a pré-história Pernambucana**, p. 61.....48
- Fig. 23 - Vasos miniaturas de cerâmica das palafitas do lago Cajari, Maranhão. Fonte: MARTIN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste do Brasil**, p. 142.....49
- Fig. 24 - Urna funerária contendo enterramento primário do Sítio Baixa dos Caboclos, Parque Nacional Serra da Capivara/PI. Fonte: MARTIN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste do Brasil**, p. 426.....50
- Fig. 25 - Alguidares cerâmicos pintados da tradição Tupiguarani. Fonte: acervo do Museu Câmara Cascudo.....52
- Fig. 26 - Urnas funerárias e vasilhas típicas da tradição Aratu, coletadas na Bahia por Valentin Calderón.....53
- Fig. 27 - Cachimbos cerâmicos da coleção arqueológica do Museu de Mossoró, originários de Lajes/RN. Fonte: MARTIN, Gabriela. **A coleção arqueológica do museu de Mossoró (RN)**, p. 80.....57

- Fig. 28 - Vasilhames cerâmicos com pintura monocroma da fase cerâmica Curimataú, tradição Tupiguarani, coletados por Nássaro Nasser. Fonte: acervo do Museu Câmara Cascudo.....61
- Fig. 29 - Vasilhames cerâmicos com pintura em policromia da fase cerâmica Curimataú, tradição Tupiguarani, coletados por Nássaro Nasser. Fonte: acervo do Museu Câmara Cascudo.....61
- Fig. 30 - Apêndices furados de cerâmica da fase Papeba coletados por Nássaro Nasser às margens da Lagoa Guarairás em Senador Georgino Avelino/RN. Fonte: Nássaro A. S. Nasser. **Nova contribuição à arqueologia do Rio Grande do Norte**, p. 159. ....63
- Fig. 31 - Vasilhames cerâmicos da fase Papeba coletados por Nássaro Nasser. Fonte: acervo do Museu Câmara Cascudo. ....64
- Fig. 32 - Fragmento cerâmico pintado da fase Potengi, tradição Tupiguarani. Fonte: LAROCHE, Armand; LAROCHE, Adjelma. **O sítio arqueológico de Mangueiros (Macaíba /RN)**, p. 49. ....66
- Fig. 33 - Formas de cerâmicas da Fase Potengi. Fonte: LAROCHE, Armand; LAROCHE, Adjelma. **O sítio arqueológico de Mangueiros (Macaíba /RN)**, p. 47. ....66
- Fig. 34 - Formas cerâmicas da fase Macaíba. Fonte: LAROCHE, Armand; LAROCHE, Adjelma. **O sítio arqueológico de Mangueiros (Macaíba /RN)**, p. 48. ....66
- Fig. 35 - Fragmentos cerâmicos da fase Macaíba Pintado. Fonte: LAROCHE, Armand; LAROCHE, Adjelma. **O sítio arqueológico de Mangueiros (Macaíba /RN)**, p. 46. ....67

Fig. 36 - Fotografia do Parque Estadual Dunas de Natal. Autor: Francisco de Assis de Lima.....69

Fig. 37 - Fragmentos cerâmicos provenientes das dunas do litoral potiguar, coletados no Parque das Dunas. Fonte: acervo do Larq/UFRN.....69

Fig. 38 - Fotografia de fragmento cerâmico que aflora sob a ação do vento no Parque das Dunas. Autor: Francisco de Assis de Lima. ....70

Fig. 39 - Fragmentos cerâmicos provenientes do Seridó/RN. acervo do Núcleo de Estudos Arqueológicos da UFPE. Fonte: FONTES, M. A. Farias. **A cerâmica pré-histórica da área arqueológica do Seridó:RN**, p. 48.....73

Mapa 4 - Mapa com a localização do sítio arqueológico Mangueira, no município de Macaíba/RN. Adaptação de Francisco de Assis de Lima.....65

Mapa 5 - Mapa da área de ocorrência de sítios arqueológicos sobre dunas no litoral norte-nordestino. Fonte: ALPHEERQUE, Paulo Tadeu de Souza. SPENCER, Walter. *Parque Potiguar Arqueológico: O homem das dunas*, p. 175-183, 1994. p. 177.....70

Mapa 6 - Mapa da área arqueológica no Seridó/RN. Fonte: MARTIN, Gabriela. *Pré-história do Nordeste do Brasil*, p. 109.....71

Mapa 7 - Mapa com a distribuição dos grupos indígenas tradicionais no início do processo de ocupação no território do Rio Grande do Norte. Fonte: MONTEIRO, Denise Maria. *Introdução à história do Rio Grande do Norte*, p. 34.....76

Mapa 8 - Mapa com a localização dos sítios arqueológicos, fazendas e áreas com sítios arqueológicos tradicionais no Brasil. Adaptação de Francisco de Assis de Lima.....80

## LISTA DE MAPAS

- Mapa 1 - Mapa com a divisão do PRONAPA das áreas arqueológicas da Bacia Amazônica e da Faixa Costeira. Adaptação de SIMÕES, Mário F. **Índice das fases arqueológicas brasileiras**, p. 12-13. ....23
- Mapa 2 - Mapa das áreas arqueológicas com sítios cerâmicos no Nordeste brasileiro. Fonte: LUNA, Suely Cristina Albuquerque de. **As populações ceramistas pré-históricas do baixo São Francisco – Brasil**, p. 68. ....44
- Mapa 3 - Mapa dos sítios arqueológicos norte-rio-grandenses da bacia do Curimataú e do litoral. Fonte: Nasser, Nássaro Antônio de Souza. **Considerações preliminares sobre a arqueologia da bacia do rio Curimataú**, p. 180. ....59
- Mapa 4 - Mapa com a localização do sítio arqueológico Mangueiros, no município de Macaíba/RN. Adaptação de Francisco de Assis de Lima. ....65
- Mapa 5 - Mapa da área de ocorrência de sítios arqueológicos sobre dunas no litoral norte-rio-grandense. Fonte: ALBUQUERQUE, Paulo Tadeu de Souza; SPENCER, Walner Barros. Projeto arqueológico: **O homem das dunas**, p. 175-188, 1994, p. 177. ....70
- Mapa 6 - Mapa da área arqueológica do Seridó/RN. Fonte: MARTIN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste do Brasil**, p. 109. ....71
- Mapa 7 - Mapa com a distribuição dos grupos indígenas tradicionais no início do processo de colonização no território do Rio Grande do Norte. Fonte: MONTEIRO, Denise Mattos. **Introdução à história do Rio Grande do Norte**, p. 24. ....76
- Mapa 8 - Mapa com a distribuição das tradições, fases e áreas com sítios arqueológicos cerâmicos no Brasil. Adaptação de Francisco de Assis de Lima. ....90

## INTRODUÇÃO

O estado do Rio Grande do Norte possui um patrimônio arqueológico de valor inestimável, tanto para o estudo da sua pré-história como para preservação e admiração de todos os que tenham a possibilidade e o prazer de apreciar os vestígios deixados pelos seus primeiros habitantes. O acervo rupestre do Lajedo de Soledade, ou da região do Seridó são testemunhas disso, como também outros elementos da cultura material desses povos pré-históricos, como é o caso das pontas de projétil ou da cerâmica arqueológica, cujas peças, quando decoradas revelam uma pintura de beleza refinada.

A contribuição da cerâmica pré-histórica é de extrema significância, pois através dela podemos perceber aspectos importantes dos grupos humanos que a utilizaram. Neste ponto, a cultura material cerâmica como indicadora de sociedades pré-históricas é um componente relevante, contudo

como caracterizador cultural, e não o mais importante, apresenta as suas próprias limitações, por isso, não se pode esperar que o estudo tecnológico da cerâmica responda a todas as questões, sendo necessário integrá-la a outros elementos culturais. O entendimento de uma sociedade não pode ser apreendido apenas por um aspecto cultural. Outros fatores devem ser somados, buscando um estudo contextualizado.<sup>1</sup>

Embasados no referido acima, percebemos que o estudo de grupos humanos pré-históricos no Brasil tem múltiplos caminhos, e no Rio Grande do Norte não é diferente. Os primeiros donos desta terra deixaram vestígios materiais que abundam nos sítios arqueológicos do nosso território, seja a cerâmica dos sítios costeiros ou fluviais, como a fase Papeba, estilo unicamente encontrado no território potiguar, as famosas pinturas rupestres de Soledade e do Seridó, ou os artefatos líticos encontrados desde as dunas litorâneas, cartão postal do nosso estado, até o sertão, além de outros elementos materiais ou culturais.

As pesquisas arqueológicas no Nordeste do Brasil têm trazido mudanças no enfoque do povoamento pré-histórico da região, e o Rio Grande do Norte vem contribuindo largamente com os estudos nas áreas arqueológicas do Lajedo de Soledade, da região do Seridó, do litoral, entre outros. Não obstante este potencial, uma análise da produção

---

<sup>1</sup> FONTES, Mauro Alexandre Farias. **A cerâmica pré-histórica da área arqueológica do Seridó/RN**, 2003. p. 3. Dissertação (Mestrado em História) – UFPE, Recife, 2003.

bibliográfica sobre o material arqueológico encontrado não foi realizada, apesar da farta quantidade desses vestígios em nosso território.

O valor do estudo do material cerâmico para o conhecimento da pré-história no Brasil mostra as vantagens de sua utilização por essas populações para a conservação de alimentos, rituais de sepultamentos, preparação de alimentos vegetais numa ligação com a agricultura, aspectos que ligam a cerâmica à fixação, pelo menos relativa, das populações que a utilizavam. Tudo isso constitui elementos para o conhecimento disponível sobre essas culturas, sendo que mais recentemente projetos arqueológicos mais amplos vêm acrescentando novos elementos e novas exigências e redimensionando esse papel de relevância da cultura material cerâmica, sem, no entanto negar o seu valor.

Sendo assim, pareceu-nos apropriado um estudo da bibliografia referente à cerâmica pré-histórica achada nas terras potiguares, contribuindo deste modo com mais um conjunto de informações sobre os grupos humanos pré-históricos, reforçando as pesquisas na área de arqueologia na região que hoje corresponde ao território do estado do Rio Grande do Norte, e na compreensão do papel desempenhado pela cerâmica na produção de conhecimento no campo da arqueologia pré-histórica.

Neste trabalho, propomo-nos a fazer um estudo analítico e historiográfico da pré-história do Rio Grande do Norte a partir da bibliografia referente à cerâmica encontrada nos sítios arqueológicos do estado. Para tal intento, buscamos um referencial sobre a arqueologia nacional e regional nas obras clássicas da literatura arqueológica brasileira e nordestina, elaboradas por André Prous e Gabriela Martin, arqueólogos de renome que trabalham no Brasil há algumas décadas. Prous é o autor de *Arqueologia brasileira*, obra de referência para estudos arqueológicos no Brasil. Gabriela Martin, por sua vez, realiza pesquisas no Nordeste brasileiro, contribuindo para a implantação de um novo quadro na arqueologia da região. Em seu livro *Pré-história do Nordeste do Brasil*, apresenta as potencialidades arqueológicas desta região brasileira, bem como as novas metodologias que vêm sendo aplicadas, resultando em dados mais completos sobre as sociedades pretéritas do Nordeste. Além destas obras referenciais, para compreender elementos caracterizadores da cerâmica pré-histórica, analisamos o estudo de José Proenza Brochado, *A tradição Tupiguarani na América do Sul*, que trata da cerâmica arqueológica da região litorânea brasileira. Num contexto local, nos servimos dos trabalhos de Nássaro Nasser que pesquisou sítios cerâmicos no litoral sul do Rio Grande do Norte, deixando valiosa contribuição, bem

como outros autores que lhe sucederam na mesma tarefa, em áreas distintas do território potiguar.

Em nosso estudo, partimos das primeiras pesquisas sobre cerâmica pré-histórica no Brasil, desde a época da elaboração do PRONAPA - Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, contextualizando as metodologias utilizadas nestas pesquisas e os resultados obtidos. O primeiro capítulo versa sobre a implantação deste programa no Brasil, e trata dos primeiros resultados para o estudo de grupos ceramistas pré-históricos, com a definição das tradições ceramistas amazônicas e da tradição Tupiguarani no litoral brasileiro, bem como de outras tradições cerâmicas de amplitude regional.

Elaboramos nesta parte do nosso trabalho algumas observações relativas ao caráter descritivo que estes estudos resultaram, como consequência da metodologia empregada pelos pesquisadores do PRONAPA, que, apesar de ser um projeto pioneiro e de ter se constituído num marco importante para a arqueologia brasileira, objetivava identificar tipos, fases e tradições cerâmicas embasados apenas nas características técnicas das mesmas. Este pormenor resultou na limitação dos resultados.

O segundo capítulo aborda os estudos de sítios arqueológicos cerâmicos no Nordeste do Brasil, iniciando com uma crítica a respeito das metodologias utilizadas para análise da cerâmica pré-histórica brasileira, usando para isso de um instrumental teórico fornecido por Cláudia Alves<sup>2</sup>, arqueóloga do Núcleo de Estudos Arqueológicos da Universidade Federal de Pernambuco. Neste trabalho a autora analisa os estudos de cerâmica arqueológica no Brasil e propõe uma nova metodologia que priorize a interdisciplinaridade e se empenhe num estudo do contexto arqueológico no qual a cerâmica se encontre, para que através destes dados, se possam obter resultados significativos a respeito do grupo humano que produziu e/ou usufruiu daquela cultura material. Apresentamos também os estudos das áreas arqueológicas do Nordeste em que se desenvolvem ou se desenvolveram pesquisas em sítios cerâmicos.

Por fim tratamos das pesquisas sobre cerâmica arqueológica no estado do Rio Grande do Norte, desde a época do PRONAPA, programa que contou com um pesquisador deste estado entre seus membros. Relatamos assim, os estudos da bacia do rio Curimataú e do litoral sul potiguar, e as novas pesquisas, frutos dos projetos arqueológicos do Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e também do Núcleo de

---

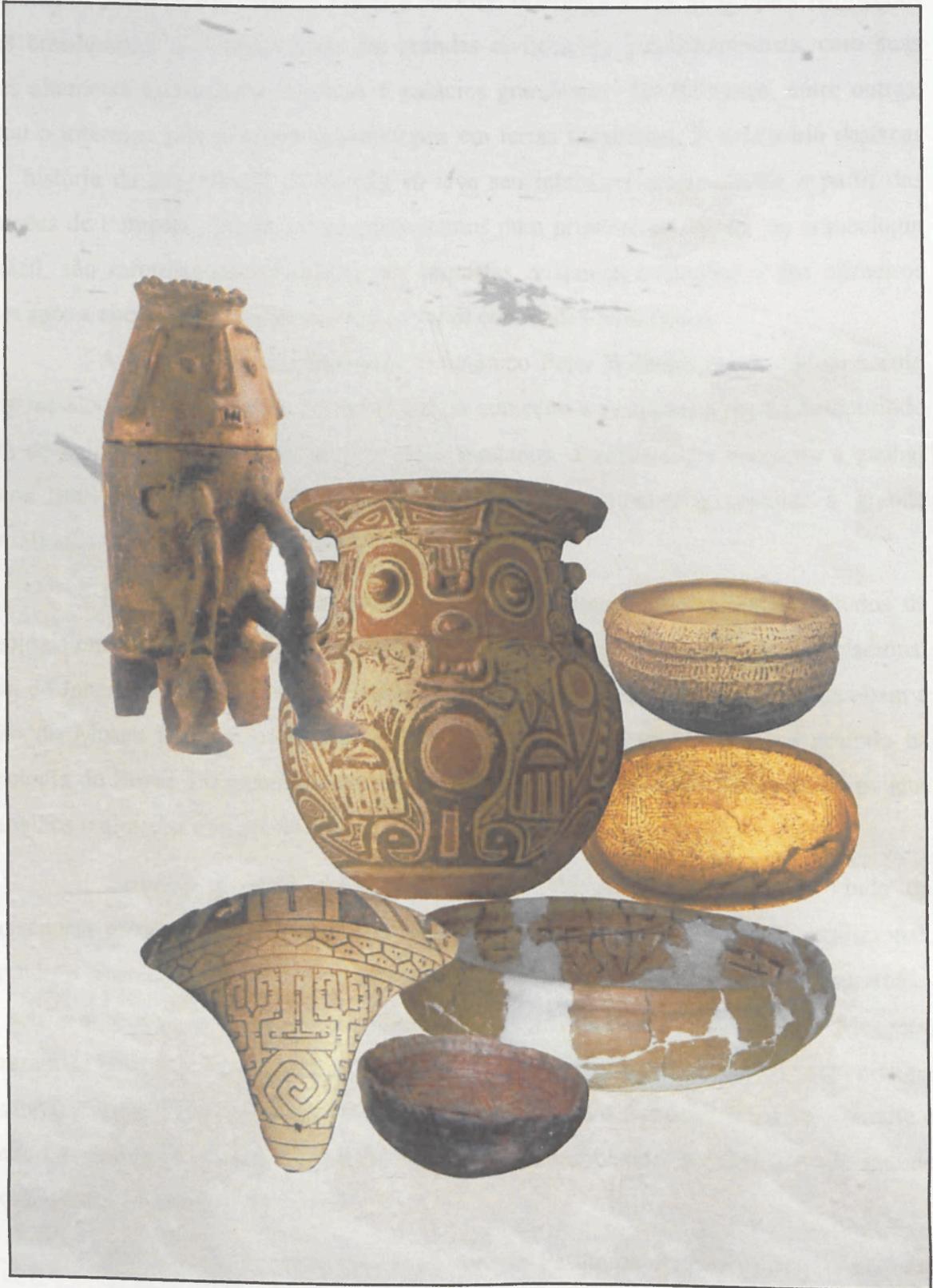
<sup>2</sup> ALVES, Cláudia. A cerâmica pré-histórica no Brasil: avaliação e proposta. *CLIO*, 1991, v. 1, n. 7, p. 11-88.

Estudos Arqueológicos da Universidade Federal de Pernambuco, que percebendo a significância do Rio Grande do Norte para a arqueologia e a pré-história brasileira, tem desenvolvido pesquisas nas dunas da área urbana de Natal, e na região interiorana do Seridó, conseguindo resultados que possibilitaram inclusive a elaboração de dissertações de mestrado.

Demonstramos, por fim, a presença dos povos indígenas citados na literatura norte-rio-grandense, que produziam e utilizavam no seu dia a dia utensílios cerâmicos semelhantes aos que são encontrados nas escavações arqueológicas, e cuja ligação com os mais distantes ancestrais detentores da tecnologia de fabricação da cerâmica se evidencia, e efetuamos uma crítica a respeito da ausência do tema pré-história na historiografia que trata da história do Rio Grande do Norte produzida no nosso estado, dando-lhe pouca relevância ou, pior, denunciando uma atitude de descaso para com a nossa pré-história.

Esperamos com este trabalho, contribuir para que uma parte do nosso passado não se perca ou seja esquecida, e que possamos avançar no conhecimento dos primitivos povos que construíam neste espaço sua história até que outros povos, mais avançados tecnologicamente e muito mais ambiciosos chegassem e implantassem seus modelos sociais, demarcando para si, então, o que nunca fora deles.

## CAPÍTULO 1



## A CERÂMICA PRÉ-HISTÓRICA BRASILEIRA

A história da arqueologia no Brasil, nos seus moldes científicos, é recente, o que se traduz por diversos fatores, como a enorme diferença entre as simples habitações nativas brasileiras e a complexidade das grandes civilizações pré-colombianas, com suas cidades altamente estruturadas, templos e palácios grandiosos. Tal diferença, entre outras, retardou o interesse pela pesquisa arqueológica em terras brasileiras. É necessário destacar que a história da arqueologia na Europa só teve seu início no século XVIII, a partir das escavações de Pompéia. Assim, o que encontramos num primeiro momento, na arqueologia do Brasil, são informações elaboradas por cronistas, viajantes e etnólogos dos primeiros séculos após a chegada dos europeus, muitas vezes com dados fantasiosos.

A partir de um dinamarquês, o botânico Peter Wilhelm Lund, que no século XIX se instalou em Lagoa Santa, Minas Gerais, e começou a pesquisar a região descobrindo fósseis de animais extintos associados a ossos humanos, a arqueologia começou a ganhar aspectos mais relevantes, sendo Lund na verdade, “o primeiro a postular a grande ancestralidade do homem americano”.<sup>3</sup>

D. Pedro II, com seu interesse pela antropologia, incentivou os estudos de arqueologia em fins do século XIX e começo do século XX, enriquecendo o Museu Nacional no Rio de Janeiro com coleções de várias partes do mundo. Nesse período deu-se também a criação do Museu Paulista e do Museu Paraense, que alavancaram um novo período na arqueologia do Brasil. Entretanto, nas primeiras décadas do século XX foram muito poucos os trabalhos realizados nessa área.

Somente a partir da segunda metade do século XX, com a vinda de pesquisadores estrangeiros, é que o Brasil pôde experimentar uma fase mais profissional, ocorrendo o aparecimento da “primeira geração de arqueólogos profissionais brasileiros”.<sup>4</sup> Daí, sob a coordenação do casal norte-americano Clifford Evans e Betty Jane Meggers, realizaram-se pesquisas na região amazônica, visando a origem e distribuição da cerâmica na Amazônia, e no Sul-Sudeste brasileiros, sob a coordenação dos franceses Joseph Emperaire e Annette Laming-Emperaire, sendo efetuados estudos de sambaquis, que despertavam grande interesse para a arqueologia da época.

O PRONAPA, Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, criado em 1965, foi um projeto montado para tentar unificar os métodos utilizados e uma mesma

<sup>3</sup> PROUS, André. Arqueologia, pré-história e história. In: TENÓRIO, Maria Cristina (Org.). **Pré-história da terra brasílis**. Rio de Janeiro: EDUFRJ, 2000, p. 27.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 28.

perspectiva teórica para trabalhos de campo e análise da cerâmica, visando organizar a pesquisa arqueológica no Brasil, “mapear as culturas pré-históricas, traçar as rotas de migração e a difusão dos traços culturais através do material arqueológico, principalmente de grupos ceramistas.”<sup>5</sup>

Este programa, coordenado pelos Evans, usou de um método de análise quantitativa da cerâmica que se tornou conhecido como método Ford,<sup>6</sup> e que ganhou notoriedade entre vários pesquisadores no país que passaram a direcionar os seus trabalhos de acordo com a sua linha teórico-metodológica.

Dai saíram resultados que muito ajudaram no andamento da arqueologia no Brasil, com a introdução de novos modelos conceituais, nova sistemática nos trabalhos de campo e nas práticas laboratoriais, apesar de uma parte significativa de pesquisadores não ter se interessado pelo PRONAPA, que sendo coordenado pelos Evans, tinha em seus pressupostos teóricos características de uma linha de pesquisa americana. Esse desinteresse de alguns pesquisadores acabou prejudicando seu objetivo, e criando no país duas correntes de pensamento. Nos anos 70, essas duas linhas de pensamento acolheram pesquisadores que se identificavam com cada uma delas e na década de 80 foi criada a Sociedade de Arqueologia Brasileira para tentar aproximar os arqueólogos, sendo também nesse período que várias universidades do país incluíram em suas grades curriculares as disciplinas de arqueologia e pré-história.

Hoje se tem um quadro progressivo na arqueologia brasileira, com universidades oferecendo cursos de pós-graduação nessa área. “Após a Segunda Guerra Mundial, com o desenvolvimento universitário, concretiza-se a vontade de se formarem quadros da arqueologia nacional, no início com mestres do exterior e, aos poucos, substituindo-os por professores brasileiros”.<sup>7</sup>

Dentro dessa história da arqueologia no Brasil, nas pesquisas realizadas, um dos vestígios mais encontrados é o material cerâmico, constituindo um vasto acervo de fundamental importância para o estudo e maior compreensão da saga de nossos ancestrais. Estudiosos da área ressaltam a importância dos restos cerâmicos para a compreensão da pré-

<sup>5</sup> LUNA, Suely Cristina Albuquerque de. **As populações ceramistas pré-históricas do baixo São Francisco – Brasil**. 2001, p. 19. Tese (Doutorado em História) - UFPE. Recife

<sup>6</sup> Para um melhor entendimento desta metodologia, consultar MARTIN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste do Brasil**. 3 ed. Recife: EDUFPE, 1999, p. 157; PROUS, André. **Arqueologia brasileira**. Brasília: EDUNB, 1990, p. 97-99; SANTOS, Claristella Alves dos. **Rotas de migração tupiguarani: análise das hipóteses**. 1991. p. 29-32. Dissertação (Mestrado em História) - UFPE. Recife.

<sup>7</sup> PROUS, André. op. cit., p. 18.

história. André Prous afirma que “a relativa abundância dos cacos encontrados nos diversos sítios depois da primeira fase de desenvolvimento da nova técnica faz com que esta passe a desempenhar o papel principal no diagnóstico das culturas pré-históricas.”<sup>8</sup> Também, segundo Alves, citando Evans, C. e Meggers, B.,

A ênfase dada à cerâmica não implica em crermos que seja esta mais importante que outros aspectos da cultura pré-histórica, simplesmente reflete o fato da cerâmica ser relativamente mais abundante e sujeito (*sic*) a mudanças mais rápidas que outros tipos de artefatos, tornando-a, por isso, particularmente útil para o estabelecimento de seqüências cronológicas relativas para traçar difusão cultural.<sup>9</sup>

Entretanto, estudos mais recentes consideram a importância do material arqueológico como um todo, para que se trace um perfil mais fiel das sociedades da era ágrafa do Brasil. “A tendência atual é se estudar a cerâmica nos seus componentes intrínsecos, relacionando-a com os contextos arqueológicos sem filiações prévias, evitando-se tradições estabelecidas com generalizações perigosas.”<sup>10</sup>

Quanto à origem da técnica de fabricação da cerâmica, considera-se um período pré-cerâmico que remontaria ao final do Pleistoceno,<sup>11</sup> tendo, a partir do Holoceno, se dado o desenvolvimento da técnica da fabricação cerâmica. Essa transição de épocas geológicas ocasionou mudanças climáticas, transformando paisagens e o meio ambiente numa escala mundial, e provocando uma adaptabilidade do homem às novas condições, estimulando-o a desenvolver soluções para poder sobreviver.<sup>12</sup> Nesse cenário, “a utilização da argila apenas seca ao sol para a realização de artefatos cerâmicos, que devia caracterizar a tecnologia pleistocênica, tornou-se mais complexa; foi substituída pelo emprego de

<sup>8</sup> PROUS, André. *Arqueologia brasileira*, p. 309.

<sup>9</sup> EVANS, C.; MEGGERS, B. apud ALVES, Cláudia. A cerâmica pré-histórica no Brasil: avaliação e proposta. *CLIO* n. 7, p. 35.

<sup>10</sup> MARTIN, Gabriela. *Pré-história do Nordeste do Brasil*, p. 193.

<sup>11</sup> **Pleistoceno** = subdivisão geológica da era Quaternária, caracterizada pelas grandes glaciações. O Quaternário se divide em duas épocas de duração muito desigual: o Pleistoceno, com cerca de 1,6 milhões de anos, e que precede o período pós-glacial ou **Holoceno**, que inclui somente os últimos dez mil anos e mantém uma configuração mais ou menos semelhante até a atualidade. As transformações no clima durante a transição desses períodos foram contrastantes, com temperaturas elevadíssimas por vezes e períodos muito frios e secos em outras, gerando mudanças constantes e forçando os seres vivos a uma adaptação ou mudança brusca. Para um estudo mais completo deste tema consultar SALGADO-LABOURIAU, Maria Léa. *História ecológica da terra*. 2 ed. São Paulo: Edgar Blücher, 1998, p. 255-286.

<sup>12</sup> LUNA, Suely Cristina Albuquerque de. *As populações ceramistas pré-históricas do baixo São Francisco – Brasil*, p. 8-10.

procedimentos de queima, o que deu lugar ao aparecimento da cerâmica.”<sup>13</sup> No entanto, é necessário observar que o surgimento e desenvolvimento desta tecnologia não ocorreu simultaneamente no tempo e no espaço, mas em épocas e lugares diferentes, o que se confirma pelas diferentes datações para as mais variadas tradições ceramistas.

Admite-se que em algumas regiões do Brasil onde a técnica de fabricação da cerâmica se desenvolveu, seu surgimento se deu independente do Velho Mundo e do continente sul-americano.<sup>14</sup> A partir destes centros de origem, a técnica se difundia, espalhando-se as chamadas tradições ceramistas.<sup>15</sup> Há, entretanto, alguns autores que crêem ter a cerâmica se originado em um único local, e por meio de difusão chegaria a outros grupos,<sup>16</sup> apesar dessa idéia ser menos aceita. Este tema tem gerado teorias e discussões variadas, com base em fundamentos lingüísticos e etno-históricos, gerando modelos arqueológicos com hipóteses como a que admite as migrações indígenas acompanhando o curso de rios, a origem amazônica da tradição Tupiguarani, entre outras.<sup>17</sup>

Os primeiros estudos das culturas ceramistas no Brasil permitiram sua classificação em tradições, identificando-se as que se sobressaíam com uma dispersão maior. O PRONAPA, com o destaque que deu para a cerâmica arqueológica brasileira dividiu o estudo das suas características entre a bacia amazônica e a faixa costeira do país. Esta divisão resultou na pesquisa das tradições amazônicas, da tradição Tupiguarani, das culturas meridionais (Taquara, Itararé e Casa de Pedra), das culturas do Brasil Central (tradições Una e Aratu) e das cerâmicas nordestinas.

Atualmente, novas pesquisas vêm complementar as informações sobre essas tradições ou apresentar recentes descobertas que modifiquem ou aperfeiçoem os resultados obtidos durante a realização do PRONAPA. Todavia, foi este programa que possibilitou a realização das pesquisas mais importantes relativas à cerâmica arqueológica no Brasil, até o presente.

<sup>13</sup> PESSIS, Anne Marie. Pré-história do Parque Nacional Serra da Capivara. In: TENÓRIO, Maria Cristina (Org.) **Pré-história da terra brasílis**. Rio de Janeiro: EDUF RJ, 2000, p. 68.

<sup>14</sup> MARTIN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste do Brasil**, p. 192.

<sup>15</sup> BROCHADO, José Proenza. Um modelo ecológico de difusão da cerâmica e da agricultura no Leste da América do Sul. *CLIO*, Recife, n. 4 (extraordinário). Anais do I simpósio de pré-história do Nordeste brasileiro. EDUFPE, 1991, p. 85.

<sup>16</sup> LUNA, S. C. A., **As populações ceramistas pré-históricas do baixo São Francisco - Brasil**, p. 16-17.

<sup>17</sup> SCHMITZ, Pedro Inacio. O Guarani: história e pré-história. In: TENÓRIO, Maria Cristina (Org.) **Pré-história da terra brasílis**. Rio de Janeiro: EDUF RJ, 2000, p. 288-289.

## 1. 1 Metodologias utilizadas para a pesquisa da cerâmica pré-histórica no Brasil desenvolvidas durante o PRONAPA

A metodologia que norteou os trabalhos relativos à cerâmica pré-histórica no Brasil, introduzida pelo PRONAPA, desenvolveu uma abordagem que se baseava na hipótese de que o litoral e os rios serviriam como rotas de movimento de migração e de comunicação. Sendo assim, escolheram as bacias fluviais para a prospecção de grandes áreas, privilegiando as coleções sistemáticas de superfície, partindo do pressuposto teórico de que as ocupações pré-históricas no Brasil eram recentes, e, como tais, não possuíam espessura de refugo suficiente para escavações estratigráficas. Realizaram-se então sondagens de no máximo dois por dois metros, com níveis artificiais de dez centímetros, o que resultou na obtenção de dados que ofereceram informações sobre as rotas de migração e difusão dos traços culturais de grupos humanos pré-históricos e suas respectivas culturas e tradições ceramistas.<sup>18</sup>

Nesta metodologia, as **pesquisas de campo** visavam estabelecer seqüências locais com dados para uma cronologia que permitisse datar a primeira ocorrência de traços culturais e dados para estabelecer o nível de desenvolvimento das culturas, evidenciando mudanças ou equilíbrio. Nessa perspectiva, optou-se pela prospecção arqueológica com cortes estratigráficos em vez de grandes escavações. Os indícios cronológicos seriam estabelecidos com a análise dos artefatos.

As **análises de laboratório** seriam para classificar os fragmentos cerâmicos com base no método de análise quantitativa, considerando-se a decoração e as formas dos vasilhames, e sobretudo o tipo de antiplástico (tempero intencionalmente adicionado à argila visando proporcionar-lhe suficiente plasticidade, diminuir a porosidade e evitar o rachamento durante o processo de queima, consistindo-se basicamente de cacos de cerâmica moídos, grãos de areia fina ou grossa, cascas de árvore ou espículas de esponjas, conchas ou cascos moídos, etc.).<sup>19</sup> O método Ford de seriação foi utilizado para reconhecer tipos, fases e tradições. A tipologia das cerâmicas seria o fator determinante e o ponto de partida para a definição das fases, e conseqüentemente das tradições.

A partir deste método de seriação, os **tipos** foram definidos como sendo um grupo de características comuns que distinguem determinados artefatos, ou seus restos, de

<sup>18</sup> LUNA, Suely Cristina Aibuquerque de. **As populações ceramistas pré-históricas do baixo São Francisco – Brasil**, p. 45–46; MARTIN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste do Brasil**, p. 94.

<sup>19</sup> MARANCA, Sílvia. Noções básicas para uma tipologia cerâmica. **Revista do Museu Paulista**, v. 22, p. 176. [s. d.]

outros semelhantes, com significação tecnológica e capacidade de refletir mudança através do tempo; as **fases** foram definidas a partir das seqüências seriadas, caracterizadas por qualquer complexo cerâmico com tipos específicos de artefatos, padrões de habitação, etc., relacionado no tempo e no espaço, num ou mais sítios; a **tradição** foi definida como um grupo de elementos ou técnicas com persistência temporal, e seria uma unidade cultural mais ampla que uma fase, cobrindo área e/ou tempo maior de duração, e sendo estabelecida pelas características de suas fases constituintes. A partir desses procedimentos, foram traçadas linhas gerais para a pré-história no Brasil, e nos grupos cerâmicos foram estabelecidas as principais tradições, suas origens e características.<sup>20</sup>

Os resultados obtidos permitiram estabelecer seqüências seriadas e cronológicas, e agrupar sítios em fases e tradições, visando uma futura compreensão das diferenças entre elas, a partir de “informações referentes ao meio ambiente, à localização dos sítios, à duração de ocupação, às áreas de dispersão, à receptividade, e à aculturação. Essas informações permitiriam levantar hipóteses a respeito da adaptação e mudança dos grupos pré-históricos.”<sup>21</sup> Também foram identificados complexos pré-cerâmicos e fases ceramistas que foram divididas em duas áreas de complexos cerâmicos, compreendidas da denominada faixa costeira e da bacia amazônica.<sup>22</sup>

Atualmente percebem-se falhas nessa divisão, já que a faixa costeira engloba “áreas como os sertões semi-áridos nordestinos, os pampas gaúchos e os cerrados do Brasil Central... o que é um absurdo do ponto de vista ambiental, pois uma das principais variáveis que se



Mapa 1 - Mapa com a divisão do PRONAPA das áreas arqueológicas da Bacia Amazônica e da Faixa Costeira. Adaptação de SIMÕES, Mário F. **Índice das fases arqueológicas brasileiras**, p. 12-13.

apresenta para a reconstituição arqueológica é o contexto ambiental”.<sup>23</sup>

<sup>20</sup> ALVES, Cláudia. A cerâmica pré-histórica no Brasil: avaliação e proposta. *CLIO*, n. 7, p. 27-36.

<sup>21</sup> *Ibid.*, p. 36.

<sup>22</sup> *Ibid.*, p. 36-39; LUNA, Suely Cristina Albuquerque de. *As populações ceramistas pré-históricas do baixo São Francisco - Brasil*, p. 19.

Entretanto, partindo-se desta divisão, as tradições e fases cerâmicas que foram identificadas compunham nove tradições ceramistas, das quais, sete foram definidas como tradições regionais, mais a grande tradição Tupiguarani e a tradição Neobrasileira, esta última referindo-se à cerâmica produzida após o contato com o europeu, apresentando assim características indígenas e européias, com a introdução de técnicas do Velho Mundo, como o uso do torno, até então desconhecido das populações nativas, e foi registrada principalmente nas áreas das primeiras ocupações coloniais, nos estados da Bahia, Rio de Janeiro, Paraná e Rio Grande do Sul.

Com a divisão, estabelecida pelo PRONAPA, de complexos cerâmicos da faixa costeira e da bacia amazônica, as pesquisas sistemáticas foram iniciadas já colocando-se em prática as resoluções do programa, e os estudos fixaram-se principalmente nas tradições cerâmicas amazônicas e na tradição Tupiguarani, com pesquisas também de tradições de abrangência territorial menor, as chamadas tradições regionais. Deste modo, apresentaremos agora, as tradições cerâmicas amazônicas e a tradição Tupiguarani, expondo as características de cada uma, bem como suas áreas de localização, tentando apresentar os grupos humanos referentes às mesmas, para em seguida tratarmos das tradições cerâmicas regionais.

## 1. 2 As tradições cerâmicas amazônicas

As pesquisas realizadas pelos Evans na região amazônica muito contribuíram para o desenvolvimento da arqueologia brasileira. Na Ilha de Marajó e no Amapá, este casal realizou trabalhos intensivos de campo, visando investigar a antiguidade e a natureza das sociedades que construíram os grandes aterros ou “tesos”, em Marajó. Para eles, as populações que construíram esses aterros teriam vindo dos Andes ou do noroeste do continente sul americano, mas só não alcançaram maior desenvolvimento devido a fatores ecológicos, como a pobreza do solo. Nas pesquisas de um outro norte-americano, Donald Lathrap, havia uma diferença contrastante, pois este defendia que, justamente as terras aluviais da Amazônia apresentavam condições favoráveis para o desenvolvimento de sociedades complexas. Atualmente a arqueóloga americana Anna Curtenius Roosevelt desenvolve pesquisas na Amazônia seguindo essas diretrizes, e tem trazido novas contribuições para o entendimento do povoamento da região.

---

<sup>23</sup>LUNA, Suely Cristina Albuquerque de. **As populações ceramistas pré-históricas do baixo São Francisco – Brasil**, p. 19.

Infelizmente, os trabalhos a respeito da cerâmica pré-histórica na Amazônia têm um caráter quase que exclusivamente descritivo de fases e tradições, uma característica constante na bibliografia relativa ao tema, o que empobrece a compreensão na relação que esta cultura material tem com os grupos humanos que a produziram. As novas pesquisas estão tentando suprir esta lacuna, com isso poderemos ter uma maior compreensão da nossa pré-história.

Os resultados relativos às tradições cerâmicas amazônicas apontam para uma rica variedade de formas e decorações, o que fez com que estas fossem, por um bom tempo, tidas como originárias de outras partes do Novo Mundo, aceitando-se ser originárias da cultura Valdívía da Costa do Equador, mais bem feita e decorada de modo mais elaborado, ou de regiões da Colômbia (Puerto Hormiga).<sup>24</sup> No entanto, com a continuidade das pesquisas, datações permitiram comprovar que restos cerâmicos oriundos de sambaquis do litoral do Pará denominados de fase Mina (depois classificada como tradição), mais antigos do que aqueles, certificavam a “criatividade das culturas locais e nem sempre, a importação de padrões alógenos.”<sup>25</sup> Esta variedade decorativa apresentada pela cerâmica amazônica resultou na distribuição de quatro “horizontes”, de acordo com os estudos dos Evans na região, anteriores ao PRONAPA, e foram relacionados às tradições Hachurada Zonada, Borda Incisa, Policroma, e Incisa Ponteada, cujas características serão expostas a seguir, e, conforme consideração anterior, tem caráter sobretudo descritivo.

#### A tradição

**Hachurada Zonada**, localizada em sítios habitação pequenos, na margem do rio Amazonas, em Alenquer e na Ilha de Marajó, foi considerada a mais antiga cerâmica da Amazônia, até que datações mostraram a contemporaneidade da cerâmica Valdívía com a tradição

Mina, que depois se verificou ser ainda “mais antiga que a de ‘tipo

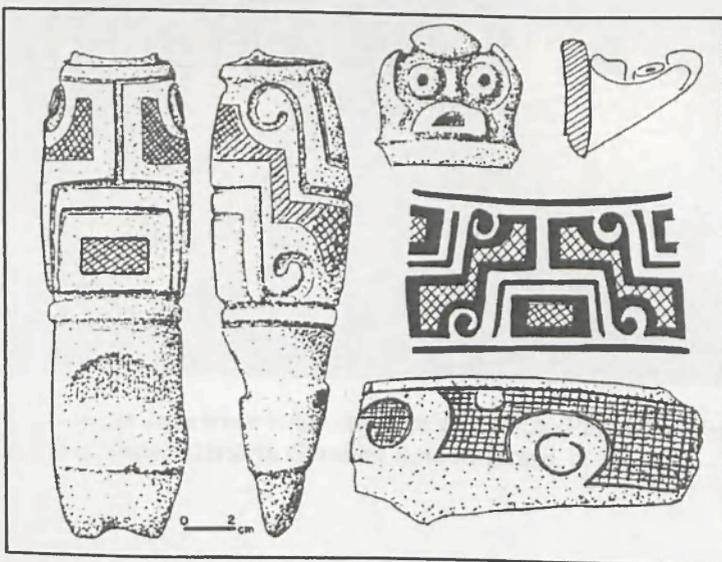


Fig. 1 - Cacos de cerâmica da tradição Hachurada Zonada.  
Fonte: PROUS, André. *Arqueologia brasileira*, p. 431.

<sup>24</sup> MEGGERS, Betty. *América pré-histórica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 54-58.

<sup>25</sup> PROUS, André. *Arqueologia brasileira*, p. 143.

Valdívia', até então considerada como a longínqua origem das outras tradições do Novo Mundo".<sup>26</sup> As características da tradição Hachurada Zonada são linhas incisadas<sup>27</sup> paralelamente, ou em zonas definidas de fino hachurado,<sup>28</sup> com a borda, por vezes, decorada com faixas pintadas, reforçada e extrovertida, e a presença de pintura vermelha e do escovado em cachimbos tubulares.

A **tradição Borda Incisa** foi encontrada ao longo do rio Amazonas, no Alto Orinoco e na Ilha de Marajó. Tem como traço diagnóstico motivos incisados sobre as largas bordas horizontais das vasilhas, reforçadas internamente, com banho vermelho nas paredes, e é composta por tigelas, cachimbos tubulares, estatuetas, batoques auriculares e labiais, e carimbos planos e circulares, com datações entre 100 e 640 AD.<sup>29</sup>

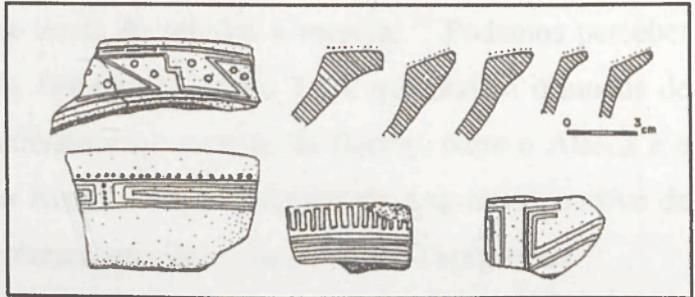


Fig. 2 - Cacos de cerâmica da tradição Borda Incisa. Fonte: PROUS, André. *Arqueologia brasileira*, p. 435.

A **tradição Policroma** foi definida como a grande tradição da Bacia Amazônica, aparecendo desde a base dos Andes até a foz do rio Amazonas, mas foi localizada sobretudo em Marajó. É caracterizada pela grande proliferação de decoração e reúne todas as fases cerâmicas com decoração geométrica pintada com traços pretos e/ou vermelhos sobre engobo<sup>30</sup> branco espesso. São típicas as estatuetas, rodela de fuso, colheres, bancos e suportes de panela. Nessa tradição, que



Fig. 3 - Urna funerária e tanga cerâmica da tradição Policroma. Fonte: ZANINI, Walter. *História Geral da Arte no Brasil*, p. 12.

<sup>26</sup> PROUS, André. *Arqueologia brasileira*, p. 433.

<sup>27</sup> Inciso = decoração feita pela ação de um instrumento que é deslizado pela superfície da pasta ainda plástica, produzindo uma linha de baixo relevo. Estas definições foram elaboradas durante o PRONAPA, e editadas por Igor Chmyz, sob o título de Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica.

<sup>28</sup> Hachurado = espécie de riscado (sulco) que produz efeito de sombra.

<sup>29</sup> Do latim Anno Domini, que significa ano do Senhor, tendo como referência o nascimento de Jesus Cristo.

<sup>30</sup> Revestimento de camadas finas de argila aplicado sobre a superfície alisada da cerâmica.

teria se desenvolvido por volta do ano mil, aparece pela primeira vez sepultamentos em urnas. Nela se insere a fase Marajoara e “é justamente em Marajó... que os ‘policromistas’ demonstram a maior vitalidade.”<sup>31</sup>

Há uma relação entre a cerâmica Policroma amazônica e a tradição Tupiguarani, com o mesmo padrão de decoração pintado e o sepultamento em urnas, constituindo-se num problema que carece ainda de estudos a respeito.<sup>32</sup> Podemos perceber aqui a questão das migrações dos grupos falantes da língua Tupi, que seriam oriundos de levadas humanas migratórias que teriam atravessado o estreito de Bering, entre o Alasca e a Sibéria, e chegado ao litoral atlântico da América do Sul através da Amazônia, motivo de estudos e discussões sobre a origem policrômica amazônica da cerâmica Tupiguarani.

Os sítios da **tradição Inciso-Ponteada** foram localizados ao longo do rio Amazonas e seus afluentes, a leste do rio Negro, em Santarém e no Amapá, mais precisamente numa faixa de terra firme, protegidas da ação fluvial, entre as matas do interior e as várzeas dos rios. Sua decoração é complexa, no dizer de PROUS, “‘barroca’, que combina incisões, pontuações (pontos) e figuras modeladas biomorfas”.<sup>33</sup> Com baixos relevos, adornos biomorfos sobre a borda ou a parede do vasilhame, pintura, incisão



Fig. 4 - Vaso de cariátides da tradição Inciso Ponteada. Fonte: GOMES, Denise Maria Cavalcante. *Cerâmica arqueológica da Amazônia*, p. 180.

retilínea e ponteadado associado, urnas e estatuetas. Nesta Tradição Inciso-Ponteada inserem-se várias culturas concentradas no Baixo Amazonas e seus afluentes. Datações situam-na entre  $800 \pm 160$  e  $1150 \pm 210$  AD.

Como resultado do PRONAPA, foram identificadas essas quatro tradições. Uma versão para a bacia amazônica deste projeto denominada de PRONAPABA foi realizada posteriormente, trazendo novos dados para o estudo arqueológico na região.

<sup>31</sup> PROUS, André. *Arqueologia brasileira*, p. 441.

<sup>32</sup> *Ibid.*, p. 441.

<sup>33</sup> *Ibid.*, p. 441.

A cerâmica arqueológica amazônica sempre foi objeto de desejo de museus e colecionadores que buscaram enriquecer suas coleções com os belos exemplares encontrados nos sítios arqueológicos da região, sobretudo urnas funerárias marajoaras e exemplares da cerâmica Santarém. Esta cerâmica **Santarém** ou **Tapajônica** como é mais conhecida, se insere dentro da tradição Inciso-Ponteada, devido à sua exuberância morfológica e decorativa. Os sítios que agrupam esta cerâmica se localizam principalmente na margem direita do Amazonas, na sua confluência com o Tapajós, encontrando-se aí um grande número de sítios, nas áreas de terra firme, próximos de lagoas, acima das várzeas, que eram utilizadas para o cultivo de raízes e tubérculos. Pela espessura do refugo, que chega a 150 centímetros, percebe-se uma sedentarização, o que se evidencia também no tamanho das aldeias, com mais de 500 metros de comprimento. Segundo Roosevelt, esta fase cerâmica pertenceria a sociedades com estruturas complexas descritas por ela como cacicados.<sup>34</sup>

No que se refere à cerâmica Santarém, Meggers e Evans (1961) inserem-na no horizonte-estilo Inciso e Ponteado, cuja distribuição de sítios é verificada ao longo do Orinoco (Araucúin), do Amazonas (Konduri, Itacoatiara e Santarém), bem como na Guiana Inglesa (Mabaruma) e no Amapá (Mazagão).<sup>35</sup>

Tem um grande número de urnas funerárias, tangas, vasos de cariátides e de gargalo, apitos, cachimbos, entre outros. Como antiplástico aparece quase exclusivamente o cauixi, um espongiário fluvial, sendo comum



Fig. 5 - Vaso antropomorfo, vaso de cariátides e vaso de gargalo caracterizadores da cerâmica Santarém. Fonte: GOMES, Denise Maria Cavalcante. **Cerâmica arqueológica da Amazônia**, p. 277, 201 e 172.

<sup>34</sup> GOMES, Denise Maria Cavalcante. **Cerâmica arqueológica da Amazônia**: vasilhas da coleção tapajônica MAE – USP. São Paulo: EDUSP: FAPESP: Imprensa Oficial do Estado, 2002, 40.

<sup>35</sup> *Ibid.*, p. 56.

também a presença de bordas ocas, considerada uma técnica de difícil domínio.

Os elementos decorativos são sobretudo plásticos, feitos com a pasta ainda mole, com uma série de elementos repetitivos, geométricos, formas zoomorfas, antropomorfas ou zooantropomorfas, com pernas e tronco humanos e duas cabeças, uma animal e outra humana. Os vasos decorados são divididos em duas categorias: vasos de gargalo (com gargalos cônicos ou cilíndricos) e vasos de cariátides (figuras antropomorfas, que geralmente cobrem os olhos ou a boca com as mãos). Há também pratos com filetes periféricos representando cobras simétricas ou ondulantes, além de estatuetas biomorfas com corpo oco e peças zoomorfas com o corpo nu, com ou sem indicação de sexo, apresentando figuras eretas ou sentadas, algumas com decoração pintada.

### 1. 2. 1 Tradições cerâmicas no litoral amazônico

Com relação ao litoral da região amazônica, as pesquisas mostram uma grande variedade de cerâmicas. Aí se encontram os sambaquis fluviais ou marítimos do litoral do Pará, cuja cerâmica foi agrupada na **tradição Mina**, também localizada no curso médio do rio Amazonas. Esta denominação provém das “minas” de sernambi, como se chamam localmente os montes de conchas (sambaquis). Constituída de uma cerâmica grosseira, quase sem decoração, apenas com um corrugado raspado e engobo vermelho, incisões não-zonadas e roletados, com formas simples de cuias abertas, tendo como antiplástico conchas moídas. Esta cerâmica foi responsável por questionamentos a respeito da antiguidade da cerâmica no Brasil, quando, na década de 1970, foram obtidas datações que a colocaram como mais antiga que a de tipo Valdívia, da costa equatoriana.<sup>36</sup> Posteriormente, pôde-se comprovar que a cerâmica Mina está entre as mais antigas das Américas, com datações que chegam a 4.750 anos AP.<sup>37</sup>

A Ilha de Marajó, no Pará, foi um ambiente amplamente habitado por populações ceramistas de alta sofisticação decorativa. Os sítios da **fase cerâmica Marajoara** se concentram ao redor do lago Arari, e a cerâmica é encontrada em grande quantidade em aterros artificiais denominados tesos, cuja finalidade era evitar as enchentes. Caracterizada

<sup>36</sup> PROUS, André. *Arqueologia brasileira*, p. 471-473.

<sup>37</sup> Terminologia internacional AP que significa Antes do Presente (do inglês Before Present - BP), cujo referencial cronológico corresponde ao ano de 1950, quando se obteve a primeira datação radiocarbônica.

como a cerâmica mais bem elaborada e rica em formas e decoração, apresenta engobamento branco e vermelho com urnas funerárias antropomorfas, urnas globulares pintadas ou simples, cilindros excisos, tangas polícromicas, vasos sob pedestal, objetos fálcos, bancos individuais com decoração incisa representando uma face humana, estatuetas, adornos auriculares, apitos, entre outras formas. Os Marajoaras mantiveram sua cultura durante oito séculos conforme datações. Os Evans supõem que a técnica de fabricação cerâmica era confiada a artesãos especializados, podendo até haver uma hierarquia nesse sentido.<sup>38</sup>



Fig. 6 - Tanga polícromica e urnas funerárias da cerâmica de Marajó. Fonte: BARDI, P. M. A arte da cerâmica no Brasil, p. 82-83.

Apesar da exuberância e da alta qualidade da decoração, a fase Marajoara “a mais brilhante cultura brasileira pré-histórica... em seu clímax tecnológico e demograficamente superior a tudo o que se podia então encontrar ao longo do Amazonas,”<sup>39</sup> desapareceu, na opinião de alguns autores, sob a invasão de tribos belicosas,<sup>40</sup> e na de outros, devido a condições ecológicas, como a pobreza do solo, prevalente em Marajó.<sup>41</sup>

Como podemos perceber, as informações de que dispomos é muito mais descritiva que interpretativa, e o que temos a respeito dos grupos humanos que produziram essa cultura material é muito pouco. Ao se tentar elaborar um quadro do desenvolvimento cultural da região, percebe-se que as informações não fornecem dados suficientemente claros

<sup>38</sup> PROUS, André. *Arqueologia brasileira*, p. 490-491.

<sup>39</sup> *Ibid.*, p. 494.

<sup>40</sup> *Ibid.*, p. 494.

<sup>41</sup> NEVES, Eduardo Góes. Duas interpretações para explicar a ocupação pré-histórica na Amazônia. In: TENÓRIO, Maria Cristina (Org.). *Pré-história da terra brasilis*, Rio de Janeiro: EDUFRJ, 2000, p. 362.

para isso, pois as pesquisas de campo priorizaram a coleta de fragmentos cerâmicos que permitissem elaborar uma cronologia relativa para se estabelecer fases arqueológicas que representassem ocupação humana. Isso fez da cerâmica um elemento caracterizador da ocupação humana, quando na verdade ela é apenas um componente cultural do grupo que a fabricou.<sup>42</sup>

Desta maneira, o levantamento de sítios e o material coletado forneceu informações basicamente em um nível descritivo, sem se relacionar os dados obtidos com os demais componentes culturais dos grupos que foram estudados. As tradições cerâmicas foram definidas com base nos elementos técnicos da cerâmica. Esta deficiência é fruto da metodologia do PRONAPA, que visava estabelecer seqüências cronológicas relativas e traçar a difusão cultural dos grupos através dos vestígios cerâmicos.

## 1. 2. 2 As atuais pesquisas arqueológicas na Amazônia

O trabalho arqueológico na Amazônia ainda tem muito a revelar. A contribuição dos Evans foi fundamental para o conhecimento arqueológico da região, e pesquisas mais recentes trazem nova luz ao estudo da cerâmica na Amazônia.

Desde fins da década de 1980 Anna Roosevelt trabalha na região, pesquisando diferentes fases de cerâmica. Esta pesquisadora defende um modelo social descrito como cacicado, que teria se desenvolvido na Amazônia, caracterizado como uma complexa sociedade, com uma chefia centralizada.

A metodologia por ela aplicada combina pesquisas de arquivos, estudos de coleções e escavação estratigráfica, e diferentes métodos de datação. Numa fase identificada no sambaqui de Taperinha, perto de Santarém, os resultados obtidos através de datações radiocarbônicas e por termoluminescência, situam a cerâmica do Baixo Amazonas no oitavo milênio antes do presente e, portanto, como sendo considerada a mais antiga de todo o continente americano.<sup>43</sup> Segundo GASPAR e IMAZIO,

<sup>42</sup> MACHADO, Ana Lúcia da Costa. As tradições cerâmicas da Bacia Amazônica: uma análise crítica baseada nas evidências arqueológicas do médio rio Urubu (AM). 1991, Dissertação (Mestrado em História) – UFPE, Recife, p. 139-140.

<sup>43</sup> GOMES, Denise Maria Cavalcante. *Cerâmica arqueológica da Amazônia: vasilhas da coleção tapajônica* MAE – USP, p. 41; NEVES, Eduardo Góes. Duas interpretações para explicar a ocupação pré-histórica na Amazonia. In: TENORIO, Maria Cristina (Org.) *Pré-história da terra brasilis*, p. 361-365; ROOSEVELT, Anna Curtenius. Arqueologia amazônica. In: CUNHA, Manuela Carneiro da. *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura: FAPESP, 1992, p. 63.

[...] os pesquisadores ficaram surpresos com a antiguidade da cerâmica... que asseguram a utilização... desde 7.500 anos AP (Roosevelt, 1995). Assim, a Amazônia conta com uma seqüência cronológica que não deixa dúvidas sobre a antiguidade... do hábito de fabricar cerâmicas. Segundo Roosevelt et al. (op. cit.), trata-se, até o momento, da cerâmica mais antiga das Américas.<sup>44</sup>

Tal afirmação muda o panorama atual e força a novas pesquisas, com o intuito de modificar convenções estabelecidas quanto à ancestralidade da técnica de fabricação da cerâmica e, por conseguinte, da presença do homem no Novo Mundo.

### 1.3 A tradição cerâmica Tupiguarani

A tradição Tupiguarani trata-se da cerâmica localizada no litoral atlântico da América do Sul que teria pertencido aos antepassados dos Tupi-Guarani, já que “os locais onde essa cerâmica foi encontrada coincidiam com o território de distribuição dos grupos falantes da língua Tupi.”<sup>45</sup> Durante o PRONAPA, quando da elaboração de uma “*Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica*”,<sup>46</sup> convencionou-se denominar esta cerâmica de Tupiguarani, para distingui-la dos grupos indígenas conhecidos etnograficamente, designados Tupi-Guarani.

Desde o início da colonização portuguesa que se tem referências sobre essa cerâmica, com os relatos de cronistas que conviveram com tribos indígenas do Brasil, perceberam seu processo de fabricação e suas finalidades, e descreveram as impressões que tiveram a respeito desta cultura material em suas obras, dada a importância que esta tecnologia representava para aqueles povos. Estes relatos são de uma significância ímpar, pois nos permitem associar as descrições feitas com os vestígios arqueológicos encontrados, fornecendo dados que nos auxiliam a entender, pelo menos em parte, o contexto das épocas pretéritas. Entre estes cronistas podemos citar Hans Staden, que trata do processo de manufatura da cerâmica, Jean de Léry, que descreve a diversidade das formas e sua utilização, Claude D’Abbeville com informações sobre o tratamento da superfície das peças cerâmicas, e

<sup>44</sup> GASPAR, Maria Dulce; IMAZIO, Maura. Os pescadores – caçadores – coletores do litoral norte brasileiro. In: TENÓRIO, Maria Cristina (Org.). *Pré-história da terra brasilis*. Rio de Janeiro: EDUFRI, 2000, p. 249-250.

<sup>45</sup> LUNA, Suely Cristina Albuquerque de. *As populações ceramistas pré-históricas do baixo São Francisco – brasu*, p. 21.

<sup>46</sup> CHMYZ, Igor et al. *Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica*, *Cadernos de Arqueologia*, Paranaguá: Museu de Arqueologia e Artes Populares: UFPR, ano 1, p. 119-148, 1976.

Paul Ehrenreich com as primeiras informações arqueológicas associadas à cerâmica das tribos Tupi e Guarani.<sup>47</sup>

Esta cerâmica pertenceu a grupos humanos que geralmente moravam em aldeias de forma oval ou circular, na região costeira do Brasil, com economia baseada na mandioca, tendo também adentrado o interior do país. É uma cerâmica “confeccionada pela técnica de enrolamento em espiral de cordões de barro”.<sup>48</sup> Esta técnica denominada acordelada se produz pela superposição de roletes ou cordões de barro, originando uma cerâmica com paredes grossas e cozimento a fogo redutor ou incompleto. Apresenta como antiplástico grãos de cerâmica moída, que José Proenza Brochado considera a característica mais importante da tradição, e, em alguns casos, areia, carvão vegetal ou conchas moídas, e superfície com ou sem decoração plástica ou pintada. A decoração policrômica tem traços lineares sobre fundo engobado, e a decoração plástica pode ser corrugada, ungulada, entalhada na borda ou com outros elementos decorativos.



Fig. 7 - Fragmento cerâmico roletado ou acordelado. Fonte: LUNA, Suely. **As populações ceramistas pré-históricas do baixo São Francisco - Brasil**, p.225.

Sua morfologia apresenta como elemento comum a toda a tradição “tigelas em forma de calota de esfera e os vasos esferóides com bordas extrovertidas.”<sup>49</sup> Percebe-se que há muita diferença quanto ao tamanho, dependendo a que se destina o vasilhame, e as formas predominantes são as abertas de paredes baixas, retas ou carenadas, com bocas circulares, retangulares, elípticas ou quadrangulares, e fundos planos ou curvos, já as formas fechadas aparecem em menor número, tendo também formas regionais como as grandes igaçabas carenadas, urnas comuns entre o Sudoeste paulista e o Uruguai, ou as formas abertas como os assadores rasos e tinas de plano circular, oval ou quadrangular do litoral central e nordestino.

<sup>47</sup> D'ABEVILLE, Claude. **História da Missão dos padres capuchinhos na Ilha do Maranhão e terras circunvizinhas**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975; EHRENREICH, Paul. **Divisão e distribuição das tribos do Brasil, segundo o estado atual dos nossos conhecimentos**. *Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro*, 1892, 1º Boletim; LÉRY, Jean de. **Viagem à terra do Brasil**, Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo. EDUSP, 1980; STADEN, Hans. **Dois viagens ao Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1974.

<sup>48</sup> BROCHADO, José Proenza. A tradição cerâmica Tupiguarani na América do Sul. *CLIO*, Recife, v. 1, n. 3. EDUFPE, 1988, p. 48.

<sup>49</sup> *Ibid.*, p. 49.

“As formas comuns oscilam muito de tamanho, registrando-se desde pequenos vasos de 10 cm de diâmetro a grandes alguidares de 70-80 cm, com alguns ultrapassando um metro de diâmetro.”<sup>50</sup> As igaçabas eram usadas para líquidos e bebidas, além de fins funerários, e os potes globulares esféricos destinavam-se a preparar alimentos, enquanto que os abertos serviam para torrefação e para tampar urnas funerárias. Aparecem ainda colheres, cachimbos e tortuais de fusos.



Fig. 8 - Urna funerária da tradição Tupiguarani, subtradição corrugada, típica da região Sul-Sudeste do Brasil. Fonte: ROBRAHN-GONZÁLEZ, Érika Marion; ZANETTINI, Paulo Eduardo. *Jacareí às vésperas do descobrimento: a pesquisa arqueológica no sítio Santa Maria*, p. 42.



Fig. 9 - Grande assador da tradição Tupiguarani, típico da região nordeste. Fonte: Foto do autor, Acervo do Museu Câmara Cascudo.

Estabeleceu-se durante o PRONAPA uma divisão em subtradições, baseada nas características técnicas da decoração: as sub-tradições Pintada, Corrugada e Escovada, que obedeciam também a uma cronologia. Posteriormente mudanças foram necessárias, e em 1980 Brochado, baseado em datações

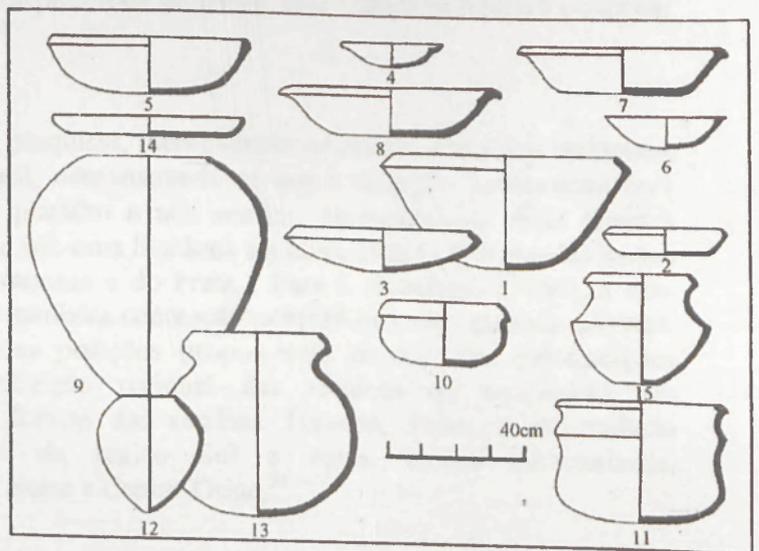


Fig. 10 - Formas de cerâmica Tupiguarani, subtradição Tupinambá, segundo J. P. Brochado. Fonte: MARTIN, Gabriela, *Pré-história do Nordeste do Brasil*, p. 196.

radiocarbônicas que anulavam o aspecto temporal, propôs uma divisão regional: sub-tradição Leste-Nordeste e sub-tradição Sul, e estabeleceu um quadro de periodização que situa o início

<sup>50</sup> MARTIN, G. *Pré-história do Nordeste do Brasil*, p. 196.

desta cerâmica em 500 AD, estendendo-se até o final do século XIX.<sup>51</sup>

De acordo com a posição difusionista das levas migratórias, os grupos indígenas fabricantes da cerâmica Tupiguarani se achavam, geralmente, próximos de rios navegáveis, assim as bacias fluviais serviriam de meio natural para a sua penetração. Ondas migratórias originárias da Amazônia, segundo estudos de Brochado, entre outros autores,<sup>52</sup> teriam trazido para o Nordeste a sub-tradição Pintada e para a região do rio da Prata a sub-tradição Corrugada, tendo esta subido o litoral até o Nordeste, o que resultaria em diferenciações regionais, estando a sub-tradição Leste-Nordeste associada etnograficamente a grupos Tupi do litoral, e a sub-tradição Sul ligada aos Guarani da bacia do rio da Prata.<sup>53</sup>

Mesmo considerada típica de regiões costeiras, a cerâmica desta tradição é encontrada num vasto território com mais de quatro mil quilômetros de extensão, que se estende desde a desembocadura do rio da Prata até o Nordeste do Brasil, aparecendo inclusive no Pará, e atinge uma largura que varia de quinhentos a mil quilômetros, chegando ao estado de Goiás. No Leste e Nordeste é mais popular uma cerâmica sem decoração, diminuindo à medida que sobe o Nordeste e adentra o interior. Devido a esse imenso espaço geográfico ocupado pela tradição Tupiguarani, percebem-se diferenças diversas no tamanho, formato, decoração plástica e pintada, ingredientes antiplásticos da pasta, etc. Gabriela Martin observa:

Com o avanço das pesquisas, identificaram-se numerosos sítios cerâmicos no interior do Brasil, demonstrando-se que a tradição Tupiguarani teve ampla difusão no planalto e nos sertões, assinalando-se duas grandes correntes de norte a sul: uma litorânea e a outra através das grandes bacias formadoras do Amazonas e do Prata... Para J. Brochado (1980), a sub-tradição deverá ter também conotação geográfica e não somente plástica. Conjugando as duas posições propôs uma divisão das sub-tradições baseada na distribuição regional das técnicas de tratamento das superfícies e nas formas das vasilhas. Haveria, assim, a sub-tradição Leste-Nordeste, a da região Sul e outra, menos caracterizada, correspondente ao Norte e Centro-Oeste.<sup>54</sup>

<sup>51</sup> BROCHADO, J. P. A tradição cerâmica Tupiguarani na América do Sul. *CLIO*, n. 3, p. 50; 53.

<sup>52</sup> *Ibid.*, p. 50; 53: *Id.*. Um modelo ecológico de difusão da cerâmica e da agricultura no Leste da América do Sul. *CLIO*, n. 4 (extraordinário), p. 85-87; PROUS, A. *Arqueologia brasileira*, p. 409-410; SCHMITZ, P. I. O Guarani: história e pré-história. In: TENÓRIO, Maria Cristina (Org.). *Pré-história da terra brasilis*, p. 288-289.

<sup>53</sup> BROCHADO, J. P. *op. cit.*, p. 49-50; 53; 59-60; BUARQUE, Ângela. A cultura Tupinambá no estado do Rio de Janeiro. In: TENÓRIO, Maria Cristina (Org.). *Pré-história da terra brasilis*. Rio de Janeiro: EDUFJRJ, 2000, p. 311-312; LUNA, Suely Cristina Albuquerque de. *As populações ceramistas pré-históricas do baixo São Francisco - Brasil*. P. 22-23; PROUS, André. *Arqueologia brasileira*, p. 37; SANTOS, Claristella Alves dos. *Rotas de migração tupiguarani: análise das hipóteses*. p. 88.

<sup>54</sup> MARTIN, G. *Pré-história do Nordeste do Brasil*, p. 196-197.

Dando continuidade aos estudos, Brochado utilizou-se de dados etno-históricos correlacionando-os com dados arqueológicos, dando ênfase à morfologia cerâmica, e na sua tese de doutorado concluiu que as subtradições Leste-Nordeste e Sul, além de explicitar variações regionais, apresentavam também a dispersão geográfica tomada pelos grupos Tupinambá e Guarani respectivamente, denominando, assim, as duas subtradições.<sup>55</sup>

Quanto à variada decoração plástica, a corrugada é mais popular. Feita com a impressão dos dedos sobre a superfície ainda plástica da argila, deixando marcas enrugadas; o corrugado tem subtipos denominados ungulado, alisado, complicado, espatulado, imbricado e simples, e aparece com maior intensidade na subtradição Guarani. A decoração ungulada, feita pela impressão da unha que é apertada

na superfície da pasta, deixando marcas semiunares de modo regular ou esparsos, é a forma plástica dominante na subtradição Tupinambá. Há ainda a decoração escovada, alisada com um objeto com múltiplas pontas, que é deslizado pela superfície da vasilha deixando sulcos em baixo relevo, a decoração incisa feita com um instrumento deixando uma linha em baixo

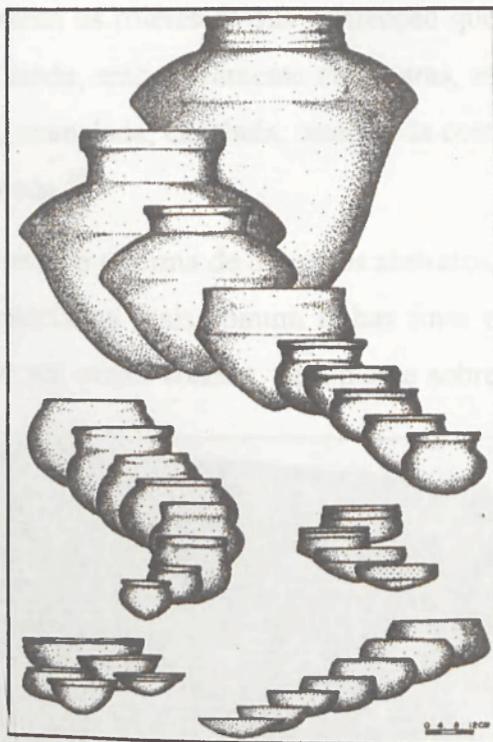


Fig. 11 - Formas de cerâmica Tupiguarani, subtradição Guarani, segundo P. I. Schmitz. Fonte: SCHMITZ, Pedro Inácio. O Guarani: história e pré-história. In: TENÓRIO, Maria Cristina (Org). *Pré-história da terra brasílica*, p. 286.



Fig. 12 - Cerâmica com decoração plástica corrugada. Fonte: BARDI, P. M. *A arte da cerâmica no Brasil*, p. 89.



Fig. 13 - Fragmento cerâmico com decoração plástica ungulada. Fonte: LUNA, Suely. *As populações ceramistas pré-históricas do baixo São Francisco - Brasil*, p. 218.



Fig. 14 - Fragmento com decoração plástica incisa. Fonte: LUNA, Suely. *As populações ceramistas pré-históricas do baixo São Francisco - Brasil*, p. 224.

<sup>55</sup> SANTOS, C. A. *Rotas de migração tupiguarani: análise das hipóteses*, p. 63-64.

relevo, a roletada na qual a superfície da vasilha apresenta os roletes da sua confecção que foram unidos somente pela parte interna da mesma, e ainda, respectivamente mais raras, as decorações entalhada na borda, ponteadada, serrungulada, acanalada, canelada, estampada com rede, marcada com tecido, nodulada, e pinçada ou beliscada.<sup>56</sup>

A decoração pintada ou policrômica ocorre sob a forma de desenhos abstratos, cobrindo a superfície ou em faixas, e tem como característica mais comum linhas finas e faixas mais largas em vermelho ou castanho, formando um efeito zonado, geralmente sobre engobo branco ou creme.

As linhas podem ser retas e curvas, contínuas ou excepcionalmente interrompidas, em posição horizontal, vertical ou oblíqua que podem estar isoladas ou combinadas entre si através de pontos formando padrões geométricos como ondas paralelas, ziguezagues, quadriculados, círculos,



Fig. 15 - Cerâmica Tupiguarani, subtradição Pintada.  
Fonte: acervo do Museu Câmara Cascudo.

zigzagues, quadriculados, círculos, volutas, retângulos, e aparece tanto na parte externa como interna das vasilhas, sendo

mais comum a decoração externa nas formas fechadas, e decoração interna nas vasilhas abertas. Os pigmentos podem aparecer em padrões monocromáticos ou policromáticos, geralmente aplicados antes da queima, e as cores são o vermelho ou castanho, o preto e o branco ou creme, podendo o vermelho ser usado também como engobo. O preto é aplicado com pincel formando traços finos lineares, já o vermelho se usa para traços largos, aplicado com os dedos, e para colorir largas faixas que ressaltam os relevos dos vasos.<sup>57</sup> Há ainda casos de vasilhames acromáticos.

Poucas são as variações temporais da tradição Tupiguarani, nos seus 1.500 anos de duração média, tendo o antiplástico se mantido praticamente inalterado, somente aumentando com o tempo o tempero arenoso; com as técnicas de tratamento das superfícies

<sup>56</sup>BROCHADO, J. P. A tradição cerâmica Tupiguarani na América do Sul. *CLIO*, n. 3, p. 48; CAGGIANO, Maria Amanda, JACOBUS, André Luiz, SCATAMACCHIA, Maria Cristina Mineiro. O aproveitamento científico de coleções museológicas: proposta para a classificação de vasilhas da tradição Tupiguarani. *CLIO*, Recife, n. 4 (extraordinário). Anais do I simpósio de pré-história do Nordeste brasileiro. EDUFPE, 1991, p. 90; PROUS, André. *Arqueologia brasileira*, p. 391-393.

<sup>57</sup>BROCHADO, J. P. op. cit., p. 48-49; CAGGIANO, Maria Amanda, JACOBUS, André Luiz, SCATAMACCHIA, Maria Cristina Mineiro. Op. cit., p. 90-94; PROUS, André. *Arqueologia brasileira*, p. 393.

ocorreu o mesmo, crescendo a decoração corrugada-ungulada no Sul, enquanto que no Leste e Nordeste se observa a diminuição da decoração plástica ou pintada.

Percebemos para a tradição Tupiguarani uma maior contextualização quanto aos grupos humanos que produziram esta cerâmica, ao contrário das tradições amazônicas, cujo caráter descritivo é latente na maioria dos trabalhos, possivelmente isto é devido ao maior número de pesquisas relativas à tradição cerâmica Tupiguarani.

#### 1.4 Tradições ceramistas de caráter regional no Brasil, excetuando o Nordeste

A **tradição Sapucaí** designa uma cerâmica encontrada em Minas Gerais, Mato Grosso e São Paulo, caracterizada por grandes urnas funerárias globulares não piriformes, tigelas em formas cônicas, rodela de fusos, cachimbos e pequenos vasos perfurados (cuscuzeiros) de uma cerâmica espessa, decorada em alguns casos com monocromia vermelha. Nas urnas funerárias Sapucaí aparecem pequenos vasos simples ou duplos em forma de cascas vegetais. Inicialmente foi classificada como tradição Aratu, localizada principalmente na Bahia, posteriormente definiu-se como tradição Sapucaí. Datada do final do primeiro milênio da Era Cristã até o século XVIII, caracteriza-se por grandes aldeias ocupando vertentes de morros perto de pequenos córregos e afastadas de grandes rios.



Fig. 16 - Urnas funerárias e pequena vasilha pintada da tradição Sapucaí. Fonte: BAETA, Alenice; PROUS, André; RUBBILOLO, Ezio. **O patrimônio arqueológico da região de Matozinhos**, p. 26, 94, 101.

A **tradição cerâmica Uru** foi localizada em Goiás, no alto Tocantins e na bacia do Araguaia, inicialmente classificada como a fase Mossâmedes da tradição Aratu, ocupando regiões de transição entre o cerrado e a mata atlântica, apresentando influências das cerâmicas amazônicas. É uma cerâmica sem decoração, a não ser apêndices, com antiplásticos

de fibras, espículas vegetais, areia fina ou grossa e mica. As formas encontradas são as globulares, com gargalo, panelas, cuscuzeiros e pratos assadores.

A **tradição Una**, encontrada em abrigos, no centro do país, é distribuída pelos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo e Goiás, e é classificada em variedades "A" e "B". As características básicas da variedade "A" que abrange o norte mineiro e Goiás são a ausência de decoração, vasilhas de pequenas dimensões, pasta com textura compacta, excelente queima, com paredes nas cores cinza ou marrom escuro, e antiplástico de cariapé ou carvão. A variedade "B" refere-se à cerâmica de Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro. Tem como características uma cerâmica negra, com pequenas vasilhas globulares, cônicas de corpo globular, ou piriformes, de espessura fina, e antiplástico de areia ou cacos moídos.<sup>58</sup>

A cerâmica encontrada na região Sul do Brasil foi definida nas tradições Taquara, Itararé e Casa de Pedra. Nesta área, mais precisamente no planalto do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, região fria e elevada, se desenvolveu um sistema de moradia especificamente adaptado: as casas subterrâneas,<sup>59</sup> que aparecem sempre em grupo, ocupando as encostas de morros, com estruturas cujo tamanho varia bastante. Em algumas destas casas subterrâneas encontram-se também galerias e túneis que parecem servir para evacuação rápida em caso de invasão inimiga, ou ainda como armadilha, já que alguns desses túneis não tem saída.<sup>60</sup> No litoral, há a ocupação de topos de sambaquis e sítios a céu aberto, e no interior do Paraná e de São Paulo aparecem sítios a céu aberto e em abrigos rochosos, e construções funerárias. Em todos estes sítios foi encontrada cerâmica pré-histórica, e estabelecidas suas tradições.

#### A tradição Itararé

localizada no Paraná e em São Paulo é

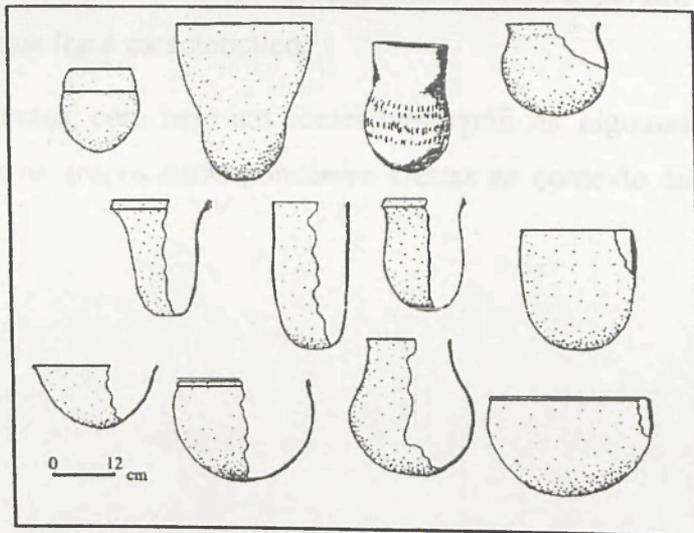


Fig. 17 - Formas cerâmicas da tradição Taquara-Itararé.  
Fonte: PROUS, André. *Arqueologia brasileira*, p. 323.

<sup>58</sup> GASPAR, Maria Dulce. A pré-história do estado do Rio de Janeiro: sistemas sociais identificados até a chegada dos europeus. *Boletim do Museu Nacional*, n. 60, 1992, p. 7-8; PROUS, André. *Arqueologia brasileira*, p. 333-340.

<sup>59</sup> PROUS, André. *Arqueologia brasileira*, p. 312-320; ROBRAHN-GONZÁLEZ, Erika Marion. Diversidade cultural entre os grupos ceramistas do Sul-Sudeste brasileiro: o caso do vale do Ribeira de Iguape. In: TENÓRIO, Maria Cristina (Org.). *Pré-história da terra brasilis*. Rio de Janeiro: EDUFRJ. 2000, p. 294.

<sup>60</sup> PROUS, André. op. cit., p. 318-319.

simples, com antiplástico de areia grossa, poucas e pequenas formas, a decoração plástica, quando raramente aparece, pode ser unglada, incisa, ponteadada, aplicada nas partes superiores dos vasos, ocorrendo ainda impressões de cestaria.

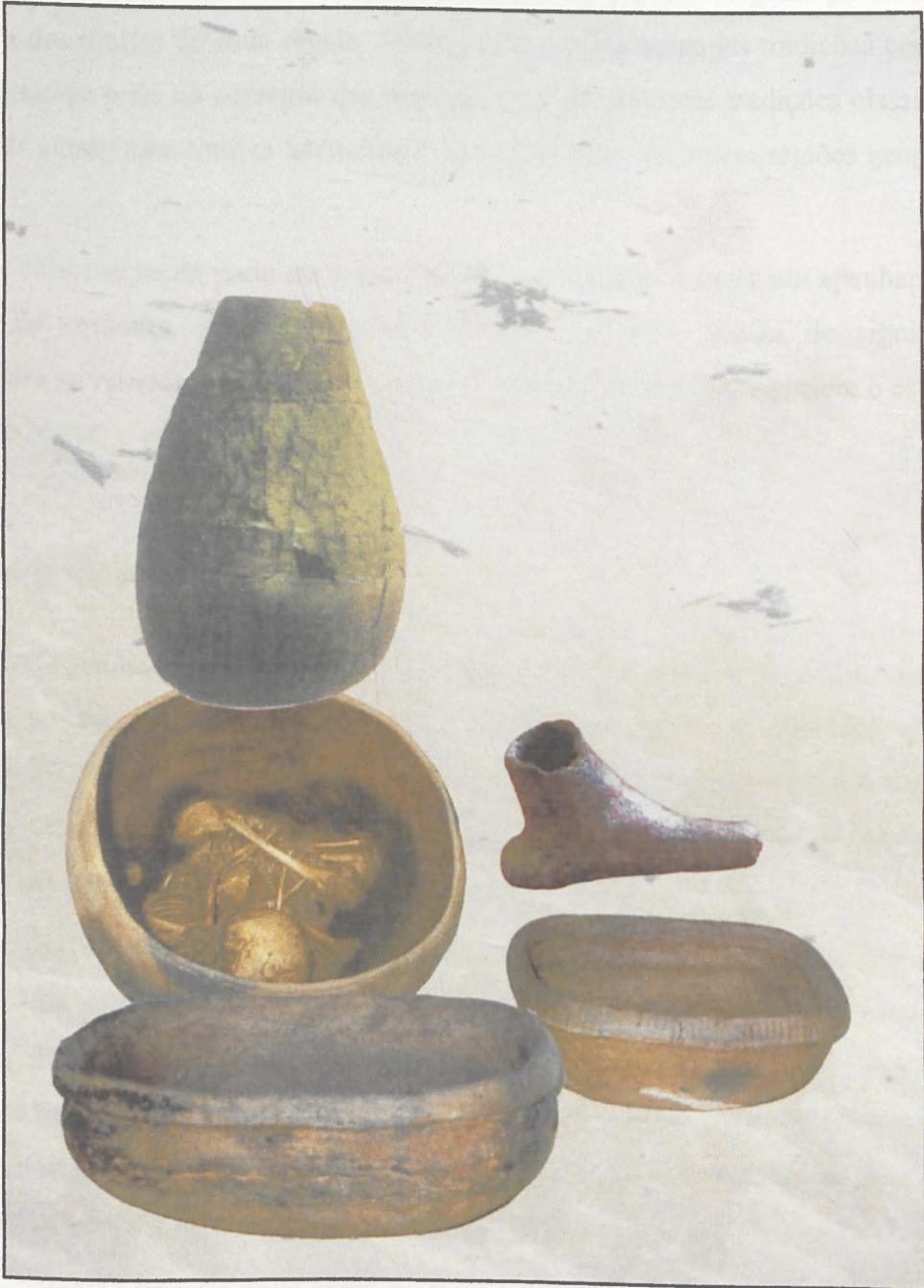
A **cerâmica Taquara**, do Rio Grande do Sul, tem semelhanças com a Itararé, no entanto a pasta é mais fina e homogênea, e a decoração é mais freqüente.

A **cerâmica Casa de Pedra**, localizada em Santa Catarina e Paraná, também tem semelhanças com a Itararé, sem decoração, com um tratamento de superfície polida, paredes finas e cor marrom ou preta.

Além destas tradições cerâmicas, outras de menor abrangência e numerosas fases não filiadas a tradições foram classificadas. Apresentamos aqui apenas as tradições de maior dispersão no Brasil. A bibliografia encontrada sobre as tradições cerâmicas amazônicas refere-se aos estudos da época do PRONAPA, além de estudos recentes que adotam novas perspectivas metodológicas. Resultante disto, o caráter descritivo caracteriza a maioria dos trabalhos relativos a este tema. O mesmo ocorre com as tradições regionais. Da tradição Tupiguarani sabemos que, não obstante a especificidade cultural dos diferentes grupos, esta pertenceu aos índios Tupi e Guarani, que ocupavam todo o litoral leste da América do Sul. Contudo, vale salientar que muitos sítios localizados nas áreas interioranas como o sertão nordestino foram classificados como pertencentes à tradição Tupiguarani, estando, porém, num contexto ambiental adverso daquele que lhe é característico.

Tal fato exige que formulemos, com base nas fontes bibliográficas, algumas especificidades das divisões ceramistas e os grupos correspondentes a estas no contexto da atual região Nordeste do país.

## CAPÍTULO 2



## TRADIÇÕES CERÂMICAS PRÉ-HISTÓRICAS NORDESTINAS

A divisão das tradições cerâmicas por regiões, estabelecida na época do PRONAPA, não necessariamente corresponde à configuração regional do território brasileiro, dada sua extensão continental, com diferenças climáticas e geomorfológicas percebidas até mesmo dentro dos limites de cada região. Deste modo, as denominadas tradições cerâmicas regionais inserem-se mais no contexto das tipologias, já que algumas tradições classificadas como regionais extrapolam limites territoriais e avançam áreas de outras regiões geográficas do Brasil.

Nesta segunda parte do nosso trabalho, pretendemos fazer um apanhado geral dos estudos da cerâmica pré-histórica no Nordeste brasileiro, região de significativa importância para os estudos pré-históricos do Brasil, e em cujo contexto se insere o estado do Rio Grande do Norte.

## 2.1 Crítica metodológica

Os resultados obtidos a partir dos estudos da cerâmica arqueológica no Brasil têm recebido críticas nas últimas décadas,<sup>61</sup> sobretudo quanto à metodologia utilizada, difundida pelo PRONAPA, considerando que, como resultados, somente se tem informações fragmentadas, com a definição de tipos, fases e tradições estabelecidas, mas que não levam à elaboração de um contexto geral da pré-história brasileira.

Essas críticas aplicam-se, por exemplo, ao conceito de tradição, que aparece muitas vezes com duplo sentido, não se definindo claramente se o termo se refere a uma tradição cultural ou tecnológica. Nesta conceituação o significado fica restrito, pois pode-se classificar uma tradição a partir de uma seqüência de traços comuns que se desenvolveram um após outro, contínua e cronologicamente, numa perspectiva difusionista, a qual nega o desenvolvimento independente de um ou vários traços culturais.<sup>62</sup>

Diante desta problemática, as pesquisas arqueológicas recentes estão sendo encaminhadas com maior cautela, procurando-se direcionar os trabalhos numa perspectiva contextualizada. “Considera-se primordial que o estudo dos sítios arqueológicos, ao invés de analisados de forma isolada, seja realizado sob uma ‘perspectiva de área’, onde poder-se-ia

<sup>61</sup> ALBUQUERQUE, Marcos. Ocupação Tupiguarani no estado de Pernambuco. *CLIO*, n. 4 (extraordinário), Anais do I simpósio de pré-história do Nordeste brasileiro. Recife: EDUFPE, 1991, p. 115-116; LUNA, Suely Cristina Albuquerque de. As populações ceramistas pré-históricas do baixo São Francisco – Brasil, p. 27-31.

<sup>62</sup> LUNA, Suely. op. cit., p. 28-31.

observar, de modo particular e geral, quais os elementos que serão tomados como parâmetros para a reconstituição pré-histórica.”<sup>63</sup>

Esta é uma tendência a nível nacional, e no Nordeste vêm sendo desenvolvidas novas perspectivas teórico-metodológicas, na busca da compreensão de um contexto mais geral, e não estudando os materiais arqueológicos isoladamente, para que com isso se chegue a um entendimento amplo da sociedade pesquisada, percebendo no conjunto de elementos materiais uma dinâmica, fruto da ação atuante do homem.

## 2. 2 A pesquisa da cerâmica pré-histórica na região Nordeste

Observando-se a bibliografia sobre a pré-história do Nordeste brasileiro, percebemos uma produção ainda incipiente do ponto de vista científico, apesar da moderna pesquisa científica em arqueologia ter dado seus primeiros passos no Brasil nas décadas de 40 e 50 do século XX. Gabriela Martin<sup>64</sup> em seu livro discorre sobre três fases na história da arqueologia brasileira, constituída de mitos heróicos, relatos de viajantes, missionários e aventureiros, e a moderna pesquisa científica, e que o Nordeste ficou fora dessa pesquisa até os anos 60.

Somente após a elaboração do PRONAPA em 1965, as pesquisas arqueológicas no Nordeste do Brasil ganharam conotação maior. Partindo-se deste programa, a historiografia relativa à cultura material cerâmica no Nordeste começou a ser produzida, mas de maneira restrita, pois, apesar de ser uma extensa região, as pesquisas limitaram-se a sítios arqueológicos do Rio Grande do Norte e da Bahia, estados com pesquisadores participantes no programa, a partir de resultados preliminares das pesquisas, e da identificação de fases arqueológicas inseridas na tradição Tupiguarani, de tradições ceramistas regionais ou de cerâmicas que não foram relacionadas como pertencentes a nenhuma tradição até então estabelecida. No Rio Grande do Norte, Nássaro Nasser realizou prospecções no litoral sul do estado, e na Bahia, Valentin Calderón desenvolveu importantes trabalhos, estabelecendo ali a tradição ceramista Aratu, e realizando também pesquisas em Pernambuco e em outras áreas do litoral nordestino.

<sup>63</sup> ALVES, Cláudia, LUNA, Suely, NASCIMENTO, Ana. A cerâmica pré-histórica no Nordeste brasileiro. *CLIO*, Recife, v. 1, n. 6, 1990, p. 106.

<sup>64</sup> MARTIN, Gabriela. *Pré-história do Nordeste do Brasil*.

Atualmente se desenvolvem pesquisas arqueológicas no Nordeste através de instituições como o Núcleo de Estudos Arqueológicos da Universidade Federal de Pernambuco e a Fundação Museu do Homem Americano, no Piauí, cuja atuação conjunta está possibilitando o surgimento de um novo contingente profissional na área de arqueologia e pré-história no Nordeste brasileiro, além da colaboração de outras instituições no Rio Grande do Norte, Alagoas, Sergipe, Paraíba, Ceará e Bahia, que utilizam uma metodologia unificada, com a delimitação de áreas arqueológicas, e os estudos vêm sendo realizados abordando os variados aspectos de vestígios arqueológicos, seja cultural ou materialmente. No tocante à cultura material cerâmica, as pesquisas se dão “com adoção de metodologias direcionadas a traçar perfis técnicos que auxiliem na compreensão do contexto cerâmico”.<sup>65</sup> São estudos com pesquisas intensivas, visando à elaboração de um novo quadro quanto ao povoamento da região.

### 2.3 O conceito de área arqueológica

Áreas arqueológicas são divisões geográficas com condições geomorfológicas e climáticas similares, e nas quais se encontra um número significativo de sítios pré-históricos em que seja possível a realização de estudos dos grupos étnicos que os povoaram. As escavações das áreas arqueológicas devem ser exaustivas, a fim de se estabelecer as condições de vida dos homens que habitaram esses sítios. Teoricamente, a área arqueológica é estabelecida a partir de um estudo geomorfológico da região, realizando-se prospecções extensivas, não devendo considerar-se o elemento geográfico, mas sim se a área de ocupação de determinado grupo cultural difere de outro, de modo que seja possível a mobilidade dos estudos com a finalidade de se definir as características culturais de cada um desses grupos.

Neste contexto se insere o enclave arqueológico, caracterizado por uma área menor, com evidências culturais de grupos humanos, podendo, por vezes, ser indicadores de uma área arqueológica, comprovada ou não, posteriormente, pela frequência de sítios arqueológicos com horizontes culturais semelhantes.

---

<sup>65</sup> LUNA Suely Cristina Albuquerque de. *As populações ceramistas pré-históricas do baixo São Francisco – Brasil*, p. 34.

Esta metodologia efetua, num período que pode levar alguns anos, prospecções intensivas e a escavação sistemática e total da área escolhida, até retirar informações que possam responder questões acerca dos grupos humanos que habitaram todo o entorno da área estudada, oferecendo uma visão mais próxima das relações sociais destes grupos.<sup>66</sup>

No Nordeste brasileiro a pesquisa de áreas arqueológicas vem sendo desenvolvida permitindo novos dados sobre as sociedades ágrafas que habitaram a região. As áreas e enclaves arqueológicos estudados são os sítios dunares do Litoral e a área arqueológica do Seridó, no Rio Grande do Norte; a área arqueológica de São Raimundo Nonato, no Sudeste do Piauí; a área de Xingó, no vale médio do rio São Francisco e a área arqueológica de Central, no

Noroeste da Bahia; além disso, há estudos recentes ou antigos na zona da Mata, no Litoral e no Sertão de Pernambuco, e também na zona da Mata entre os estados de Alagoas e Pernambuco, e nas estearias e sambaquis do litoral do Maranhão.

Para os estados da Paraíba e do Ceará, infelizmente não há estudos arqueológicos referentes a grupos ceramistas, muito embora Gabriela Martin faça referências sobre o conteúdo dos arquivos dos institutos históricos destes estados, e mencione a região do Brejo paraibano como local de numerosos sítios arqueológicos, sobretudo cerâmicos, mas que



Mapa 2 - Mapa das áreas arqueológicas com sítios cerâmicos no Nordeste brasileiro. Fonte: LUNA, Suely Cristina Albuquerque de. **As populações ceramistas pré-históricas do baixo São Francisco – Brasil**, p. 68.

<sup>66</sup> MARTIN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste do Brasil**, p. 89-95.

não foram pesquisados.<sup>67</sup> No Ceará a situação é a mesma, não por ausência de grupos humanos pré-históricos neste estado, mas pela falta de estudos arqueológicos, todavia, recentemente se deu início a pesquisas arqueológicas, que se espera venha a preencher esta lacuna, já que no Ceará temos informações de coleções cerâmicas Tupiguarani descontextualizadas, e urnas piriformes com características Aratu.<sup>68</sup> Resta a pesquisa, embasada nas novas metodologias em voga, para que cada vez mais se complete o quadro da pré-história nordestina, e, por conseguinte, brasileira.

### 2. 3. 1 As áreas arqueológicas com cerâmica pré-histórica no Nordeste

A delimitação de áreas arqueológicas para pesquisa extensiva de sociedades pretéritas privilegia regiões com abundância de vestígios destas sociedades, que podem ser de pinturas rupestres, artefatos líticos, cerâmicos ou outros elementos culturais ou materiais. Muitas vezes os estudos se detêm sobre sítios denominados de habitação, por se caracterizarem pela presença de restos habitacionais, ou sítios acampamento, espaços que serviram para abrigar temporariamente determinado grupo humano e que nele deixaram o testemunho de sua ação, ou ainda sítios cemitérios, nos quais se verifica a presença de esqueletos e de restos de mobiliário fúnebre, denunciando práticas de enterramentos dos mortos.

Na área arqueológica do vale do rio São Francisco, dos estudos arqueológicos desenvolvidos, muitos são como projetos de salvamento, e constata-se a presença de grupos pré-históricos em toda a sua extensão. O início do povoamento na região é aceito por volta do oitavo milênio AP, já que “a grande bacia do São Francisco foi centro de atração e caminho natural de grupos pré-históricos desde os fins do pleistoceno”.<sup>69</sup> A Gruta do Padre, no município de Petrolândia em Pernambuco, foi o primeiro sítio estudado na região, encontrando-se hoje sob as águas da hidrelétrica de Xingó. Desta gruta proveio uma cerâmica constituída de uma urna funerária e outros fragmentos cerâmicos.

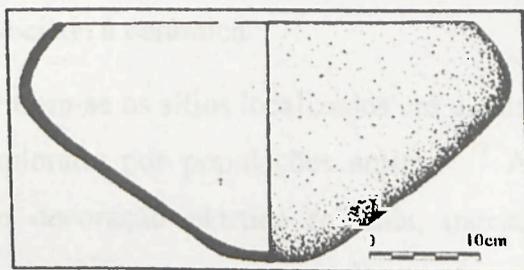


Fig. 18 - Urna funerária da Gruta do Padre, Petrolândia/PE. Fonte: MARTIN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste do Brasil**, p. 216.

<sup>67</sup> MARTIN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste do Brasil**, p. 37; 51.

<sup>68</sup> *Ibid.*, p. 21.

<sup>69</sup> *Ibid.*, p. 52.

Valentin Calderón, além de estudar o litoral

baiano, estabelecendo a tradição Aratu, encontrou na região sanfranciscana duas fases cerâmicas denominadas Cabrobó e Curaçá. A fase Cabrobó tem como características uma fabricação acordelada, antiplásticos de areia grossa, fina ou mica, superfície alisada, polida, corrugada, acanalada, espatulada ou ungulada, e a forma das vasilhas composta de tigelas e panelas globulares e ovóides, com superfícies escovadas ou alisadas, bordas simples introvertidas, diretas ou extrovertidas e lábios apontados ou arredondados, e pertence a aldeias de agricultores das ilhas do médio São Francisco, sendo sítios cemitério e de habitação; a fase Curaçá é de sítios cemitério, com enterramentos primários, inumados em covas rasas, e tem como características uma fabricação com antiplástico de areia grossa e a forma de tigelas.<sup>70</sup>

Além destes resultados, recentemente Suely Luna<sup>71</sup> pesquisou a área do baixo São Francisco, e em 21 sítios cerâmicos conseguiu datações que variam de 8.950 AP até 1.280 AP,<sup>72</sup> aplicando neste trabalho as novas metodologias que não se resumem somente na descrição dos resultados obtidos na análise das peças cerâmicas, mas numa contextualização com o meio ambiente e com outros vestígios da cultura material associada à cerâmica.

Ainda na região do São Francisco encontram-se os sítios localizados em dunas fluviais, o que marca “um novo tipo de habitat explorado por populações antigas”.<sup>73</sup> A cerâmica destes sítios é fabricada acordelada, com decoração plástica roletada, incisa, corrugada, escovada, excisa ou ponteada, com alguns cacos com pintura vermelha e preta, e antiplástico de areia grossa. As formas das vasilhas são tigelas, panelas, pratos e assadores.

A construção da hidrelétrica de Xingó, entre Sergipe e Alagoas, gerou um projeto de salvamento arqueológico que resgatou uma cerâmica proveniente de ocupações

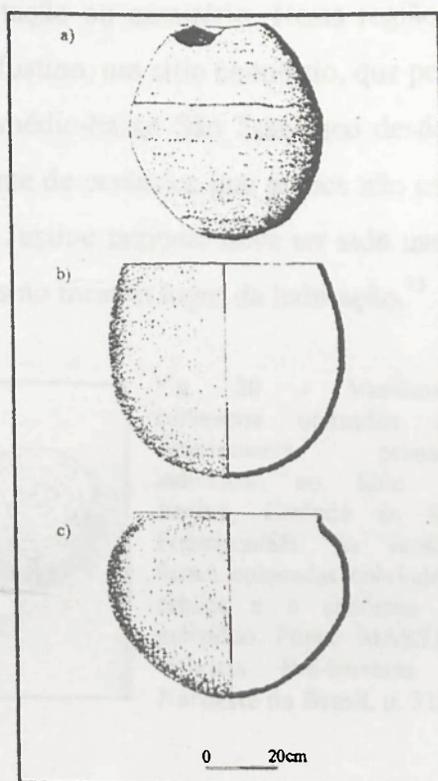


Fig. 19 - Cerâmica Cabrobó. Urnas funerárias originárias de Cabrobó, Zorobabel e Itacuruna/PE. Fonte: MARTIN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste do Brasil**, p. 215.

<sup>70</sup> MARTIN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste do Brasil**, p. 218-219.

<sup>71</sup> LUNA, Suely Cristina Albuquerque de. **As populações ceramistas pré-históricas do baixo São Francisco - Brasil**, 2001.

<sup>72</sup> *Ibid.*, p. 101.

<sup>73</sup> *Ibid.*, p. 51.

ceramistas caracterizadas por sítios acampamento, habitação ou cemitério. Nesta região, a maior quantidade de cerâmica é proveniente do Sítio do Justino, um sítio cemitério, que pelas datações, “situa o assentamento dessas populações no médio-baixo São Francisco desde a metade do segundo milênio a. C.”<sup>74</sup> A presença abundante de cerâmica que parece não estar associada a rituais fúnebres pode indicar que o Sítio do Justino também deve ter sido usado como aldeia, e, como costume, os mortos eram enterrados no mesmo lugar da habitação.<sup>75</sup>

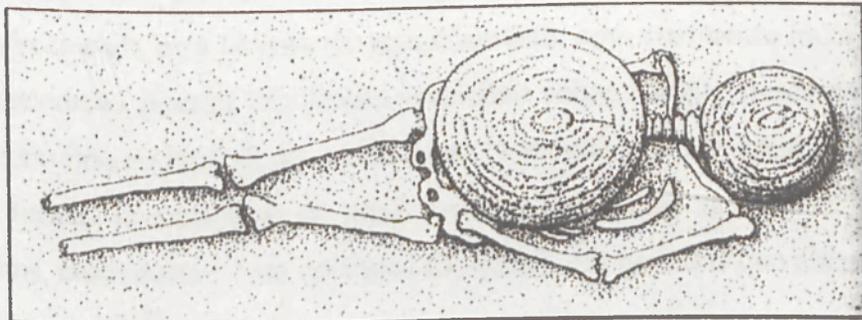


Fig. 20 - Vasilhames cerâmicos utilizados em enterramento primário individual no Sítio do Justino, Canindé do São Francisco/SE. As vasilhas foram colocadas cobrindo a cabeça e o abdômen do indivíduo. Fonte: MARTIN, Gabriela. *Pré-história do Nordeste do Brasil*, p. 318.

A cerâmica de Xingó tem o tratamento plástico alisado, escovado, inciso, corrugado e unglado, e pela antiguidade das datações, percebe-se que técnicas de tratamento plástico podem ter sido usadas antes da expansão Tupiguarani e Aratu pelo Nordeste.<sup>76</sup> A decoração pintada é mais rara, nas cores vermelha e branca, e a técnica de manufatura é acordelada ou roletada e antiplástico de areia fina ou grossa, areia com mica e cacos de cerâmica moída. As formas predominantes são pequenas vasilhas globulares, de bases curvas ou planas e bordas diretas.



Fig. 21 - Vaso com tratamento de superfície alisado corrugado, associado a enterramento no Sítio do Justino; cachimbo cerâmico. Fonte: LUNA, Suely. *As populações ceramistas pré-históricas do baixo São Francisco - Brasil*, p. 237, 243.

<sup>74</sup> MARTIN, Gabriela. *Pré-história do Nordeste do Brasil*, p. 219.

<sup>75</sup> MARTIN, Gabriela. Os rituais funerários na pré-história do Nordeste. *CLIO*, Recife, v. 1, n. 10. EDUFPE, 1994, p. 36.

<sup>76</sup> MARTIN, Gabriela. *op. cit.*, p. 219.

No período do PRONAPA, no Agreste pernambucano, município de Bom Jardim, foi identificada uma cerâmica inicialmente associada à tradição Aratu, por se tratar de sítios com urnas funerárias. Todavia, a mesma cerâmica apresenta características adversas daquela tradição, por se tratar de cerâmica de cerimonial funerário secundário, com rituais de incineração, não havendo enterramentos, mas apenas deposição dos vasilhames no interior de cavernas, enquanto que a tradição Aratu é associada a enterramentos primários em urnas piriformes nas periferias das aldeias. Esta cerâmica denominada **Pedra do Caboclo** é confeccionada pela técnica de acordelamento, com cozimento incompleto ou a fogo redutor. A decoração pintada tem linhas vermelhas sobre a argila fresca na parte exterior, ou sobre engobo fino no interior dos vasilhames. O antiplástico é de areia e cacos de cerâmica moídos. As formas se compõem de urnas funerárias ovóides, vasilhas de alças com furos, tigelas, pratos, entre outras. Esta cerâmica foi datada em períodos que abrangem de  $1.515 \pm 90$  AP e  $450 \pm 50$  AP.<sup>77</sup>



Fig. 22 - Urnas funerárias e vasilhas cerâmicas da Pedra do Caboclo. Fonte: LAROCHE, Armand. **Contribuições para a pré-história Pernambucana**, p. 61.

Na etapa atual de pesquisas arqueológicas no estado de Pernambuco, na zona do litoral-mata, dezenas de sítios cerâmicos foram localizados e filiados à sub-tradição policrômica da tradição Tupiguarani, estabelecendo-se diversas fases; na região do semi-árido outras fases cerâmicas da mesma tradição foram classificadas, demonstrando a dispersão que a tradição cerâmica Tupiguarani alcançou na longa faixa que vai desde o litoral até o sertão nordestino.

Uma das regiões recentemente pesquisadas no Nordeste corresponde à área entre os estados de Alagoas e Pernambuco, por ocasião do projeto de salvamento

<sup>77</sup> LAROCHE, Armand François Gaston. **Contribuições para a pré-história pernambucana**. Recife: Gabinete de história natural, 1975, p. 39; LAROCHE, Armand François Gaston. **Contribuições para a arqueologia pernambucana (os sítios arqueológicos do Monte do Angico - Bom Jardim - PE)**. Recife: Gabinete de história natural, 1977, p. 116-117.

arqueológico do gasoduto Pilar (AL) – Cabo (PE), cujas escavações resultaram no estabelecimento de dois conjuntos cerâmicos, um deles filiado à tradição Tupiguarani, e um outro ainda não filiado a nenhuma tradição, com estudos ainda em fase de andamento.<sup>78</sup>

No Maranhão há a cerâmica do lago Cajari, denominada de **fase Cajari**. Encontrada nas estearias e sambaquis, sua origem amazônica se torna clara no antiplástico de conchas moídas ou cariapé, usados na cerâmica amazônica. Na decoração aparecem adornos de zoomorfos, cabos e asas modeladas, como também a pintura em finas linhas vermelhas sobre engobo branco. As formas

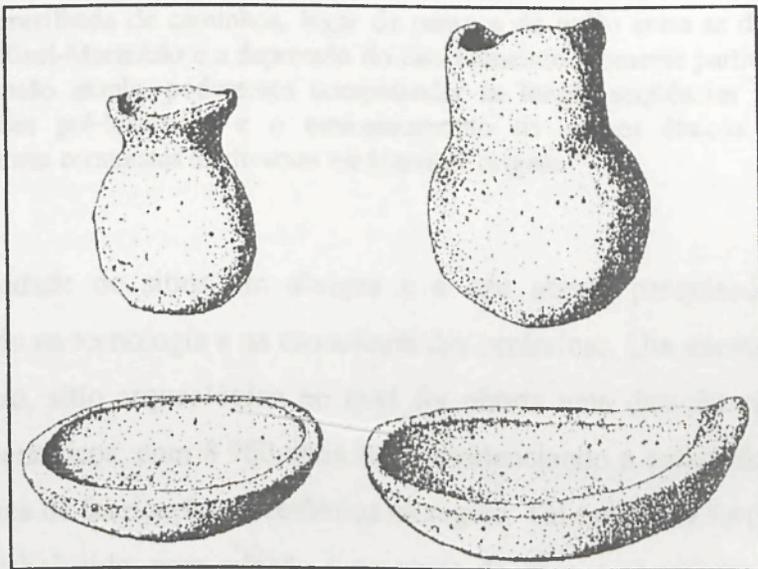


Fig. 23 - Vasos miniaturas de cerâmica das palafitas do lago Cajari, Maranhão. Fonte: MARTIN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste do Brasil**, p. 142.

são pequenos vasos acordelados, globulares, de gargalo, panelas com boca ampliada semi-esféricas e em meia calota, tigelas, grelhas e miniaturas.<sup>79</sup>

No Sudeste do Piauí, na área arqueológica do Parque Nacional Serra da Capivara, em São Raimundo Nonato, desde a década de 1970 pesquisas arqueológicas são realizadas, e a evidência de presença humana se verifica em artefatos líticos procedentes de estruturas de fogões, com a obtenção de datações pleistocênicas no sítio do Boqueirão da Pedra Furada, que remontam há 50.000 anos, forçando a uma revisão das teorias relativas ao povoamento da América, até então aceitável como remontando há 12.000 anos.<sup>80</sup> É nesta região também que se encontrou o esqueleto humano mais antigo do Nordeste, escavado em 1990 por Niède Guidon, arqueóloga da Fundação Museu do Homem Americano, instituição responsável pelas pesquisas na área do Parque Nacional Serra da Capivara. O esqueleto é de uma mulher, achado ao lado de restos de uma fogueira, e foi datado pelo carvão vegetal oriundo desta, em 9670 anos AP.<sup>81</sup>

<sup>78</sup> LUNA, Suely Cristina Albuquerque de. **As populações ceramistas pré-históricas do baixo São Francisco – Brasil**, p. 40.

<sup>79</sup> MARTIN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste do Brasil**, p. 216.

<sup>80</sup> *Ibid.*, p. 97.

<sup>81</sup> *Ibid.*, p. 69-70.

Nesta região os estudos de grupos ceramistas foram dirigidos por Sílvia Maranca. O local é uma

[...] encruzilhada de caminhos, lugar de passo e de união entre as duas bacias Piauí-Maranhão e a depressão do São Francisco. Somente partindo dessa visão ampla, poderemos compreender as longas seqüências nas ocupações pré-históricas e o estabelecimento de grupos étnicos de agricultores ceramistas de diversas tendências e origens.<sup>82</sup>

É grande a variedade de sítios em abrigos e a céu aberto pesquisados, revelando uma grande diversidade na tecnologia e na cronologia das cerâmicas. Um exemplo disso é a Toca do Sítio do Meio, sítio arqueológico no qual foi obtida uma datação com carvão associado a dois cacos cerâmicos, com 8.960 anos AP,<sup>83</sup> evidenciando a antiguidade de grupos que conheciam a técnica de fabricação da cerâmica na região. Tal evidência força a uma reelaboração do quadro estabelecido, com relação à presença de grupos ceramistas na região, pois até então se admitia que estes chegaram à região expulsos por grupos Tupi, em épocas recentes à chegada dos primeiros europeus ao litoral.<sup>84</sup>

Percebemos também no Piauí, grupos humanos ceramistas que praticaram enterramentos em cavernas e abrigos, utilizando para isso urnas funerárias. Estas cerâmicas não estão filiadas a nenhuma tradição, evidenciando a tendência corrente entre os arqueólogos que atuam na área, de se estudar separadamente as cerâmicas evitando-se filiações simplistas.<sup>85</sup>

No Rio Grande do Norte, Nássaro Nasser, participante da equipe do PRONAPA, realizou escavações no litoral potiguar, definindo duas fases cerâmicas que ele denominou fase Curimataú, filiada à subtradição Policroma da tradição Tupiguarani, e a fase Papeba, não filiada a nenhuma tradição. Posteriormente estes estudos foram continuados por outros pesquisadores. Neste estado, a presença de sítios



Fig. 24 - Urna funerária contendo enterramento primário do Sítio Baixa dos Caboclos, Parque Nacional Serra da Capivara/PI. Fonte: MARTIN, Gabriela. *Pré-história do Nordeste do Brasil*, p. 426.

<sup>82</sup> MARTIN, Gabriela. *Pré-história do Nordeste do Brasil*, p. 220.

<sup>83</sup> *Ibid.*, p. 101.

<sup>84</sup> *Ibid.*, p. 56.

<sup>85</sup> *Ibid.*, p. 220-225.

cerâmicos se dá, sobretudo, no litoral, sobre as áreas de dunas, mas ocorre também na região do Seridó. O estudo do material cerâmico como indicador de grupos humanos pré-históricos no Rio Grande do Norte será objeto do terceiro capítulo deste trabalho.

## 2. 4 Metodologias de análise

Os aspectos teórico-metodológicos que norteiam as pesquisas com sítios cerâmicos no Nordeste do Brasil tem dado novos rumos, tomando-se o cuidado de evitar filiações prévias cômodas com as tradições já estabelecidas. A metodologia desenvolvida e aplicada durante o PRONAPA, de se estabelecer fases e tradições a partir das seriações, não mais é utilizada. Martin chama a atenção para “o perigo das generalizações e da aceitação de grandes correntes migratórias, baseadas nos motivos decorativos da cerâmica ou na ausência dos mesmos e nas formas simples e primárias dos vasilhames.”<sup>86</sup> A autora defende a existência de contatos artesanal e cultural, por escambo, comércio, casamento ou rapto de mulheres, detentoras da arte oleira, evitando as teorias das grandes migrações, e considerando contatos lentos e continuados. Para ela, a “densidade e a distribuição espacial dos registros cerâmicos serão a chave a indicar a resposta mais viável.”<sup>87</sup>

A importância da cerâmica pré-histórica no Nordeste está nos novos dados que os recentes estudos têm trazido, com relação à antiguidade da ocupação da região por grupos pré-históricos que já dominavam a técnica de fabricação da cerâmica. “Os dados arqueológicos que começaram a surgir a partir do final da década de 1980 indicam outra posição acerca dessa questão. Grandes aldeias filiadas à tradição Tupiguarani, encontradas na região semi-árida em vários estados nordestinos, demonstram que sua fixação foi anterior ao período colonial”.<sup>88</sup> O que se considerava até então a respeito de grupos humanos que habitaram a área interiorana nordestina se faz necessário revisar, pois as cronologias, que vão desde 8.950 a 1.280 anos AP<sup>89</sup> levam a isso, para que cada vez mais se chegue ao maior conhecimento da era ágrafa do nosso país e dos grupos indígenas que habitaram este espaço territorial.

<sup>86</sup> MARTIN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste do Brasil**, p. 214.

<sup>87</sup> *Ibid.*, p. 215.

<sup>88</sup> *Ibid.*, p. 57.

<sup>89</sup> LUNA Suely Cristina Albuquerque de. **As populações ceramistas pré-históricas do baixo São Francisco – Brasil**, p. 35.

## 2.5 A tradição cerâmica Tupiguarani no Nordeste

No Nordeste, a tradição Tupiguarani, cujas características já foram descritas no capítulo 1 deste trabalho, está presente no litoral, na Zona da Mata, no Agreste e no Semi-árido, ou seja, apresenta uma dispersão por toda a região. Na Zona da Mata no litoral de Pernambuco, dezenas de sítios foram localizados, filiados à subtradição Pintada da tradição Tupiguarani, fixando-se algumas fases. No sertão pernambucano esta cerâmica também foi identificada, com características de policromia vermelha, marrom, preta, cinza e branca. Estes achados testemunham as constatações feitas por Brochado de que a tradição Tupiguarani atingiu uma faixa de aproximadamente mil quilômetros adentrando o interior brasileiro, não estando localizada somente na região costeira do país.



Fig. 25 - Alguidares cerâmicos pintados da tradição Tupiguarani. Fonte: acervo do Museu Câmara Cascudo.

No litoral nordestino, a tradição cerâmica Tupiguarani está inserida principalmente na subtradição Policrômica, que se caracteriza pela grande profusão de desenhos nas cores vermelha, preta, branca e cinza, como bem se observa na fase Curimataú, no Rio Grande do Norte.

A decoração plástica é escovada ou corrugada, e há uma cerâmica simples, sem nenhuma decoração plástica ou pintada na superfície. A predominância de formas abertas de paredes baixas, indica uma subsistência baseada na mandioca. As técnicas de tratamento são o alisado, entalhado, escovado e unglado, e as formas de pratos abertos, panelas fundas cônicas e esféricas, variando os tamanhos de 8 a 60 centímetros.

Os povos da tradição Tupiguarani no litoral do Nordeste brasileiro parecem ter implantado sua cultura sobre outros grupos, que já habitavam a região, provavelmente sob o uso da guerra, já que os Tupi-Guarani eram belicosos. Gabriela Martin<sup>90</sup> nos indica que podemos observar este processo nos sítios da tradição cerâmica Tupiguarani que aparecem

<sup>90</sup> MARTIN, Gabriela. *Pré-história do Nordeste do Brasil*.

estratigraficamente mais recentes que outras cerâmicas como na fase Papeba no Rio Grande do Norte ou na tradição Aratu na Bahia.

## 2. 6 A Tradição cerâmica Aratu

A tradição Aratu, embora considerada pelos pesquisadores do PRONAPA como regional, está presente num extenso território que extrapola limites regionais,<sup>91</sup> sendo identificada inicialmente nos estados da Bahia, Sergipe e Pernambuco por Valentin Calderón, dentro das pesquisas do PRONAPA. Posteriormente foi localizada também em Minas Gerais, São Paulo, Goiás, Mato Grosso, Espírito Santo, chegando ao Sudeste do Piauí, todavia, esta grande dispersão da cerâmica Aratu merece ressalvas, e Martin adverte para o comodismo de se relacionar toda cerâmica pré-histórica com a tradição Aratu ou Tupiguarani, necessitando, na sua opinião, de estudos mais aprofundados dos atributos técnicos e utilitários de cada grupo cerâmico.

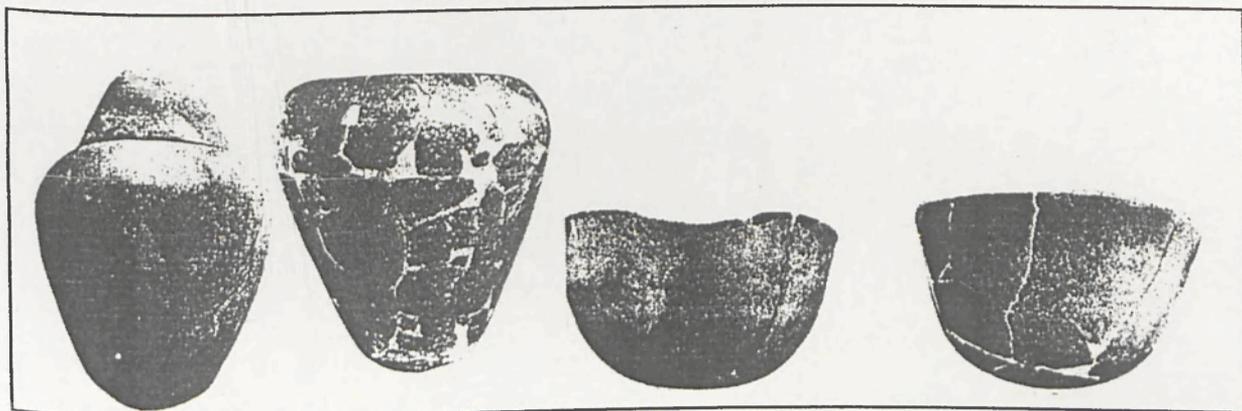


Fig. 26 - Urnas funerárias e vasilhas típicas da tradição Aratu, coletadas na Bahia por Valentin Calderón. Fonte: LUNA, Suely. **As populações ceramistas pré-históricas do baixo São Francisco - Brasil**, p. 62, 63.

Encontrada em aldeias cujas ocas formam um círculo ao redor de uma praça cerimonial, a tradição Aratu tem como características grandes urnas funerárias piriformes (em forma de pêra) para enterramentos primários, roletada e sem decoração, antiplásticos de areia fina ou grafita, e poucos exemplares com decoração corrugada, incisões ou banho de grafita. As formas dos vasilhames evidenciam uma economia baseada não exclusivamente no uso da mandioca, e apresentam, além das urnas piriformes e grandes vasilhas globulares (igaçabas) utilizadas para guardar líquidos, panelas semi-esféricas com bordas onduladas, rodela de

<sup>91</sup> LUNA, Suely Cristina Albuquerque de. **As populações ceramistas pré-históricas do baixo São Francisco - Brasil**, p. 21; 24-25.

fusos e cachimbos tubulares ou com a parte inferior do forninho achatada. Segundo Martin, sua importância se dá por caracterizar uma cultura de agricultores ceramistas com aldeias de populações densas e ocupações demoradas, fato evidenciado na profundidade dos sedimentos arqueológicos.

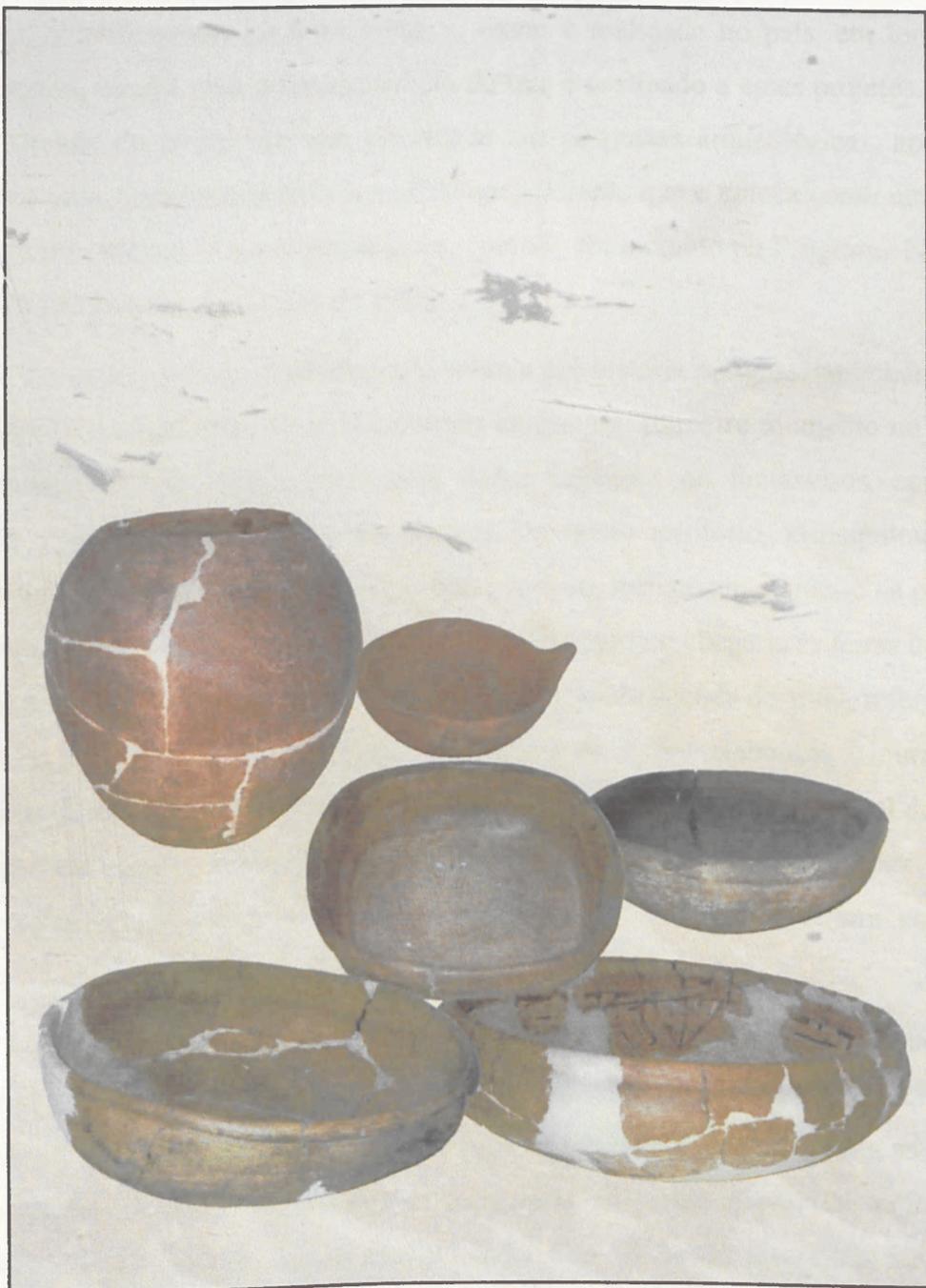
As datações obtidas situam esta tradição no Nordeste entre 1000 e 1500 AD, no litoral baiano, e suas aldeias aparecem nas camadas anteriores às ocupações Tupiguarani, que devem ter expulsado os Aratu antes da chegada dos europeus.<sup>92</sup>

Num contexto geral, esta é a situação da pesquisa arqueológica para a cerâmica pré-histórica no Nordeste do Brasil. As recentes metodologias aplicadas muito tem contribuído para a formação de um quadro mais completo a respeito das sociedades que habitaram esta região em épocas ágrafas, mas ainda há muito a descobrir, pesquisar, e entender. Das instituições de pesquisas na região provém novos resultados para a pré-história deste significativo pedaço do Brasil, que poderão auxiliar na complexa questão do povoamento da América.

---

<sup>92</sup> MARTIN, Gabriela. *Pré-história do Nordeste do Brasil*, p. 212.

### CAPÍTULO 3



### ESTUDOS DE CERÂMICA PRÉ-HISTÓRICA NO RIO GRANDE DO NORTE

O estado do Rio Grande do Norte, localizado na região Nordeste do Brasil, enfrenta problemas diversos, menos por se inserir numa região pobre e afetada pelo fenômeno da seca, e mais pelo descaso de seus administradores. Sendo assim, o estado fica à margem de muitos projetos científicos em nível nacional, e, como é realidade no país, em termos de fomento à pesquisa, recebe uma pequena parcela do que é destinado a esses projetos. Diante disso, o Rio Grande do Norte não tem prioridade nas pesquisas arqueológicas, apesar da relevância nessa área, comprovada pela sua estratégica posição que o coloca como um estado privilegiado em importantes sítios arqueológicos, contudo foi incluído no Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, na década de 1960.

Ao examinarmos a historiografia sobre a pré-história potiguar, percebemos que o que se encontra até agora pode se dividir em três etapas: um primeiro momento no qual se observam relatos curiosos, muitas vezes com dados ingênuos ou fantasiosos, com base sobretudo nas inscrições rupestres tão abundantes em nosso território, principalmente no sertão do estado. Estas informações, além do caráter curioso, instigavam o crédito na presença de antigas civilizações, baseadas no mito de que os fenícios teriam chegado às terras do Brasil bem antes dos europeus.<sup>93</sup> Encontramos inclusive, em edição da década de 1980, referências à presença fenícia no Rio Grande do Norte, de autoria de Pedro Rebouças Moura,<sup>94</sup> que ingenuamente trata da questão alheio às novas evidências da ciência em pleno final do século XX. Por outro lado, cria-se também que as mesmas inscrições rupestres poderiam ter sido feitas por jesuítas e holandeses, para marcar os locais nos quais estes teriam escondido tesouros.<sup>95</sup>

Não podemos deixar de mencionar a obra de José de Azevedo Dantas<sup>96</sup> que, apesar de nunca ter freqüentado os centros acadêmicos, não fugiu da realidade ao escrever em 1926 "*Indícios de uma civilização antiqüíssima*", obra manuscrita na qual copiou as pinturas rupestres da região do Seridó onde morava, encravada no sertão nordestino entre o Rio Grande do Norte e a Paraíba, sem no entanto, aderir às idéias de inscrições fenícias ou holandesas.

Assim, essa historiografia nos remete inicialmente a alusões sobre pinturas e gravuras rupestres, nem sempre correspondentes à realidade das mesmas, e quase sempre

<sup>93</sup> MARTIN, Gabriela. *Pré-história do Nordeste do Brasil*, p. 27, 32-35.

<sup>94</sup> MOURA, Pedro Rebouças. *Fatos da história do Rio Grande do Norte*. Natal: Companhia Editora do Rio Grande do Norte, 1986.

<sup>95</sup> MARTIN, Gabriela. *op. cit.*, p. 35.

<sup>96</sup> DANTAS, José de Azevedo. *Indícios de uma civilização antiqüíssima*. Joao Pessoa: Casa de Jose Américo / Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba, 1994.

longe de se associá-las à autoria dos nativos que entraram em contato com os europeus, ou aos seus antepassados.

Um bom número de artefatos líticos, geralmente componentes de coleções particulares pertencentes, não raro, a aristocratas potiguares ou, quando não, achados por populares e guardados como objeto excêntrico, e que foram posteriormente doados a museus ou a pesquisadores para serem estudados sendo depois classificados em tradições líticas, formam uma parte do acervo da arqueologia norte-riograndense.<sup>97</sup> Note-se aqui a coleção arqueológica do Museu de Mossoró, cujo acervo conta mais de 350 peças líticas, além do singular registro de alguns cachimbos de cerâmica provenientes do município de Lages.

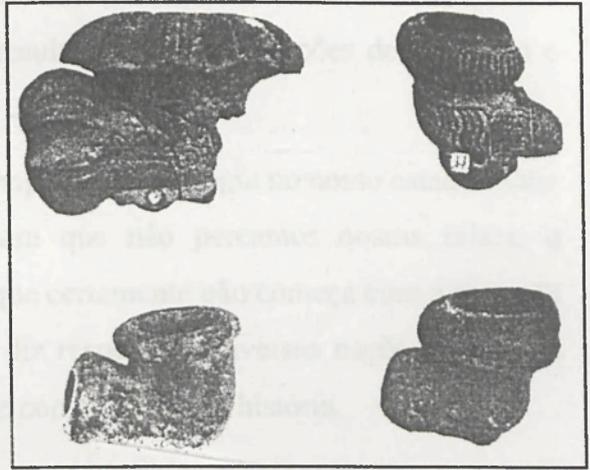


Fig. 27 - Cachimbos cerâmicos da coleção arqueológica do Museu de Mossoró, originários de Lajes/RN. Fonte: MARTIN, Gabriela. *A coleção arqueológica do museu de Mossoró (RN)*, p. 80.

Na segunda etapa encontramos trabalhos ligados a centros acadêmicos, elaborados por cientistas especializados. Tratam-se das primeiras pesquisas realizadas em consonância com o PRONAPA, pois como já vimos o Rio Grande do Norte participou deste programa através do professor Nássaro Nasser, ligado ao Museu Câmara Cascudo, cujos trabalhos representam a maior parcela de contribuições sobre a pré-história potiguar. Aliás, notamos que a participação do Museu Câmara Cascudo no campo da arqueologia possibilitou, durante as décadas de 1960, 70 e 80, a elaboração de teorias sobre as populações ceramistas e de tradições líticas do Rio Grande do Norte. Os pesquisadores responsáveis por estes resultados foram Tom Miller, Nássaro Nasser e Armand Laroche.

Por fim temos as recentes pesquisas, sobretudo frutos da implantação do **Larq - Laboratório de Arqueologia** da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e a elaboração de algumas monografias de graduação em história nesta mesma universidade, e dissertações de mestrado pela Universidade Federal de Pernambuco, como também alguns

<sup>97</sup> Podemos encontrar tais informações em MARTIN, Gabriela. *A coleção arqueológica do museu de Mossoró (RN)*. CLIO, Recife, v. 1, n. 3, p. 73-87, 1980; SILVA, Antonio Campos e. *Levantamento do material pré-histórico do Oeste potiguar*. (Coleção Mossoroense, Série B, n. 329); SOARES, Luci de Lourdes. *Notas a lápis sobre a arqueologia norte-riograndense*. (Coleção Mossoroense, Série B, n. 381).

trabalhos do NEA - Núcleo de Estudos Arqueológicos da Universidade Federal de Pernambuco que oferece pós-graduação nos níveis de mestrado e doutorado em arqueologia, e tem realizado pesquisas na região do Seridó, nas áreas de dunas sobre a área urbana de Natal e no Lagedo de Soledade, no município de Apodi, resultando em dissertações de mestrado e outros trabalhos.

Ainda há muito a ser estudado no campo da arqueologia no nosso estado. Cabe a nós agora enfrentar o desafio e realizá-lo, para que não percamos nossas raízes, e conheçamos mais profundamente a nossa história, que certamente não começa com a chegada dos europeus. Essa história começa bem antes, e diz respeito às diversas nações indígenas donas deste vasto continente, que nele viviam e nele construíram sua história.

### 3. 1 O início das pesquisas arqueológicas sobre cerâmica no Rio Grande do Norte: o período do PRONAPA com as pesquisas do professor Nássaro Nasser

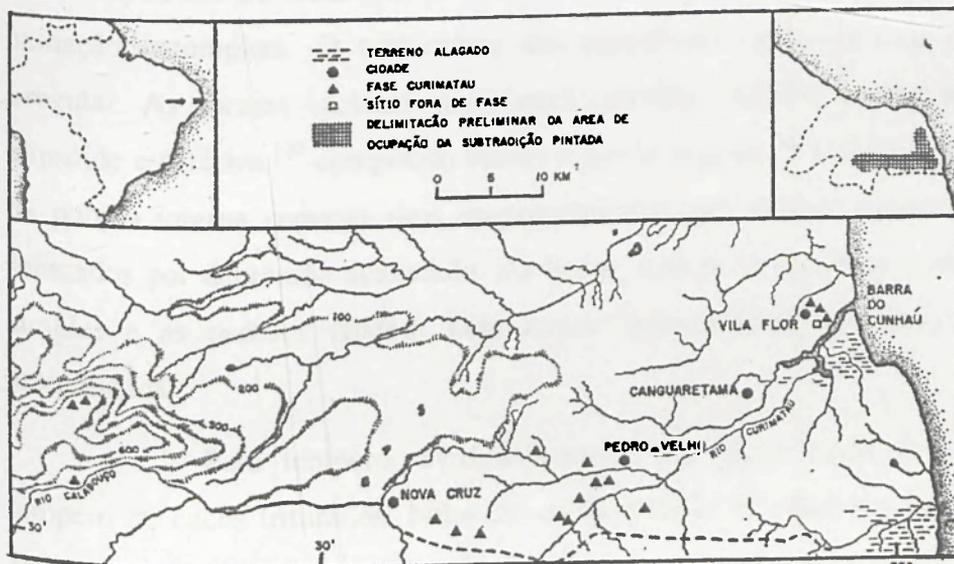
As primeiras pesquisas sobre material cerâmico pré-histórico no Rio Grande do Norte aparecem a partir de 1965, com a participação do professor Nássaro Antonio de Souza Nasser, membro da equipe do PRONAPA, que em conformidade com a metodologia de pesquisa deste programa, se dedicou ao estudo de sítios cerâmicos no estado. Durante os anos de duração do PRONAPA, o professor Nasser realizou prospecções arqueológicas no litoral sul do estado, às margens da lagoa de Guarairas entre os municípios de Tibau do Sul e Senador Georgino Avelino, e na foz do rio Curimataú-Cunhaú entre Canguaretama e Vila Flor, localizando vários sítios com material cerâmico. Em pesquisas na bacia do rio Curimataú, os sítios encontrados chegaram a alcançar o município de Serra de São Bento no Agreste potiguar, sempre acompanhando o curso do rio que desce para o litoral passando pelos municípios de Nova Cruz, Pedro Velho, Canguaretama, Vila Flor e enfim desembocando no Atlântico, na Barra do Cunhaú.

Como resultados destes trabalhos, Nasser<sup>98</sup> estabeleceu duas fases cerâmicas distintas, a primeira, que denominou de fase Curimataú por se encontrarem seus sítios principalmente nas margens deste rio, filiada à tradição Tupiguarani, subtradição Pintada, e a

<sup>98</sup> NASSER, Nássaro Antonio de Souza. Considerações preliminares sobre a arqueologia da bacia do rio Curimataú. PRONAPA: publicações avulsas, 15. Belém: Museu Emílio Goeldi, 1971, p. 179-190; Id. Notas preliminares sobre a arqueologia da foz do sistema Curimataú-Cunhaú. PRONAPA: publicações avulsas, 6. Belém: Museu Emílio Goeldi, 1967, p. 121-128; NASSER, Id. Nova contribuição à arqueologia do Rio Grande do Norte. In: PRONAPA: publicações avulsas, 26. Belém: Museu Emílio Goeldi, 1974, p. 155-166.

segunda denominada de fase Papeba, nome de uma lagoa situada no município de Senador Georgino Avelino, e que devido às características ímpares da cerâmica, não foi filiada a nenhuma tradição pré-estabelecida.

Na bacia do rio Curimataú, Nasser pesquisou 18 sítios cerâmicos, tipologicamente identificados como sítios-habitação abertos num total de 14, e 4 sítios-cemitério. Os sítios-habitação apresentaram um refugio pouco profundo, de até 15 centímetros de espessura, sendo por isso classificados como de superfície. A cerâmica coletada pertence à fase Curimataú, entretanto um sítio da cidade de Vila Flor apresenta uma cerâmica com características diferenciadas.<sup>99</sup>



Mapa 3 - Mapa dos sítios arqueológicos norte-rio-grandenses da bacia do Curimataú e do litoral. Fonte: NASSER, Nássaro Antônio de Souza. **Considerações preliminares sobre a arqueologia da bacia do rio Curimataú**, p. 180.

Na margem nordeste da lagoa de Guaraíras, no município de Senador Georgino Avelino, foi localizado um grande sítio-habitação a céu aberto, a aproximadamente 250 metros da lagoa, com refugio intenso, chegando a atingir 40 centímetros de profundidade. Identificaram-se duas ocupações por grupos diferentes, pertencentes a épocas distintas. A mais recente na posição estratigráfica pertence à fase Curimataú, e a que ocupa a parte mais profunda sugerindo maior antiguidade, pertence à fase Papeba.<sup>100</sup>

No perímetro urbano da cidade de Vila Flor foi coletado material cerâmico proveniente de um sítio-habitação, que pelas circunstâncias urbanas, apresentou contaminação com restos atuais e pouca espessura de refugio. Embora em pequena quantidade, o material

<sup>99</sup> MARTIN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste do Brasil, Considerações preliminares sobre a arqueologia da bacia do rio Curimataú**, p. 179-190.

<sup>100</sup> NASSER, Nássaro Antonio de Souza. **Nova contribuição à arqueologia do Rio Grande do Norte**, p. 155-164.

cerâmico possibilitou a reconstituição de cinco vasilhames distintos, pertencentes à fase Curimataú.<sup>101</sup>

### 3. 1. 1. A fase cerâmica Curimataú

As características básicas da cerâmica classificada como fase Curimataú permitiram associá-la à subtradição pintada da tradição Tupiguarani, aparecendo grande quantidade de cacos sem decoração. É uma cerâmica fabricada pela técnica de superposição de roletes de pasta argilosa (roletada) ou acordelada, além de se verificar tipos modelados, com antiplástico de areia grossa ou cacos de cerâmica triturados, e apresenta queima com oxidação incompleta. O tratamento das superfícies, tanto interna como externamente é irregular. As formas incluem recipientes grandes, médios e pequenos, em meia calota, elipsóide e esférica,<sup>102</sup> compondo bacias e jarros redondos, ovóides e quadrados, tendo estes na porção interna superior dois engrossamentos que se prolongam no sentido horizontal, separados por depressão acanalada. As bocas variam de constricta a ampliada, têm contorno simples e as paredes tendem para maior espessamento na parte basal, que é sempre arredondada.

Pelo tempero, evidenciaram-se três tipos cerâmicos: Pirari simples, com tempero de cacos triturados, bolas de argila e areia; Cunhaú simples, com tempero argilo-arenoso compacto e grãos de areia; e o Pequeri simples, com tempero predominantemente arenoso.

A decoração pintada é executada em vermelho e preto sobre engobo branco ou apenas tinta preta, sendo aplicada geralmente no interior dos recipientes, aparecendo também na parte externa das vasilhas. O vermelho sobre branco, o vermelho em duas tonalidades, o banho vermelho sobre as superfícies interna e externa e o preto, são mais raros. Os motivos são apresentados por complexos padrões lineares ou curvilíneos, geométricos ou abstratos, através de linhas ou traços paralelos distribuídos em zonas perfeitamente delimitadas em criações simples ou complicadas.

<sup>101</sup> NASSER, N. *Notas preliminares sobre a arqueologia da foz do sistema Curimataú-Cunhaú*, p. 121-128.

<sup>102</sup> As formas em meia calota são recipientes abertos, em meia esfera, de boca circular, com a base arredondada; as elipsóides tem formas abertas, contornos simples, paredes retas introvertidas ou extrovertidas, bocas circulares ou ovais, e a altura total menor ou igual a metade do diâmetro da boca; as formas esféricas são recipientes fechados, de contornos simples, paredes retas, e bocas circulares.



Fig. 28 - Vasilhames cerâmicos com pintura monocroma da fase cerâmica Curimataú, tradição Tupiguarani, coletados por Nássaro Nasser na bacia do rio Curimataú. Fonte: acervo do Museu Câmara Cascudo.

A decoração plástica mais freqüente é a entalhada na borda, associada à borda direta com lábio arredondado e forma plana circular ou elipsóide, sugerindo assadores, ou ainda acanalada, escovada, corrugada, escovada-acanalada e escovada-corrugada.



Fig. 29 - Vasilhames cerâmicos com pintura em policromia da fase cerâmica Curimataú, tradição Tupiguarani, coletados por Nássaro Nasser. Fonte: acervo do Museu Câmara Cascudo.

Os sítios-habitação identificados localizavam-se preferencialmente em áreas antes recobertas pela mata ou em terrenos favoráveis ao cultivo da roça, a uma distância que variava de 100 a 1.000 metros dos cursos d'água. As dimensões também variavam muito, cobrindo áreas de 80 até 9.600 m<sup>2</sup>, com uma freqüência maior de sítios de tamanho médio, entre 25x20 metros, e com formatos circulares ou elípticos.

Os sítios-cemitério identificados, por sua vez, eram resultado de sepultamentos longe dos locais de habitação, com pouca densidade, apresentando sepultamentos secundários,

usando-se como urnas funerárias os vasilhames comuns, inclusive utilizando-se assadores como tampas.

Quanto à cronologia, Nasser não efetuou nenhum método que pudesse datar a cerâmica Curimataú, contudo comparou-a com a fase Itapicuru definida por Valentin Calderón na Bahia, com datação pelo Carbono 14 em  $1.270 \pm 130$  AD, com a ocupação final coincidindo com a época do contato europeu. Posteriormente, o professor Armand Laroche<sup>103</sup> apresentou uma datação desta fase em 1.200 AD, confirmando a cronologia imputada por Nasser.

Segundo este pesquisador, a economia desenvolvida na fase Curimataú parece ter sido baseada numa forma primitiva de agricultura de subsistência, itinerante, com a exploração do milho, da batata-doce e, sobretudo, pela abundância de assadores, pode-se deduzir o preparo de alimentos à base de mandioca, tão comum entre os Tupi-Guarani. Não se descarta a pesca, a caça e a coleta de produtos silvestres, que seriam possíveis no quadro natural primitivo.

Uma inexpressiva quantidade de material lítico foi encontrada, ligado à fase Curimataú, compondo-se apenas de um tembetá de amazonita, alisadores de arenito, contas cilíndricas de um colar de amazonita, e um fragmento de machado polido de basalto.

As evidências que permitiram estabelecer analogias da cerâmica Curimataú com a tradição Tupiguarani, basearam-se em fases cerâmicas de outras regiões do país, procurando-se relacionar traços diagnósticos como o antiplástico, as formas dos vasilhames, as técnicas e motivos decorativos, além de similaridades de ordem ecológica e cultural como a preferência de locais de habitação e possível exploração econômica do meio ambiente. Desta feita, os traços diagnósticos da fase Curimataú permitiram sua correlação com a subtradição Pintada da tradição Tupiguarani, cuja característica é a profusão de tipos decorativos pintados.

### 3. 1. 2 A fase cerâmica Papeba

A fase cerâmica Papeba é proveniente de um extenso sítio-habitação, com 18.400 m<sup>2</sup> com características que evidenciam uma aldeia localizada às margens da lagoa de Guarairas, em Senador Georgino Avelino. "...os restos arqueológicos nele coletados,

<sup>103</sup> LAROCHE, Armand François Gaston. *Contribuições para a pré-história Pernambucana*, Recife: Gabinete de História Natural, 1975.

invariavelmente, estavam concentrados em manchas de terra escura que se dispunham em forma de ferradura, tendo a abertura dirigida para sudeste. As manchas de terra escura eram em número de cinco e mediam, a grosso modo, 30x20 m.”<sup>104</sup> O refugio ocupado pela fase atingiu 40 centímetros de profundidade. Cacos de cerâmica Curimataú foram coletados na superfície indicando que esta ocupação suplantou a outra.

A cerâmica Papeba coletada neste sítio foi classificada em dois tipos simples e um decorado, denominados Papeba simples, com tempero de areia grossa, Guaráira simples, com tempero de areia fina, e o Papeba vermelho, caracterizado por banho vermelho externo, interno ou em ambas as partes do vasilhame, com uma variante que, aliás, é uma característica indicadora da cerâmica Papeba: apêndices verticalmente vasados, provavelmente com a função de passagem para um cordel de sustentação do vasilhame. O tempero é geralmente bem distribuído.

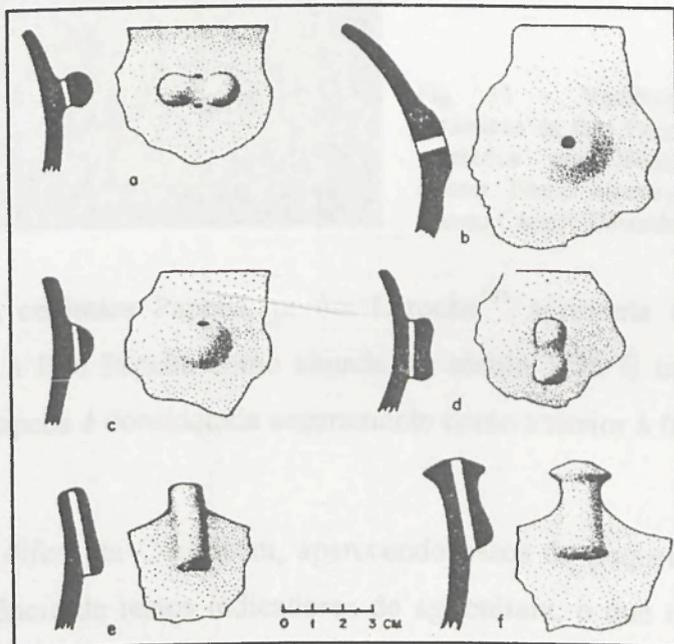


Fig. 30 - Apêndices furados de cerâmica da fase Papeba coletados por Nássaro Nasser às margens da Lagoa Guaráiras em Senador Georgino Avelino/RN. Fonte: NASSER, Nássaro. *Nova contribuição à arqueologia do Rio Grande do Norte*, p. 159.

A técnica de manufatura mais comum é a acordelada, embora apareçam exemplares modelados, e as superfícies tanto externa como interna são alisadas, sem decoração. A queima apresenta oxidação incompleta. As formas são ovóides, com pequenas tigelas em meia calota, esféricas e em meia esfera, de paredes lisas e finas, com bocas circulares e bases arredondadas ou planas. O tamanho dos vasilhames é reduzido, com 10 a 15 centímetros de diâmetro na borda, 35 no bojo e o máximo de 40 centímetros de altura nas vasilhas maiores.

<sup>104</sup> NASSER, Nássaro Antonio de Souza. *Nova contribuição à arqueologia do Rio Grande do Norte*, p. 157.



Fig. 31 - Vasilhames cerâmicos da fase Papeba coletados por Nássaro Nasser. Fonte: acervo do Museu Câmara Cascudo.

Não há datação para a cerâmica Papeba, porém Laroche<sup>105</sup> apresenta um esquema cronológico em que aparece a fase Papeba como situada no século XIII. É uma colocação confusa, já que a cerâmica Papeba é considerada seguramente como anterior à fase Curimataú, situada em 1.200 AD.

A economia desta fase difere da Curimataú, aparecendo ossos de pequenos animais, carapaças de moluscos e ausência de restos indicadores de agricultura, o que não significa que esta não fosse praticada, pelo menos de forma incipiente.

Associado à cerâmica foi encontrado material lítico composto de lascas de sílex com e sem retoques, na forma de facas, raspadores, buris e furadores, além de machados polidos, e seixos de quartzo usados como batedores e alisadores. Também foram coletados fragmentos de carapaças de moluscos utilizados como raspadores e furadores.

A fase cerâmica Papeba foi posteriormente localizada em outros sítios no Rio Grande do Norte, aparecendo restos cerâmicos de possível aldeia Papeba “aculturada” com a tradição Tupiguarani, por apresentar traços diagnósticos das duas fases, localizada no sítio arqueológico de Mangueiros, pesquisado por Laroche<sup>106</sup> no município de Macaíba, e também em estudos recentes feitos por Paulo Tadeu de Souza Albuquerque,<sup>107</sup> quando de suas pesquisas ligadas ao Larq, que a localizou nos sítios dunares de Fim do Mundo e de Zumbi, e em Vila Flor, durante as escavações da Missão Carmelita de Gramació.

<sup>105</sup> LAROCHE, Armand François Gaston. **Contribuições para a pré-história Pernambucana.**

<sup>106</sup> LAROCHE, Armand François Gaston; LAROCHE, Adjelma Soares e Silva. **O sítio arqueológico de Mangueiros (Macaíba – RN)**, Recife: Ed. Massangana/Fundação Joaquim Nabuco, 1982, p. 18; 21.

<sup>107</sup> ALBUQUERQUE, Paulo Tadeu de Souza; SPENCER, Walner Barros. **A ocupação pré-histórica do litoral norte-rio-grandense.** In: KERN, Arno Alvarez (Org). **Anais da VIII reunião científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira.** Porto Alegre: EDIPUCRS, n. 1, v. 2, p. 179-204, 1992.

A fase Papeba foi inclusive associada com a cerâmica Pedra do Caboclo localizada em Pernambuco<sup>108</sup> e com a tradição Aratu.<sup>109</sup> Todavia Gabriela Martin<sup>110</sup> esclarece que essa relação não tem fundamento, já que a tradição Aratu e a cerâmica Pedra do Caboclo estão associadas a enterramentos com urnas funerárias inclusive, enquanto que a cerâmica Papeba é encontrada em lugares de habitação sem evidências de material fúnebre. Até o presente, a localização dessa cerâmica está restrita ao litoral potiguar, com a ocorrência de sítios nas áreas de formações dunares.

### 3. 2 As pesquisas do professor Armand Laroche

Os trabalhos do professor Armand François Gaston Laroche constituíram significativa contribuição para a compreensão da pré-história do Rio Grande do Norte, com pesquisas de material lítico e cerâmico. Os resultados destes trabalhos contaram com as primeiras datações por Carbono 14 para material arqueológico no estado. A partir de suas pesquisas no município de Macaíba, foi possível caracterizar um sítio cerâmico denominado Mangueiros.

O sítio arqueológico de Mangueiros foi localizado numa zona de tabuleiros, a cerca de 10 quilômetros da cidade de Bom Jesus, numa área próxima de lagoas, em território pertencente ao município de Macaíba. No local foram identificadas cinco manchas de terra escura medindo cerca de 20 metros de diâmetro cada, evidenciando uma possível aldeia, dispostas em torno de um caminho, indicando um sítio de habitação a céu aberto.



Mapa 4 - Mapa com a localização do sítio arqueológico Mangueiros, no município de Macaíba/RN. Adaptação de Francisco de Assis de Lima.

<sup>108</sup> LAROCHE, A. F. G. Contribuições para a pré-história Pernambucana, p. 23.

<sup>109</sup> PROUS, André. Arqueologia brasileira, p. 360-362.

<sup>110</sup> MARTIN, Gabriela. Pré-história do Nordeste do Brasil.

Neste sítio foi coletada uma cerâmica de superfície de grandes vasilhames, com paredes espessas. A técnica de manufatura é acordelada, com antiplástico de grãos finos e médios de quartzo. O tratamento de superfície é alisado, aparecendo apenas um caco corrugado. De formas esféricas, retangulares e quadrangulares, a maioria com engobo, com alguns vasilhames chegando a atingir 65 centímetros de altura, e largura mais ou menos igual. Alguns cacos apresentam decoração pintada, nas cores vermelha ou cinzenta, notando-se um caco com decoração que lembra o estilo Marajoara. Esta cerâmica foi denominada de fase Potengi, que assemelha-se, pela descrição, com a fase Curimataú, estabelecida por Nássaro Nasser, quando das suas pesquisas na bacia do rio Curimataú.<sup>111</sup>

No mesmo sítio foram realizadas estratigrafias, sendo coletada uma cerâmica que atingiu 60 centímetros de refugo, com características que parecem indicar contato interétnico, com similitudes da fase Potengi e da fase Papeba,



Fig. 32 - Fragmento cerâmico pintado da Fase Potengi, tradição Tupiguarani. Fonte: LAROCHE, Armand. **O sítio arqueológico de Mangueiros (Macaíba /RN)**, p. 47.

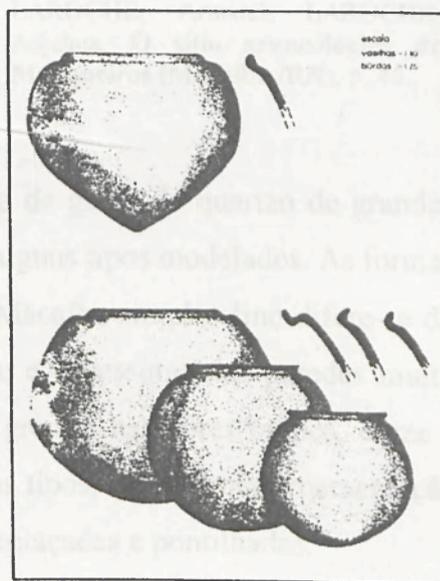


Fig. 33 - Formas de cerâmica da fase Potengi. Fonte: LAROCHE, Armand. **O sítio arqueológico de Mangueiros (Macaíba /RN)**, p. 49.

descrita por Nasser. O tempero, as formas, bordas e lábios, a espessura das paredes e as dimensões das vasilhas assemelham-se à fase Papeba, enquanto que o

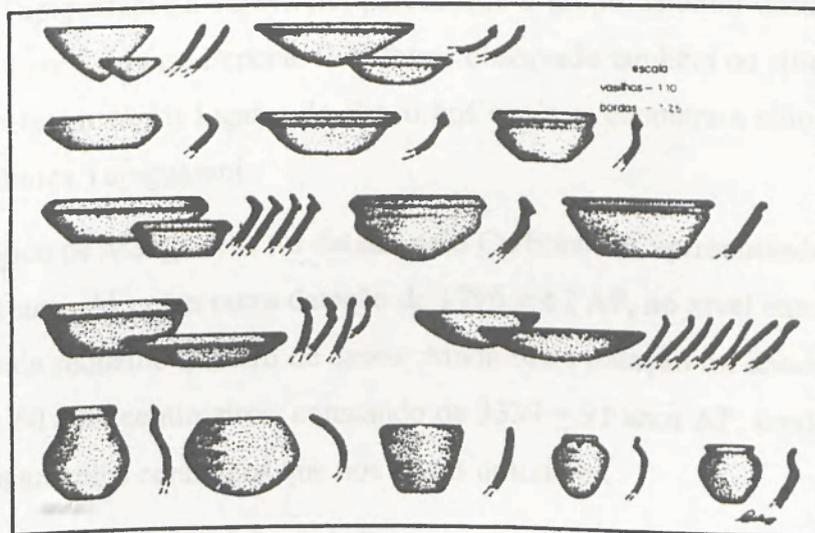


Fig. 34 - Formas cerâmicas da fase Macaíba. Fonte: LAROCHE, Armand; LAROCHE, Adjelma. **O sítio arqueológico de Mangueiros (Macaíba /RN)**, p. 48.

<sup>111</sup> LAROCHE, Armand François Gaston; Adjelma Soares e Silva Laroche. **O sítio arqueológico de Mangueiros (Macaíba - RN)**, p. 17-18.

tratamento das superfícies encaixa-se na fase Potengi. Apresenta ainda engobo branco. Essa cerâmica foi denominada de **fase Macaíba**, sendo estabelecidos quatro tipos com base no antiplástico, engobo e decoração.

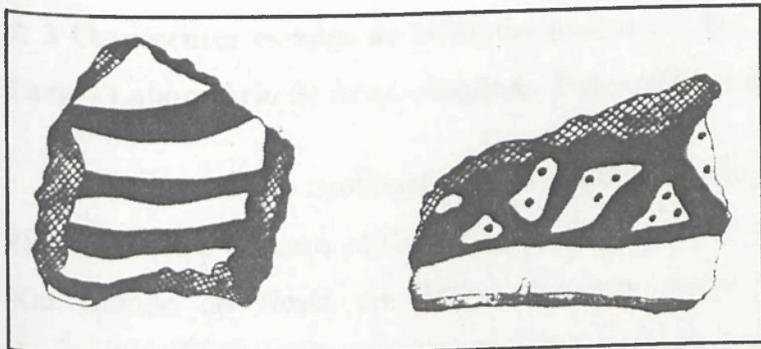


Fig. 35 - Fragmentos cerâmicos da fase Macaíba Pintado. Fonte: LAROCHE, Armand; LAROCHE, Adjelma. **O sítio arqueológico de Mangueiros (Macaíba /RN)**, p. 46.

O tipo Macaíba simples grosso tem tempero de grãos de quartzo de grandes dimensões, método de manufatura acordelado, aparecendo alguns tipos modelados. As formas são em meia calota, esférica, com tigelas e potes. O tipo Macaíba simples fino difere-se do grosso pelo antiplástico de areia fino, invisível a olho nu, e espessuras das paredes muito finas. O tipo macaíba com engobo apresenta um engobo grosso, nas cores branca, cinza e bege. O tipo Macaíba pintado tem tempero igual aos outros tipos, e apresenta ornamentação em pintura vermelha, e linhas brancas e pretas, às vezes entrelaçadas e pontilhadas.

A cerâmica das estratigrafias apresentou influências culturais recíprocas, uma vez que a fase anterior assimilou características da que a suplantou, havendo evidências de uma mistura das fases, sugerindo contato interétnico entre dois grupos diferentes. Ao que indica a presença de vestígios Tupiguarani na superfície, parece que o grupo detentor desta tradição cerâmica predominou sobre o da fase Papeba. Este fato é observado também no sítio pesquisado por Nasser, e se repete em vários lugares do Brasil nos quais se encontram sítios arqueológicos com tradição cerâmica Tupiguarani.

O sítio arqueológico de Mangueiros foi datado pelo Carbono 14, apresentando datações de 738 anos AP, e 811 anos AP, uma outra datação de  $1796 \pm 62$  AP, no nível entre 40 e 60 centímetros, teve, contudo reduzido número de cacos. Ainda outra datação foi obtida no último nível escavado, entre 60 e 80 centímetros, constando de  $3339 \pm 91$  anos AP, sendo ainda mais rara a presença de fragmentos cerâmicos que nos níveis anteriores.

Junto com o material cerâmico foi coletado um material lítico composto de pontas de diversos formatos, furadores, raspadores, buris, cortadores e goivas, associado à fase Macaíba, e um material lítico de pedra lascada, coletado nas estratigrafias, cujos tipos são

de raspadores, furadores, pontas e cortadores, além de fragmentos de lâminas de machados polidos, amoladores e polidores.

### 3.3 Os recentes estudos de sítios cerâmicos no Rio Grande do Norte: as pesquisas do Larq – Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Dando continuidade aos estudos de sítios arqueológicos no Rio Grande do Norte, a equipe do Larq - Laboratório de Arqueologia, instalado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte em 1992, elaborou alguns projetos de pesquisa para serem desenvolvidos no estado, que foram: o Projeto Dunas, e o Projeto Soledade. Estes projetos visavam entender o povoamento pré-histórico da região, e compreender o gerenciamento ambiental daqueles grupos humanos no que se refere às suas táticas e técnicas de sobrevivência.

Durante pesquisas anteriores à implantação do Larq, quando da execução do Projeto Vila Flor, em escavações realizadas por Paulo Tadeu na praça central da cidade, foi identificada uma possível aldeia Tupi-Guarani, que teria existido no local em época pretérita à instalação da Missão Carmelita de Gramació que visava o aldeamento indígena na região na época histórica, durante o período colonial, fato confirmado pelas sondagens anteriores realizadas por Nasser. Restos de cerâmica coletados podem indicar uma urna funerária, e outros cacos, todos pertencentes à tradição Tupiguarani, subtradição pintada policrômica,<sup>112</sup> além de fragmentos de cerâmica Papeba, que se encontrava misturada à cerâmica Tupiguarani, em decorrência do refugio se encontrar revolido, pela característica de se localizar em ambiente perturbado, numa zona urbana.

Os resultados do Projeto Arqueológico Vila Flor demonstraram a presença de grupos pré-históricos na região, o que possibilitou a “ampliação das pesquisas por todo o litoral norte-rio-grandense, em direção ao norte, nos municípios de Tibau do Sul, Georgino Avelino, Arês e Nísia Floresta. As descobertas feitas nestes municípios e o levantamento arqueológico iniciado nos municípios ao norte de Natal, confirmaram a continuidade da ocupação humana pré-histórica em todo o litoral”.<sup>113</sup> A partir daí se elaborou o Projeto Dunas.

<sup>112</sup> MARTIN, Gabriela. A missão carmelita de Vila Flor: primeiros resultados do projeto arqueológico histórico. *CLIO*, série história do Nordeste, n. 10, p. 143-155.

<sup>113</sup> LUNA, Suely; NASCIMENTO, Ana. A cerâmica arqueológica dos sítios dunares no Rio Grande do Norte – Brasil. *CLIO*, v. 1, n. 12, p. 19. 1997.

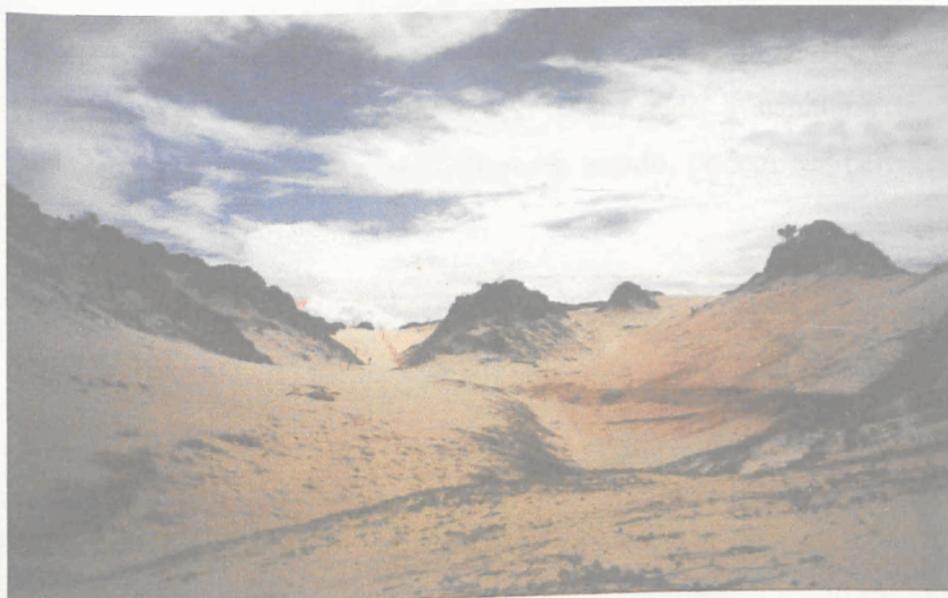


Fig. 36 - Fotografia do Parque Estadual Dunas de Natal. Autor: Francisco de Assis de Lima.

O Projeto Dunas objetivava comprovar a ocupação pré-histórica do litoral do Rio Grande do Norte como local de trânsito de antigas migrações humanas ao longo de toda a faixa litorânea do estado. Como resultado deste projeto, foram localizados por Paulo Tadeu de Souza Albuquerque<sup>114</sup> sítios oficina (devido ao grande número de lascas e instrumentos líticos terminais concentrados numa mesma área) ou sítios habitação, com cerâmica Tupiguarani subtradição Pintada, subtradição Corrugada, e cerâmica Papeba, encontradas nos sítios assentes sobre dunas, sempre associados a concentrações de material lítico, em localidades de nomes Fim do Mundo, nas dunas de Genipabu, município de Extremoz, e Zumbi, situado também em dunas no município de Barra de Maxaranguape, ambos na faixa litorânea do estado, perto da cidade de Natal. Nesta região dunar, a ação do vento faz naturalmente se descobrir lascas líticas e cacos cerâmicos que são facilmente localizados.



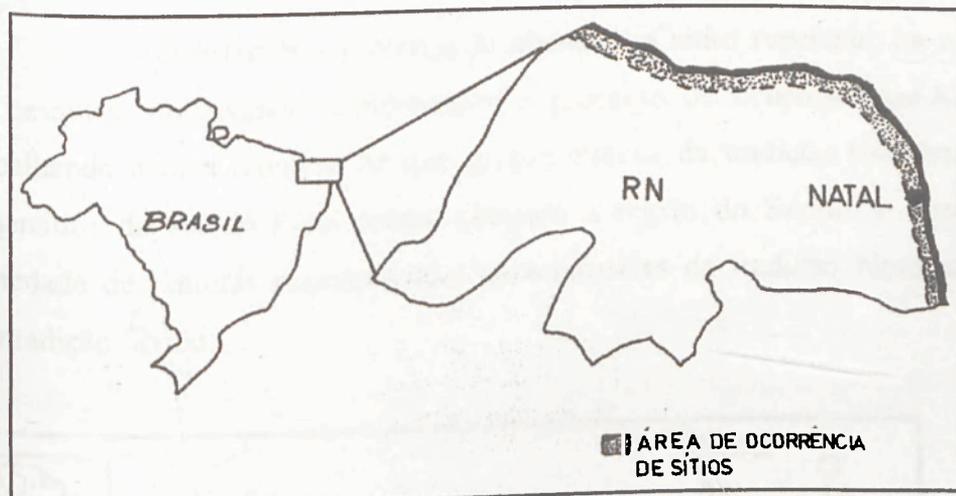
Fig. 37 - Fragmentos cerâmicos provenientes das dunas do litoral potiguar, coletados no Parque das Dunas. Fonte: acervo do Larq/UFRN.

Além destes sítios, foram ainda localizados outros nos municípios de Bahia Formosa, Nísia Floresta, São Bento do Norte e Touros.<sup>115</sup> Todos forneceram material

<sup>114</sup> ALBUQUERQUE, Paulo Tadeu de Souza; SPENCER, Walner Barros. **Projeto Dunas: relatório final**. 1994. Projeto de pesquisa, UFRN, Natal.

<sup>115</sup> LUNA, Suely, NASCIMENTO, Ana. **A cerâmica arqueológica dos sítios dunares no Rio Grande do Norte – Brasil**, p. 20-23.

cerâmico com características de dois grandes conjuntos, sendo o primeiro da tradição Tupiguarani e um outro inicialmente não filiado a nenhuma tradição, mas que pelas evidências resultantes de outros sítios no estado, podem ser pertencentes à fase cerâmica Papeba.



Mapa 5 - Mapa da área de ocorrência de sítios arqueológicos sobre dunas no litoral norte-rio-grandense.

Fonte:

ALBUQUERQUE, Paulo Tadeu de Souza; SPENCER, Walner Barros. Projeto arqueológico: **O homem das dunas**, p. 175-188, 1994, p. 177.

A possibilidade aventada foi de que esses restos arqueológicos poderiam evidenciar a hipótese de que o sistema ecológico das dunas, associado à planície, às lagoas costeiras e ao sistema de drenagem, atraía grupos humanos que puderam sobreviver na área desde o fim do pleistoceno ou início do holoceno até os dias históricos. O ambiente das dunas está situado sobre paleo-lagoas e antigos córregos, hoje dessecados pelo avanço das dunas, podendo perfeitamente oferecer condições de sobrevivência a esses grupos, num meio que difere bastante do que hoje encontramos.



Fig. 38 - Fotografia de fragmento cerâmico que aflora sob a ação do vento no Parque das Dunas. Autor: Francisco de Assis de Lima.

### 3. 4 As pesquisas do Núcleo de Estudos Arqueológicos da Universidade Federal de Pernambuco

O NEA - Núcleo de Estudos Arqueológicos da Universidade Federal de Pernambuco, vem realizando estudos na área arqueológica do Seridó, entre os estados do Rio

Grande do Norte e da Paraíba desde o início dos anos 1980. Nesse período, Gabriela Martin iniciou prospecções na região, com o intuito de confirmar a veracidade dos desenhos rupestres apresentados no manuscrito de José de Azevedo Dantas “Indícios de uma civilização antiqüíssima”.<sup>116</sup>

Constatada a presença de abundantes sítios rupestres, foi iniciado um projeto de pesquisa, objetivando compreender o processo de ocupação pré-histórica na região, trabalhando com a hipótese de que grupos étnicos da tradição Nordeste de arte rupestre, originários do sul do Piauí teriam chegado à região do Seridó, e desenvolvido ali uma variedade de pinturas rupestres com características da tradição Nordeste, denominada de subtradição Seridó.



Mapa 6 - Mapa da área arqueológica do Seridó/RN. Fonte: MARTIN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste do Brasil**, p. 109.

Recentemente, o estudo de sítios na região resultou, além de outras evidências de ocupação humana, na coleta de fragmentos cerâmicos, objetos de estudos que permitiram a elaboração de uma dissertação de mestrado defendida em 2003 por Mauro Alexandre Farias Fontes<sup>117</sup> na Universidade Federal de Pernambuco. Nela o autor apresenta dois enfoques sistêmicos para a cerâmica coletada: uma cerâmica que ele chamou cotidiana e outra denominada cerimonial. Para esta abordagem, partiu do pressuposto de que as cerâmicas classificadas como cotidianas ou cerimoniais apresentariam diferenças técnicas no processo de confecção e manufatura. Deste modo, o estudo isolado da cerâmica de cada sítio poderia evidenciar estas diferenças. Além do que não houve pretensão de se estudar somente as

<sup>116</sup> MARTIN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste do Brasil**, p. 110.

<sup>117</sup> FONTES, Mauro Alexandre Farias. **A cerâmica pré-histórica da área arqueológica do Seridó/RN**. 2003. Dissertação (Mestrado em História) - UFPE/CFCH, Recife.

tipologias das vasilhas, mas todos os processos de “vida” das mesmas, ou seja sua função perante as necessidades do grupo humano que a utilizou. As evidências cerâmicas se encontraram em três sítios arqueológicos na região do Seridó.

O sítio arqueológico Pedra do Alexandre localizado às margens do rio Carnaúba, afluente do rio Seridó, no distrito do Ermo, no município de Carnaúba dos Dantas apresentou importantes características. Neste sítio, utilizado como cemitério durante aproximadamente 7 milênios, foram realizados rituais funerários variados, com enterramentos primários e secundários.<sup>118</sup> A variedade de rituais fúnebres se justifica pela grande dispersão temporal existente entre os diversos enterramentos, confirmada pelas datações, obtidas pelo método C-14, que vão de  $9.410 \pm 110$  anos até  $2.620 \pm 60$  anos. Todos os fragmentos cerâmicos coletados foram classificados como cotidianos, já que, apesar da presença de enxovais funerários, não havia indícios de material cerâmico nos ritos de inumação dos corpos.<sup>119</sup>

No sítio arqueológico Casa de Pedra, os restos cerâmicos coletados foram de número bem reduzido, sendo assim classificados como cerâmicas cotidianas, por não se encontrarem no entorno dos enterramentos.<sup>120</sup>

No sítio Pedra do Chinelo, um fator agiu na localização dos sedimentos arqueológicos: a água, fruto das enxurradas das chuvas que afetaram diretamente este sítio, alterando ou modificando as camadas arqueológicas. Mesmo assim uma estrutura funerária foi localizada, com restos de dois indivíduos, sendo encontrados fragmentos cerâmicos associados à sepultura, classificados como cerâmicas cerimoniais. Os fragmentos possuíam tratamento de superfície externa alisado associado ao inciso, e polido internamente. Contudo, a reduzida quantidade dos cacos não possibilitaram a reconstituição das formas das vasilhas.<sup>121</sup>

Esta cerâmica foi fabricada pela técnica de acordelamento; o antiplástico é de areia ou areia misturada à mica; o tratamento de superfície é o alisado, polido, e alisado associado ao inciso, com decoração plástica escovada e incisa, embora a grande maioria dos fragmentos seja sem decoração; a queima é oxidante incompleta ou redutora; Dos cacos cerâmicos coletados que possibilitaram uma reconstituição das formas, as peças cerâmicas se compõem de vasilhas abertas, esféricas, sendo mais comuns as de grande tamanho.

<sup>118</sup> MARTIN, Gabriela. Os rituais funerários na pré-história do Nordeste. *CLIO*, v. 1, n. 10, p. 33.

<sup>119</sup> FONTES, M. A. F. A cerâmica pré-histórica da área arqueológica do Seridó/RN, p. 40.

<sup>120</sup> *Ibid.*, p. 41.

<sup>121</sup> *Ibid.*, p. 38-39.

Estas são as observações relativas à cerâmica pré-histórica encontrada no Seridó potiguar até o presente momento. Novos achados poderão vir a ocorrer, tendo em vista as dimensões da área arqueológica ainda por pesquisar, não só relacionados à cerâmica, mas aos outros elementos de cultura material pré-histórica. A vastidão da área arqueológica do Seridó possibilita e carece de pesquisas, para que cada vez mais se chegue a uma compreensão da pré-história dos grupos humanos que habitaram a região, e se possa obter dados que auxiliem no entendimento da própria história do estado do Rio Grande do Norte.

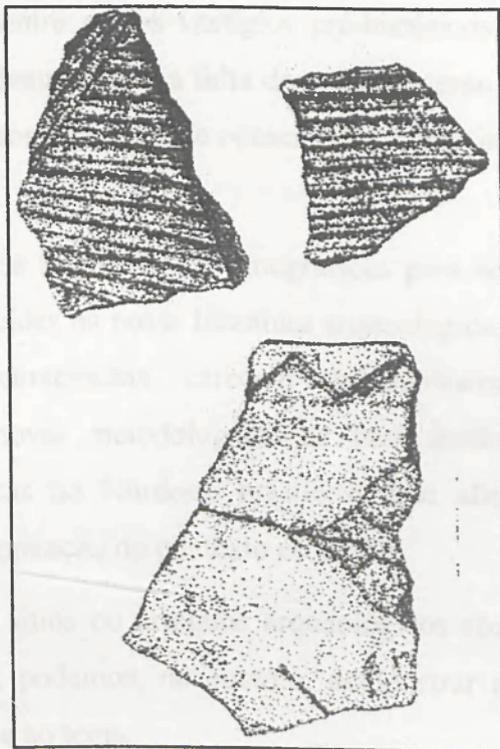


Fig. 39 - Fragmentos cerâmicos provenientes do Seridó/RN. acervo do Núcleo de Estudos Arqueológicos da UFPE. Fonte: FONTES, M. A. Farias. **A cerâmica pré-histórica da área arqueológica do Seridó:RN**, p. 48.

Como a maioria dos sítios com cerâmica arqueológica no Rio Grande do Norte se encontra na região litorânea, com a presença de dunas móveis, torna-se urgente o estudo e resgate de informações e material para que não se percam os dados deste estágio importante dos grupos humanos que habitaram ou conviveram neste ambiente. A urgência se faz maior ainda frente ao processo de urbanização em todo o litoral potiguar que está cada vez mais acelerado, além da atuação da indústria do turismo, que se desenvolve intensamente na região. Se nada for feito, estaremos fadados a perder preciosas informações necessárias para a reconstituição pré-histórica do homem no espaço litorâneo norte-rio-grandense.

### **3. 5 Grupos humanos pré-históricos no território norte-rio-grandense que conheciam a tecnologia cerâmica**

Tentar relacionar os grupos humanos pré-históricos que habitaram o espaço que ora compõe o território norte-rio-grandense com os sítios arqueológicos pré-históricos, é tarefa que excede os limites de uma monografia de graduação, devido a dificuldades de fontes, quer documentais, bibliográficas ou ainda de preservação do patrimônio pré-histórico, para não enumerar outras. Sabemos da destruição dos sambaquis no litoral brasileiro, para a

construção civil, da depredação de sítios rupestres, dentre outros vestígios pré-históricos, verdadeiros crimes contra o patrimônio arqueológico, denunciando a falta de conhecimento, consciência, ou ainda ganância material sobrepondo-se aos interesses de conservação e guarda de nossa memória.

Tentativas de estudos baseados em dados lingüísticos e etnográficos para se estabelecer rotas de migração, por exemplo, são conhecidas na nossa literatura arqueológica. Todavia as respostas conseguidas, quando não contestadas, carecem de melhores contextualizações, que só serão possíveis com as novas metodologias que vêm sendo empregadas, como a pesquisa das áreas arqueológicas no Nordeste brasileiro, que alia conhecimentos e recursos interdisciplinares para a interpretação do contexto estudado.

Diante da dificuldade de inferir áreas, sítios ou artefatos arqueológicos aos grupos indígenas que habitaram o território potiguar, podemos, no entanto, demonstrar a dispersão destes de acordo com a historiografia referente ao tema.

Os historiadores clássicos<sup>122</sup> da história do Rio Grande do Norte, apesar de lamentavelmente omitirem informações acerca dos habitantes pré-históricos do nosso estado, fornecem-nos, contudo, dados a respeito da localização das tribos nativas aqui encontradas na época do contato com o elemento europeu. Considerando-se a época em que produziram suas obras, as informações sobre pré-história a nível nacional eram incipientes, particularmente no Rio Grande do Norte. Notamos, todavia, as considerações feitas por Tarcísio Medeiros<sup>123</sup> sobre os habitantes pré-históricos desta região. Porém as obras de historiadores atuais,<sup>124</sup> não obstante os resultados advindos de pesquisas arqueológicas sobre a pré-história no estado fornecerem um bom número de informações, continuam com esta mesma lacuna, como se a história potiguar começasse de repente, com a visão de dentro de uma nau portuguesa de uma nova terra habitada por seres humanos que andavam nus, e que estes receberam dos europeus o nome de índios, quando na verdade esta história já se desenrolava neste “Novo Mundo” há aproximadamente 50.000 anos.<sup>125</sup>

<sup>122</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. **História do Rio Grande do Norte**, 2. ed. Rio de Janeiro: Achiamé, Natal: Fundação José Augusto, 1984; LYRA, Tavares de. **História do Rio Grande do Norte**. 2. ed. Natal: Fundação José Augusto, 1982; POMBO, Rocha. **História do Rio Grande do Norte**. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1922.

<sup>123</sup> MEDEIROS, Tarcísio. **Proto história do Rio Grande do Norte**. Rio de Janeiro: Presença; Natal: Fundação José Augusto. 1985.

<sup>124</sup> MONTEIRO, Denise Mattos. **Introdução à história do Rio Grande do Norte**. Natal. EDUFRN, 2000.

<sup>125</sup> Em 1992 teorias que não aceitavam o povoamento pré-histórico da América em datas estabelecidas antes de 12.000 anos AP tiveram que ser reformuladas, quando a arqueóloga Niède Guidon apresentou uma datação

Como possível relação de tribos indígenas com grupos humanos pré-históricos que habitaram o território do que ora compõe o estado do Rio Grande do Norte, podemos nos remeter às obras clássicas da história potiguar. Encontraremos um claro exemplo em Luís da Câmara Cascudo, que apresenta os índios denominados Tupi habitando o litoral, enquanto que os sertões do estado eram habitados pelos tapuias, termo usado pelos próprios tupis para designar os seus diferentes inimigos. Aliás, Cascudo também fornece informações sobre estes tupis chamados Potiguares, que “tinham aldeamento principal nas margens esquerdas do Potengi, e eram apelidados de *comedores de camarão*, de *poti-guara*.”<sup>126</sup> Estes dados nos confirmam o que a bibliografia arqueológica brasileira diz sobre grupos indígenas do ramo Tupi habitantes do litoral, dominando a tecnologia cerâmica denominada tradição Tupiguarani. Também refere-se ao termo Potiguar, adjetivo que designa aquele que nasce no Rio Grande do Norte, prova de que a história dos ancestrais do povo norte-rio-grandense ainda está viva, e merece ser preservada, incluindo-se aqui a sua pré-história, sempre esquecida.

A historiografia recente do Rio Grande do Norte também só nos remete aos antigos donos da região que hoje forma este estado, evidenciando a mesma distribuição. Para exemplificar a tendência, temos na obra de Denise Mattos Monteiro<sup>127</sup> referências aos Potiguara, habitantes do litoral, como pertencentes ao tronco Tupi, distribuídos entre o território que ia da Paraíba ao Ceará, e os Tarairiu, como habitantes da zona semi-árida, e que estes estariam divididos em diversas tribos: Janduí, Canindé, Gempapo, Paiacu, Panacu-açu, Caratiú, Ariu, Corema, Panati e Pega.

A autora diz que “o avanço de nosso conhecimento sobre os primitivos habitantes, entretanto, esbarra em uma grande dificuldade: a carência de vestígios dessas culturas... Dessa forma, o pouco que sabemos tem origem em registros que foram escritos, sobretudo, no período colonial”.<sup>128</sup> Sabemos, porém, que as pesquisas arqueológicas já nos revelaram muito acerca dos grupos humanos nativos destas terras. Verdade é que muito ainda há por se estudar, se confirmar ou se modificar no tocante aos conhecimentos pré-históricos do Brasil, mas não podemos negar a contribuição que a arqueologia pré-histórica tem dado para se conhecer melhor o período anterior à chegada dos habitantes do Velho Mundo.

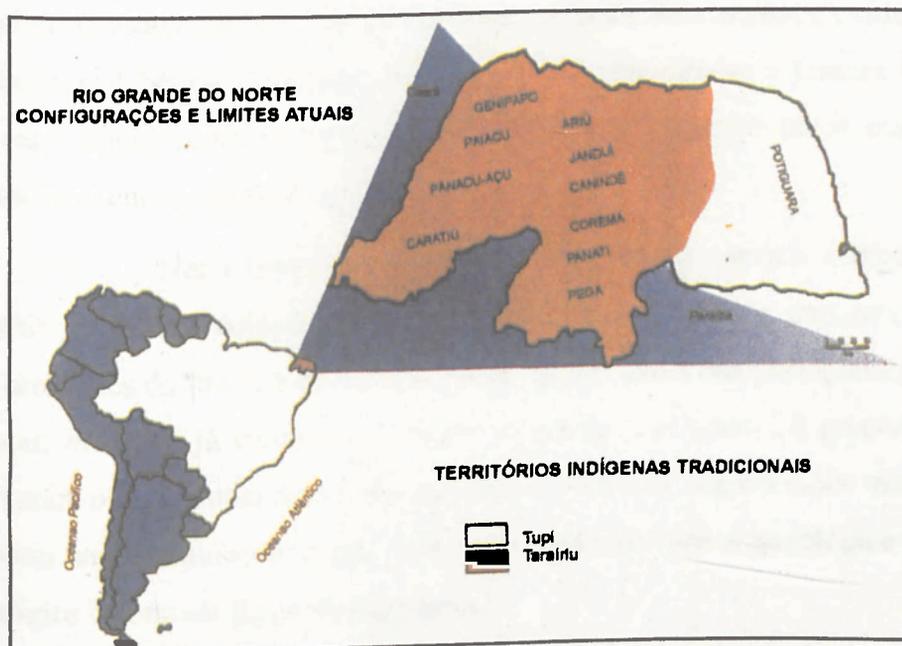
---

radiocarbônica de 48.000 anos AP, obtida no sítio Boqueirão da Pedra Furada, no Piauí, que testemunhava a presença humana naquelas paragens. Cf. MARTIN, Gabriela. *Pré-história do Nordeste do Brasil*, p. 61.

<sup>126</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *História, geografia e toponímia do Rio Grande do Norte*, p. 117.

<sup>127</sup> MONTEIRO, Denise Mattos. *Introdução à história do Rio Grande do Norte*.

<sup>128</sup> *Ibid.*, p. 20.



Mapa 7 - Mapa com a distribuição dos grupos indígenas tradicionais no início do processo de colonização no território do Rio Grande do Norte. Fonte: MONTEIRO, Denise Mattos. **Introdução à história do Rio Grande do Norte**, p. 24.

Num trabalho de síntese elaborado por Soraya Geronazzo Araújo e Fátima Martins Lopes,<sup>129</sup> as autoras apresentam os estudos sobre indígenas que viveram no território potiguar antes e durante algum tempo após a chegada dos europeus, até que estes dizimaram completamente aqueles, e tentaram apagar sua história, mas esta ainda hoje resiste e está viva, inclusive nos registros arqueológicos.

Neste trabalho realizou-se um apanhado do que se tinha inclusive como tentativa de se localizar as levas migratórias que chegaram ao continente americano e formaram, posteriormente os grupos Tupi e Tarairiu.

Ao tratar dos Tupi, as autoras demonstram sua presença na faixa costeira do Rio Grande do Norte, praticavam agricultura, moldavam o barro para fazer potes e panelas, e moravam em aldeias próximas a fontes d'água. Sobre os Tarairiu, relatam que viviam no clima hostil do sertão, e que por isso não tinham casas, construindo acampamentos. Tratam ainda dos Kariri, que tinham o costume de enterrar seus mortos em grandes vasos de barro, numa evidente alusão às urnas funerárias tão comentadas quando se trata de cerâmica das sociedades pré-históricas brasileiras.

Para elaborar este estudo as autoras citadas utilizaram-se inclusive da obra de Olavo de Medeiros Filho<sup>130</sup> na qual o autor se empenha em falar dos índios que habitaram o

<sup>129</sup> ARAÚJO, Soraya Geronazzo; LOPES, Fátima Martins. Os nativos da capitania do Rio Grande à época da conquista. In: ALMEIDA, Luis Sávio de; GALINDO, Marcos; SILVA, Edson. **Índios do Nordeste: temas e problemas**. Maceió: ED UFAL, 1999.

<sup>130</sup> MEDEIROS FILHO, Olavo de. **Índios do Açu e do Seridó**. Brasília: Ed. do Senado, 1984.

interior do estado do Rio Grande do Norte, tratando de aspectos da vida dos tapuias, religião, instrumental bélico, habitação, entre outros, destacando-se a famosa Guerra dos Bárbaros, levante tapuia contra o processo de colonização imposto pelos europeus que tomavam paulatinamente o território que lhes pertencia.

Nesta breve consideração a respeito dos grupos indígenas que habitaram o território que hoje compõe o estado do Rio Grande do Norte, encontramos referências sobre os habitantes do litoral e do sertão. Sabemos que, antes dos portugueses aqui chegarem, estes grupos humanos já viviam nesta terra há milhares de anos. Os grupos Tupi, mais recentes, forçaram outros grupos a se deslocarem para o interior, ou, em casos menos belicosos pode ter havido uma aculturação, o que poderia se supor do sítio arqueológico de Mangueiros, cujos vestígios cerâmicos parecem sugerir isto.

Por outro lado, a presença longínqua de grupos que dominavam a tecnologia cerâmica se percebe na fase Papeba. Estes teriam sido suplantados pelos Tupi, pois a posição cronológica da fase cerâmica Curimataú se localiza estratigraficamente em nível superior à fase Papeba, com indícios de um período de convivência que pode ser relativo ao tempo do encontro de dois grupos indígenas distintos, mas sem se observar sinais de aculturação.

Dados tão significativos para o resgate arqueológico com vias a se aprofundar os conhecimentos pré-históricos do Rio Grande do Norte, inserido numa conjuntura de níveis regional e nacional não podem ser relegados a segundo plano. É necessário que tomemos com mais seriedade a contribuição que a arqueologia e a pré-história podem trazer para a compreensão da nossa própria história.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da pré-história brasileira tem certas dificuldades, oriundas das características esparsas e fragmentárias das fontes. Um esboço geral das sociedades que habitaram o território brasileiro no período anterior à chegada dos europeus esbarra frente a problemas como a falta de estudos sistematizados e continuados, tendo assim as pesquisas fornecido contribuições limitadas na reconstituição desse período.

As orientações metodológicas do Programa Nacional de pesquisas Arqueológicas, sem negar sua contribuição ao estudo da pré-história brasileira, restringiram-se a informações descritivas, quando poderiam ter sido bem mais complexas; limitou avanços, sem contar que a continuidade dos trabalhos permitiria visualizar novos horizontes, o que não aconteceu.

Por outro lado, a implantação de diversas instituições de pesquisas arqueológicas em vários estados brasileiros a partir do impulso inicial dado pelo PRONAPA, possibilitou o desenvolvimento de novas metodologias, e de resultados mais abrangentes, sobretudo a partir da utilização de conceitos e métodos difundidos pela corrente teórica chamada "Nova Arqueologia", em uso a partir de 1960, gerando conclusões mais detalhadas no tocante ao estudo da era ágrafa brasileira.

Como pudemos perceber no desenvolver do nosso trabalho, estas novas opções metodológicas vêm sendo aplicadas no Nordeste, e nele, inserido o Rio Grande do Norte, obtendo-se com isso esclarecimentos mais consistentes que estão modificando o conhecimento do panorama pré-histórico da região e, por conseguinte, do Brasil como um todo.

Os conhecimentos já adquiridos a respeito dos grupos humanos responsáveis pela produção da cerâmica arqueológica e de demais elementos materiais e culturais na pré-história norte-rio-grandense perpassam pelas inferências relativas a aspectos de uma economia incipiente, ou de rituais funerários, de organização habitacional, hierarquia tribal, adaptações ao meio ambiente, aproveitamento de recursos naturais disponíveis no meio, entre outros aspectos das sociedades pré-históricas e respaldam a pesquisa arqueológica, gerando desafios com vistas a se aprofundar cada vez mais estas noções adquiridas a partir do que ora dispomos sobre a pré-história potiguar.

Todavia, estas novas perspectivas ainda conservam um caráter incipiente, frente ao muito que temos a aprender na referida temática, demonstrando que há ainda todo

um campo amplo para se pesquisar, e em certos aspectos esta diversidade arqueológica se reveste de um caráter urgente, dada a localização das regiões com sítios arqueológicos como a área dunar no Rio Grande do Norte, que se vê ameaçada pela urbanização litorânea crescente e pela exploração turística ali desenvolvida, ficando evidente neste particular a inoperância da legislação destinada à preservação do patrimônio arqueológico brasileiro.

Percebemos, no que se dispõe até o presente momento, relativo a conhecimentos sobre a pré-história do Rio Grande do Norte, que o que foi produzido em termos de conhecimento tende a conservar o caráter descritivo das obras tradicionais como os resultados do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, e os recentes trabalhos sobre povos ceramistas estão articulados com a historiografia ou correntes de interesse em voga, ou seja, se num primeiro momento os resultados voltaram-se sempre para a descrição das tipologias das peças cerâmicas, métodos de manufatura, matérias primas, etc., hoje esses resultados prendem-se a classificações em torno dos possíveis usos dessas peças cerâmicas, sempre numa tentativa de se chegar a um conhecimento das sociedades que as produziram e ou as utilizaram.

Diante do que pudemos apreender, o Rio Grande do Norte se insere, no contexto arqueológico brasileiro, como um estado que oferece uma oportunidade privilegiada no desvendar da pré-história do Brasil. Neste território, sociedades detentoras de diversas culturas materiais, entre elas a tecnologia cerâmica, viveram e deixaram vestígios diretos, testemunhando sua ação no Rio Grande do Norte. Urnas funerárias, assadores, alguidares, cachimbos, são alguns dos registros legados à posteridade que, examinados pelos cientistas especializados, denunciam aspectos sociais, econômicos, místicos, etc., destes povos pré-históricos que aqui habitaram, caracterizando-se como testemunhos materiais, que recolhidos por entidades como o Museu Câmara Cascudo ou o Larq - Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, quando analisados, revelam dados para a compreensão da pré-história potiguar.

Lamentavelmente, estas instituições encontram-se paralisadas no que concerne à pesquisa arqueológica. Se faz necessária uma reavaliação dos objetivos pré-estabelecidos e a continuidade das pesquisas, utilizando-se das novas metodologias propostas, para que se possibilite progressivamente a caracterização dos grupos humanos que se encontravam em toda a vastidão do território que ora compõe o estado do Rio Grande do Norte.

## BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, Marcos. Ocupação Tupiguarani no estado de Pernambuco. **CLIO**, n. 4 (extraordinário). Anais do I simpósio de pré-história do Nordeste brasileiro. Recife: EDUFPE, 1991, p. 115-116.

ALBUQUERQUE, Paulo Tadeu de Souza. **Projeto Dunas**: relatório final. 1997. RELATÓRIO DE PESQUISA – PPPG/UFRN, Natal.

ALBUQUERQUE, Paulo Tadeu de Souza; SPENCER, Walner Barros. A ocupação pré-histórica do litoral norte-rio-grandense. In: KERN, Arno Alvarez (Org). **Anais da VIII reunião científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira**. Coleção Arqueologia, Porto Alegre, EDIPUCRS, n. 1, v. 2, p. 179-204.

\_\_\_\_\_. Projeto arqueológico: O homem das dunas (RN). **CLIO**, Recife, v. 1, n. 10, p. 175-188, 1994.

ALMEIDA, Luis Sávio de; GALINDO, Marcos; SILVA, Edson (Orgs). **Índios do Nordeste: temas e problemas**. Maceió: EDUFAL, 1999.

ALVES, Cláudia. A cerâmica pré-histórica no Brasil: avaliação e proposta. **CLIO**, Recife, v. 1, n. 7, p. 11-88. EDUFPE, 1991.

ALVES, Claudia; LUNA, Suely; NASCIMENTO, Ana. A cerâmica pré-histórica no Nordeste brasileiro. **CLIO**, Recife, v. 1, n. 6, p. 103-112. EDUFPE, 1990.

ARAUJO, Soraya Geronazzo; LOPES, Fátima Martins. Os nativos da capitania do Rio Grande à época da conquista. In: ALMEIDA, Luis Sávio de; GALINDO, Marcos; SILVA, Edson. (Orgs). **Índios do Nordeste: temas e problemas**. Maceió: EDUFAL, 1999, p. 221-240.

BAETA, Alenice; PROUS, André; RUBBILOLO, Ezio. **O patrimônio arqueológico da região de Matozinhos**: conhecer para proteger. Belo Horizonte: Ed. do autor, 2003.

BARDI, P. M. (Ed). **A arte da cerâmica no Brasil**. [s. 1.] Banco Sudameris Brasil, 1980.

BROCHADO, José Proenza. A tradição cerâmica Tupiguarani na América do Sul. **CLIO**, Recife, v. 1, n. 3, p. 47-60, 1988.

\_\_\_\_\_. Um modelo ecológico de difusão da cerâmica e da agricultura no leste da América do Sul. **CLIO**, Recife, n. 4 (extraordinário). Anais do I simpósio de pré-história do Nordeste brasileiro, 1991, p. 85-87.

BUARQUE, Angela. A cultura tupinambá no estado do Rio de Janeiro. In: TENÓRIO, Maria Cristina (Org). **Pré-história da terra brasilis**. Rio de Janeiro: EDUFRJ, 2000, p. 307-320.

CAGGIANO, Maria Amanda; JACOBUS, André Luiz; SCATAMACCHIA, Maria Cristina Mineiro. O aproveitamento científico de coleções museológicas: proposta para a classificação de vasilhas cerâmicas da tradição Tupiguarani. **CLIO**, Recife, n. 4 (extraordinário). Anais do I Simpósio de Pré-história do Nordeste brasileiro, 1991, p. 89-94.

CARDIM, Fernão. **Tratados da terra e gente do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História do Rio Grande do Norte**. 2. ed. Rio de Janeiro: Achiamé; Natal: Fundação José Augusto, 1984.

\_\_\_\_\_. **Nomes da terra: geografia, história e toponímia do Rio Grande do Norte**. Natal: Fundação José Augusto, 1982.

CHMYZ, Igor et al. Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica, **Cadernos de Arqueologia**, Paranaguá: Museu de Arqueologia e Artes Populares: UFPR, ano 1, p. 119-148, 1976.

- CUNHA, Manuela Carneiro da (Org). **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura: FAPESP, 1992.
- D'ABEVILLE, Claude. **História da missão dos padres capuchinhos na Ilha do Maranhão e terras circunvizinhas**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975.
- DANTAS, José de Azevedo. **Indícios de uma civilização antiqüíssima**. João Pessoa: Casa de José Américo: Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba, 1994.
- EHRENREICH, Paulo. Divisão e distribuição das tribos do Brasil, segundo o estado atual dos nossos conhecimentos. **Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro**, 1892, 1º Boletem.
- FONTES, Mauro Alexandre Farias. **A cerâmica pré-histórica da área arqueológica do Seridó:RN**. 2003. Dissertação (Mestrado em História) – UFPE, Recife, 2003.
- GASPAR, Maria Dulce. A pré-história do estado do Rio de Janeiro: sistemas sociais identificados até a chegada dos europeus. **Boletim do Museu Nacional**, n. 60, 1992.
- GASPAR, Maria Dulce; IMAZIO, Maura. Os pescadores-coletores-caçadores do Litoral Norte brasileiro. In: TENÓRIO, Maria Cristina (Org). **Pré-história da terra brasilis**. Rio de Janeiro: EDUFRJ, 2000, p. 247-258.
- GOMES, Denise Maria Cavalcante. **Cerâmica arqueológica da Amazônia: vasilhas da coleção tapajônica MAE/USP**. São Paulo: EDUSP: FAPESP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.
- KERN, Arno Alvarez (Org). **Anais da VIII reunião científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira**. Coleção Arqueologia, Porto Alegre, EDIPUCRS. v. 2, n. 1, 1992.
- LAROCHE, Armand François Gaston. **Contribuições para a arqueologia Pernambucana: Os sítios arqueológicos do Monte do Angico - Bom Jardim - PE**. Recife: Gabinete de História Natural, 1977.

CUNHA, Manuela Carneiro da (Org). **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura: FAPESP, 1992.

D'ABEVILLE, Claude. **História da missão dos padres capuchinhos na Ilha do Maranhão e terras circunvizinhas**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975.

DANTAS, José de Azevedo. **Indícios de uma civilização antiqüíssima**. João Pessoa: Casa de José Américo: Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba, 1994.

EHRENREICH, Paulo. Divisão e distribuição das tribos do Brasil, segundo o estado atual dos nossos conhecimentos. **Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro**, 1892, 1º Boletim.

FONTES, Mauro Alexandre Farias. **A cerâmica pré-histórica da área arqueológica do Seridó:RN**. 2003. Dissertação (Mestrado em História) – UFPE, Recife, 2003.

GASPAR, Maria Dulce. A pré-história do estado do Rio de Janeiro: sistemas sociais identificados até a chegada dos europeus. **Boletim do Museu Nacional**, n. 60, 1992.

GASPAR, Maria Dulce; IMAZIO, Maura. Os pescadores-coletores-caçadores do Litoral Norte brasileiro. In: TENÓRIO, Maria Cristina (Org). **Pré-história da terra brasilis**. Rio de Janeiro: EDUFRJ, 2000, p. 247-258.

GOMES, Denise Maria Cavalcante. **Cerâmica arqueológica da Amazônia: vasilhas da coleção tapajônica MAE/USP**. São Paulo: EDUSP: FAPESP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

KERN, Arno Alvarez (Org). **Anais da VII reunião científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira**. Coleção Arqueologia, Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 2, n. 1, 1992.

LAROCHE, Armand François Gaston. **Contribuições para a arqueologia Pernambucana: Os sítios arqueológicos do Monte do Angico - Bom Jardim - PE**. Recife: Gabinete de História Natural, 1977.

\_\_\_\_\_. **Contribuições para a pré-história Pernambucana**. Recife. Gabinete de História Natural, 1975.

\_\_\_\_\_ ; Adjelma Soares e Silva Laroche. **O sítio arqueológico de Mangueiros (Macaíba – RN)**. Recife: Ed. Massangana/Fundação Joaquim Nabuco, 1982.

LÉRY, de Jean. **Viagem à terra do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980.

LUNA, Suely Cristina Albuquerque de. **As populações ceramistas pré-históricas do baixo São Francisco – Brasil**. 2001. Tese (Doutorado em História) - UFPE, Recife, 2001.

LUNA, Suely; NASCIMENTO, Ana. A cerâmica arqueológica dos sítios dunares no Rio Grande do Norte – Brasil. **CLIO**, Recife, v. 1, n. 12, p. 17-25, 1997.

MACHADO, Ana Lúcia da Costa. **As tradições cerâmicas da Bacia Amazônica: uma análise crítica baseada nas evidências arqueológicas do médio rio Urubu (AM)**. 1991, v. ½. Dissertação (Mestrado em História) – UFPE, Recife, 1991.

MARANCA, Sílvia. Noções básicas para uma tipologia cerâmica. **Revista do Museu Paulista**, [s. d.] v. 22.

MARTIN, Gabriela. A coleção arqueológica do museu de Mossoró (RN). **CLIO**, Recife, v. 1, n. 3, p. 73-87, 1980.

\_\_\_\_\_. A missão carmelita de Vila Flor: primeiros resultados do projeto arqueológico histórico. **CLIO**: Recife. Série História do Nordeste, n. 10, p.143-155, 1988.

\_\_\_\_\_. Os rituais funerários na pré-história do Nordeste. **CLIO**, Recife, v. 1, n. 10, p. 29-46. 1994.

\_\_\_\_\_. **Pré-história do Nordeste do Brasil**. 3. ed. atual. Recife: EDUFPE, 1999.

- MEDEIROS FILHO, Olavo de. **Índios do Açu e do Seridó**. Brasília: Gráfica do Senado, 1984.
- MEDEIROS, Tarcísio. **Proto história do Rio Grande do Norte**. Rio de Janeiro: Presença; Natal: Fundação José Augusto. 1985.
- MEGGERS, Betty Jane. **América pré-histórica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- MONTEIRO, Denise Mattos. **Introdução à história do Rio Grande do Norte**. Natal: EDUFRN, 2000.
- MOURA, Pedro Rebouças. **Fatos da história do Rio Grande do Norte**. Natal. Companhia Editora do Rio Grande do Norte, 1986.
- NASSER, Nássaro Antonio de Souza. Considerações preliminares sobre a arqueologia da bacia do rio Curimataú. **PRONAPA: publicações avulsas**, 15. Belém: Museu Emílio Goeldi, 1971, p. 179-190.
- \_\_\_\_\_. Notas preliminares sobre a arqueologia da foz do sistema Curimataú-Cunhaú. **PRONAPA: publicações avulsas**, 6. Belém: Museu Emílio Goeldi, 1967, p. 121-128;
- \_\_\_\_\_. Nova contribuição à arqueologia do Rio Grande do Norte. **PRONAPA: publicações avulsas**, 26. Belém: Museu Emílio Goeldi, 1974, p. 155-166.
- PESSIS, Anne-Marie. Pré-história da região do Parque Nacional Serra da Capivara. In: TENÓRIO, Maria Cristina (Org). **Pré-história da terra brasilis**. Rio de Janeiro: EDUFRJ, 2000, p. 61-74.
- \_\_\_\_\_. Arqueologia, pré-história e história. In: TENÓRIO, Maria Cristina (Org). **Pré-história da terra brasilis**. Rio de Janeiro: EDUFRJ, 2000, p. 19-34.
- PROUS, André. **Arqueologia brasileira**. Brasília: Ed. da UNB, 1990.

NEVES, Eduardo Góes. Duas interpretações para explicar a ocupação pré-histórica na Amazônia. In: TENÓRIO, Maria Cristina (Org). **Pré-história da terra brasilis**. Rio de Janeiro: EDUFRJ, 2000, p. 359-370.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, Érika Marion. Diversidade cultural entre os grupos ceramistas do Sul-Sudeste brasileiro: o caso do Vale do Ribeira do Iguape. In: TENÓRIO, Maria Cristina (Org). **Pré-história da terra brasilis**. Rio de Janeiro: EDUFRJ, 2000, p. 293-306.

\_\_\_\_\_; ZANETTINI, Paulo Eduardo. **Jacareí às vésperas do descobrimento: a pesquisa arqueológica no sítio Santa Maria**. Jacareí: Fundação Cultural de Jacarehy, 1999.

ROOSEVELT, Anna Curtenius. Arqueologia amazônica. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (Org). **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura: FAPESP, 1992, p. 53-86.

SALGADO-LABOURIAU, Maria Léa. **História ecológica da terra**. 2. ed. São Paulo: Edgar Blücher, 1993.

SANTOS, Claristella Alves dos. **Rotas de migração Tupiguarani: análise das hipóteses**. 1991, Dissertação (Mestrado em História) – UFPE, Recife, 1991.

SCHMITZ, Pedro Inácio. O Guarani: história e pré-história. In: TENÓRIO, Maria Cristina (Org). **Pré-história da terra brasilis**. Rio de Janeiro: EDUFRJ, 2000, p. 285-292.

SILVA, Antonio Campos e. **Levantamento do material pré-histórico do Oeste potiguar**. Mossoró: Fundação Guimarães Duque, 1982. (Coleção Mossoroense. Série B, n. 329).

SIMÕES, Mário F. **Índice das fases arqueológicas brasileiras, 1950-1971**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1972.

SOARES, Luci de Lourdes. **Notas a lápis sobre a arqueologia norte-rio-grandense**. Mossoró: Fundação Guimarães Duque, 1982. (Coleção Mossoroense. Série B, n. 381).

STADEN, Hans. **Duas viagens ao Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1974;

TENÓRIO, Maria Cristina (Org). **Pré-história da terra brasilis**. Rio de Janeiro: EDUF RJ, 2000.

ZANINI, Walter (Org). **História Geral da arte no Brasil**. São Paulo: Instituto Walter Moreira Sales, 1983. v. 1.

## GLOSSÁRIO

**Acanalado** - Tipo de decoração que consiste em marcar a superfície da cerâmica com dedos, formando sulcos alongados.

**Antiplástico** - Matéria introduzida na pasta para conseguir condições técnicas propícias à uma boa secagem e queima, como: cacos triturados, areia quartzo, conchas e ossos moídos, cauixi, cariapé, etc.

**Cultura material** - Termo empregado para designar a porção da totalidade material socialmente apropriada, incluindo artefatos, ecofatos, biofatos e abrangendo ainda toda representação física da cultura.

**Engobo** - Espécie de tinta ou pasta argilosa que serve de revestimento para certos vasilhames cerâmicos.

**Enterramento primário** - Primeiro enterramento realizado com o indivíduo, fazendo-se ou não rituais funerários.

**Enterramento secundário** - Um segundo enterramento realizado após a perda das partes brandas do corpo, ritualizando-se o esqueleto, por vezes, pintando-se os ossos com pigmentos, e utilizando-se urnas funerárias de cerâmica, entre outros métodos para colocar os ossos.

**Escavação estratigráfica** - Implica que os estratos do sítio sejam retirados, segundo sua colocação e configuração original, no sentido inverso ao que foram depositados.

**Fase** - Qualquer complexo de cerâmica, lítico, padrões de habitação, etc., relacionado no tempo e no espaço, num ou mais sítios.

**Igaçaba** - (Palavra Tupi): grande pote de cerâmica, destinado a conter líquidos. Por vezes reaproveitado para sepultar os mortos, adquirindo a função de urna funerária.

**Prospecção** - Trabalho sistemático de campo, num ou mais sítios arqueológicos.

**Radiocarbono (ou  $^{14}\text{C}$ )** - Primeiro método de datação absoluta desenvolvido, em 1949. Avalia a radioatividade residual dos corpos mortos. Os seres vivos (vegetais e animais) fixam partículas de carbono, algumas das quais (sempre na mesma proporção) vêm do espaço cósmico e são radioativas (isótopo 14, ou seja “carbono”). Quando ocorre a morte, não há mais renovação do carbono; o carbono radioativo (de massa atômica 14), instável, transforma-se então progressivamente em carbono 12 (isótopo estável). Quanto menos carbono 14 sobra, maior será o tempo decorrido desde a morte. Este método não permite datar além de 40.000 anos, quando a quantidade de carbono 14 torna-se pequena demais para ser medida.

**Seriação** - Manipulação de um conjunto de dados obtidos de vários níveis, cortes e coleções de superfície para alcançar uma sequência da história de uma cultura.

**Tembetá** - Adorno exclusivamente masculino, inserido no lábio inferior por um orifício, praticado no momento da cerimônia de iniciação dos jovens.

**Termoluminescência** - Método de datação absoluta, utilizável para objetos de pedra ou barro que foram queimados. Elétrons “livres” viajam na matéria e acabam sendo aprisionados em “armadilhas” formadas por falhas na estrutura atômica. Quando há fornecimento de energia (calor forte, por exemplo), os elétrons aprisionados são expulsos da armadilha e retomam sua corrente errante, caindo de novo nas “armadilhas” num ritmo constante - específico de cada material, que pode ser calculado. Quanto menor a quantidade de elétrons livres, mais antiga será a última data de aquecimento.

**Tipo** - Grupo de características comuns que distingue determinados artefatos, ou seus restos, de outros semelhantes. Para cerâmica usa-se somente com aqueles que têm descrição formal.

**Tipologia** - Toda a ordenação de um conjunto de artefatos baseada na confrontação sistemática dos seus atributos intrínsecos (matéria-prima, forma, etc.) e extrínsecos (contexto arqueológico), visando à obtenção de informações sobre a inter-relação dos artefatos no tempo e no espaço. A tipologia, enquanto operação de classificação por semelhanças e diferenças, pode partir de critérios funcionais (pelos usos), morfológicos (pelas formas) e assim por diante.

**Tradição** - Grupos de elementos ou técnicas, com persistência temporal.

**ANEXOS**

**MAPA COM A DISTRIBUIÇÃO DAS TRADIÇÕES, FASES E ÁREAS COM SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS CERÂMICOS NO BRASIL.**

